

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA



Campus Universitário de Jequié/BA

Programa de Pós-Graduação

- Educação Científica e Formação de Professores -



**PPG.ECFP**

Programa de Pós-Graduação em  
Educação Científica e Formação de Professores



**A TRANSIÇÃO DO CLÁSSICO PARA O MODERNO: O  
ENSINO DE MATEMÁTICA NO COLÉGIO TAYLOR-EGÍDIO  
NO MUNICÍPIO DE JAGUAQUARA - BA (1950-1969)**

**MALÚ ROSA BRITO GOMES**

2015

**MALÚ ROSA BRITO GOMES**

**A TRANSIÇÃO DO CLÁSSICO PARA O MODERNO: O  
ENSINO DE MATEMÁTICA NO COLÉGIO TAYLOR-EGÍDIO  
NO MUNICÍPIO DE JAGUAQUARA - BA (1950-1969)**

*Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia para obtenção do título Mestre em Educação Científica e Formação de Professores*

Orientador: Prof. Dr. Claudinei de Camargo Sant'Ana

**Jequié/BA - 2015**

Gomes, Malú Rosa Brito Gomes.

S578 A transição do clássico para o moderno: o ensino de matemática no colégio Taylor-Egídio no município de Jaguaquara - BA (1950-1969) / Malú Rosa Brito Gomes. - Jequié, 2015.

126 f: il.; 30cm.

Dissertação de Mestrado (Pós-graduação em Educação Científica e Formação de Professores da - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2015. Orientador: Profº. Dr. Claudinei de Camargo Sant'Ana)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO CIENTÍFICA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

A TRANSIÇÃO DO CLÁSSICO PARA O MODERNO: O ENSINO DE MATEMÁTICA NO  
COLÉGIO TAYLOR EGÍDIO NO MUNICÍPIO DE JAGUAQUARA-BA (1950-1969)

Autor: **Malú Rosa Brito Gomes**

Orientador: **PROF. DR. CLAUDINEI CAMARGO SANT'ANA**

Esse exemplar corresponde à redação final da  
Dissertação defendida por **Malú Rosa Brito Gomes**  
e aprovada pela Comissão Julgadora

Data: 30/03/2015

Assinatura

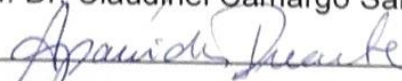


Prof. Dr. Claudinei Camargo Sant'Ana

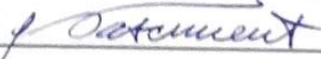
COMISSÃO JULGADORA



Prof. Dr. Claudinei Camargo Sant'Ana - UESB



Prof.ª Dr.ª Aparecida Rodrigues Silva Duarte - UNIAN



Prof. Dr. Jorge Costa do Nascimento - UESB

*Aos meus primeiros educadores e  
incentivadores da minha trajetória acadêmica,  
minha mãe Marlene e meu pai Edisio.*

## Agradecimentos

A Deus, primeiramente, por me conceder a graça da realização de mais uma etapa da minha trajetória acadêmica; pela fé, perseverança, superação, paciência e força concedidas a mim para enfrentar os obstáculos durante a caminhada. Senhor, toda Honra e Glória a Ti!

À minha querida mãe Marlene, por estar sempre presente, me apoiando em meus objetivos, realizações e conquistas.

Ao meu querido pai Edisio, por sempre me apoiar e incentivar em minhas escolhas de estudo.

Às minhas irmãs Emanuelle e Milli, pelo carinho, torcida e apoio.

Ao Prof. Dr. Claudinei de Camargo Sant'Ana, pela orientação e por todas as contribuições ao longo do Mestrado.

À Profa. Dra. Aparecida Rodrigues Silva Duarte, à Profa. Dra. Janice Cássia Lando e ao Prof. Dr. Jorge Costa do Nascimento pelas valorosas contribuições a esta pesquisa.

A todos do Colégio Taylor-Egídio, pela excelente colaboração e auxílio a esta pesquisa. Em especial, ao pastor Antônio Barros (ex-diretor), que me recebeu de braços abertos, e à atual diretora Sonilda Sampaio, que sempre foi muito prestativa.

À Sra. Stela Dubois, pelas informações sobre a criação do Colégio Taylor-Egídio.

Às funcionárias Sandra, Cau e Leninha, que tiveram muita paciência e atenção para comigo nos vários momentos de visita ao Colégio Taylor-Egídio.

À Associação de ex-alunos e amigos do Colégio Taylor-Egídio (EXALTE), que em muito contribuiu com informações acerca dos professores que lecionaram Matemática, no Colégio Taylor-Egídio, no período de 1950-1969.

A todos do Colégio Taylor-Egídio, minha eterna gratidão!

Aos professores de Matemática do Colégio Taylor-Egídio (no período de 1950-1969) que participaram da pesquisa, Edesio José de Oliveira, João Rocha da Silva, Lourival José dos Santos e Antonia Nilzete de Farias, pela excelente

contribuição em compartilhar as suas trajetórias profissionais no que se refere ao exercício da docência da Matemática.

À Sra. Lícia do Eirado e Silva, pelas informações e consulta de materiais referentes à cidade de Jaguaquara.

Ao Prof. Ligio Ribeiro Farias, pelas informações fornecidas sobre o município de Jaguaquara.

Aos integrantes do Grupo de Estudos em Educação Matemática (GEEM/BA), pelos enriquecedores momentos de discussões, estudos, reflexões, em especial Leila Silva, Ana Paula Silva Almeida, Gabriele Silva Carneiro e Rosimeire dos Santos Amaral.

A Márcio Oliveira D'Esquivel, pelas referências sobre o Colégio Taylor-Egídio, e, pelos momentos de parceria em estudos nas atividades das disciplinas do mestrado.

Aos docentes e colegas do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores (PPGECFP) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus de Jequié - BA, pelo conhecimento compartilhado.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa, o que possibilitou a realização dos meus estudos na caminhada do Mestrado.

Enfim, a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram, torceram, apoiaram, incentivaram, acreditaram na realização desta etapa da minha trajetória acadêmica.

## RESUMO

A pesquisa teve por objetivo reconstruir, na perspectiva da História Cultural, uma história do ensino da matemática, no curso ginásial do Colégio Taylor-Egídio (CTE), localizado no município de Jaguaquara - BA, no período de 1950 a 1969. Este recorte temporal se refere ao período em que aconteceram os primeiros Congressos Brasileiros do Ensino da Matemática (1955, 1957, 1959, 1962, 1966) e, também, à década de 60 do século XX, período em que aconteceu o Movimento da Matemática Moderna (MMM). Fundamentado nos pressupostos teórico-metodológicos da história cultural, da cultura escolar e das disciplinas escolares, foi necessário apropriar-se dos posicionamentos dos autores Chartier (2002), Julia (2001) e André Chervel (1990). Assim, intentou-se, na investigação, compreender como, em um contexto sociocultural e educacional, aconteceu o processo de modernização da Matemática no CTE; entender como os conteúdos da Matemática Moderna (MM) foram inseridos no currículo escolar da Matemática nesse Colégio e como os professores de Matemática do CTE durante a sua trajetória profissional se apropriaram em suas práticas pedagógicas dos assuntos da MM. Para tanto, foram utilizados os diários de classe de Matemática, entrevistas com docentes de Matemática do CTE, alguns relatos de ex-alunos do CTE, além das leis educacionais vigentes no Brasil no recorte temporal investigado. Por meio do levantamento das fontes, foi possível identificar em que ano se iniciaram e quais conteúdos da Matemática Moderna foram inseridos no currículo escolar. Com os depoimentos dos docentes de Matemática do CTE, percebeu-se que a apropriação em suas práticas pedagógicas foi feita, na maioria das vezes, por meio dos livros didáticos, de maneira autodidata e, em raros casos, por meio de cursos de capacitação.

**Palavras-chave:** História do Ensino de Matemática. Colégio Taylor-Egídio. Matemática do Ginásio. Movimento da Matemática Moderna.



## ABSTRACT

This survey aimed to reconstruct, in a cultural history perspective, a history of mathematics teaching in the secondary school of the Taylor-Egídio School in the municipality of Jaguaquara - Bahia - in the period from 1950 to 1969. This time frame refers to the period in which the first Brazilian Conferences of Mathematic Education (1955, 1957, 1959, 1962, 1966) occurred and also to the 60s decade of the twentieth century, during which the Modern Mathematics Movement - MMM - happened. Grounded in the theoretical and methodological assumptions of cultural history, school culture and school disciplines, the postulates of the authors Chartier (2002), Julia (2001) and Andrew Chervel (1990) had to be taken as tenets. Thus, in this research we attempted to understand how, in socio-cultural and educational contexts, the modernization of Mathematics happened in the TES; as well as understand how the contents of Modern Mathematics (MM) were inserted in the school mathematics' curriculum and how during their career the Math's teachers appropriated themselves of the MM issues in their teaching practices. Therefore, the math class diaries were used, also interviews with Mathematics teachers of the TES, reports from former TES students, in addition to the existing educational laws in Brazil during the surveyed period. Through the assessment of sources it was possible to identify in what year Modern Mathematics began and which contents were inserted in the school curriculum. With the testimonies of the TES Mathematics teachers, we realized that the appropriation, in their teaching practices, occurred, for the most part, through textbooks, in an autodidact way and, in rare cases, through training courses.

**Keywords:** Mathematics Teaching History. Taylor-Egídio School. Gymnasium Mathematics. Movement of Modern Mathematics.

## Lista de Quadros, Figuras e Imagens

Quadro 1	A avaliação no Ensino de Matemática no CTE (1950-1969)	p. 55
Quadro 2	O Ensino de Matemática no Ginásio do Colégio Taylor-Egídio (1950 e 1951)	p. 63
Quadro 3	Conteúdos de Matemática no Diário de Classe de Matemática no ano de 1956	p. 72
Quadro 4	O Ensino de Matemática no Ginásio do Colégio Taylor-Egídio (1956-1958)	p. 74
Quadro 5	O Ensino de Matemática no Ginásio do Colégio Taylor-Egídio (1959-1960)	p. 78
Quadro 6	Ensino de Matemática no Ginásio do Colégio Taylor-Egídio (1961 - 1963)	p. 88
Quadro 7	Ensino de Matemática no Ginásio do Colégio Taylor-Egídio (1964 - 1966)	p. 94
Quadro 8	Matemática Moderna no CTE - 1966	p.95
Quadro 9	Matemática Moderna no CTE - 1967	p. 99
Quadro 10	Matemática Moderna no CTE - 1968	p. 100
Quadro 11	Matemática Moderna no CTE - 1969	p. 100
Quadro 12	Modernização do Ensino da Matemática na trajetória profissional dos Docentes do CTE (1950 - 1969)	p. 101
Imagem 1	Capa do Diário de Classe de Matemática do CTE do ano de 1950	p. 56
Imagem 2	Capa do Diário de Classe de Matemática do CTE do ano de 1956	p. 57
Imagem 3	Página do Diário de Classe de Matemática do CTE do ano de 1950	p. 58
Imagem 4	Página do Diário de Classe de Matemática do CTE do ano de 1956	p. 59
Imagem 5	Capa do Diário de Classe de Matemática do CTE do ano de 1960	p. 60
Imagem 6	Página do Diário de Classe de Matemática do CTE do ano de 1960	p. 61
Imagem 7	Página do Diário de Classe de Matemática do CTE da 4ª série Ginásial do ano de 1950	p. 66
Imagem 8	Livros do autor Osvaldo Sangiorgi par 2ª, 3ª e 4ª séries do Curso Ginásial	p. 82
Imagem 9	Páginas 23, 24 e 25 do Livro do autor Osvaldo Sangiorgi para 2ª série do curso ginásial	p. 83
Imagem 10	Páginas 27 e 28 do Livro do autor Osvaldo Sangiorgi para 2ª série do curso ginásial	p. 84
Imagem 11	Páginas 53, 54, 55 e 56 do Livro do autor Osvaldo Sangiorgi para 2ª série do curso ginásial	p. 85 e 86
Imagem 12	Página 59 do Livro do autor Osvaldo Sangiorgi para 3ª série do curso ginásial	p. 87
Imagem 13	Páginas 92, 93 e 94 do Livro do autor Osvaldo Sangiorgi para 4ª série do curso ginásial	p. 87 e 88

## Lista de Abreviaturas e Siglas

CADES	Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CECIBA	Centro de Ensino de Ciências da Bahia
CEP	Comitê de Ética e Pesquisa
CTE	Colégio Taylor-Egídio
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
FFCLUSP	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo
GEEM/SP	Grupo de Estudo do Ensino de Matemática
GEEM/BA	Grupo de Estudos em Educação Matemática
GEEMPA	Grupo de Estudos sobre o Ensino de Matemática de Porto Alegre
GHEMAT	Grupo de Pesquisa de História da Educação Matemática no Brasil
GHOEM	Grupo História Oral e Educação Matemática
HIFEM	História, Filosofia e Educação Matemática
IMURN	Instituto de Matemática do Rio Grande do Norte
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MEC	Ministério da Educação
MM	Matemática Moderna
MMM	Movimento da Matemática Moderna
NEDEM	Núcleo de Estudos e Difusão do Ensino de Matemática
PPGECFP	Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores
PREMEM	Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Médio
SEC	Secretaria de Educação do Estado
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SUDENE	Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UBA	Universidade da Bahia
UFBA	Universidade Federal da Bahia
USP	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>13</b>
<b>Capítulo 1 - A Criação do Primeiro Colégio Batista Brasileiro .....</b>	<b>19</b>
1.1 - A Primeira Igreja Batista Brasileira .....	19
1.2 - O Colégio Americano Egídio .....	24
1.3 - Jaguaquara "Toca da Onça": Colégio Taylor-Egídio .....	30
<b>Capítulo 2 - O Processo de Modernização do Ensino da Matemática no cenário nacional e regional .....</b>	<b>36</b>
2.1 - O Primeiro Movimento de Modernização do Ensino de Matemática no Brasil .....	36
2.2 - O Segundo Movimento de Modernização do Ensino de Matemática no Brasil: o movimento da matemática moderna - MMM .....	41
2.2.1 - Congressos de Ensino de Matemática no Brasil .....	42
2.2.2 - Grupos Autônomos e Grupos Institucionais no Brasil .....	45
2.3 - O Movimento da Matemática Moderna no Estado da Bahia .....	47
<b>Capítulo 3 - A Trajetória dos Professores de Matemática e o Ensino de Matemática no Colégio Taylor - Egídio (1950-1960) .....</b>	<b>51</b>
3.1- Sobre os Diários de Classe de Matemática do Colégio Taylor-Egídio .....	55
3.2 - O Ensino de Matemática no CTE nos anos de 1950 e 1951 .....	62
3.3 - Walter Vaz Andrade .....	67
3.4 - Edesio José de Oliveira .....	70
3.5 - Raimundo Dias Machado .....	77
<b>Capítulo 4 - A Trajetória dos Professores de Matemática e o Ensino de Matemática no Colégio Taylor - Egídio (1961-1969) .....</b>	<b>79</b>
4.1 - João Rocha da Silva .....	79
4.2 - Lourival José dos Santos .....	91
4.3 - Antonia Nilzete de Farias .....	97
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>103</b>
<b>Referências.....</b>	<b>106</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>112</b>

## INTRODUÇÃO

Para a pesquisa que realizamos<sup>1</sup>, estabelecemos como objetivo reconstruir a história do ensino da Matemática no Colégio Taylor-Egídio (CTE)<sup>2</sup>, em Jaguaquara, município do interior do estado da Bahia, no período de 1950 a 1969. Nesse recorte temporal, iniciou-se, no cenário brasileiro, a realização dos primeiros congressos nacionais do ensino da Matemática (1955, 1957, 1959, 1962)<sup>3</sup>, tendo como finalidade a reestruturação curricular dessa disciplina, e, na década de 60 do século XX, ocorreu o Movimento da Matemática Moderna (MMM)<sup>4</sup> no Brasil.

Para a realização da pesquisa, utilizamos documentos escolares, mais especificamente, os diários de classe de Matemática do curso ginásial<sup>5</sup> (1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup> séries) do Colégio Taylor-Egídio (CTE), as leis educacionais vigentes no período investigado, alguns livros didáticos de Matemática, relatos de alguns ex-alunos do CTE e depoimentos dos professores de Matemática do CTE que atuaram de 1950 a 1969.

Estabelecemos as seguintes questões norteadoras da pesquisa: Como em um contexto sociocultural e educacional se constituiu o ensino da Matemática no Curso Ginásial do Colégio Taylor-Egídio (CTE) entre 1950-1969? Como se

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa é desenvolvida no âmbito do Grupo de Estudos em Educação Matemática, coordenado pelo Prof. Dr. Claudinei de Camargo Sant'Ana na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

<sup>2</sup> Colégio estruturado com princípios da religião batista foi fundado em 1898, na cidade de Salvador, estado da Bahia, posteriormente transferido para o município de Jaguaquara, no interior do mesmo estado, em 1922.

<sup>3</sup> Ver em SOARES, F. Os Congressos de Ensino de Matemática no Brasil nas Décadas de 1950 e 1960 e as Discussões sobre a Matemática Moderna, **1º seminário paulista de história e educação Matemática**. Outubro de 2005. USP. Disponível em: <<http://www.ime.usp.br/~sphem/documentos/sphem-programacao.pdf>>. Acesso em 26 set 2014.

<sup>4</sup> O MMM aconteceu no Brasil durante as décadas de 60 e 70 do século XX. Entretanto, desde os anos de 1950, com a realização dos Congressos Nacionais do ensino da Matemática, esta atividade representou umas das primeiras iniciativas de divulgação das ideias da Matemática Moderna. Ver em SOARES, Flávia. **Movimento da Matemática Moderna no Brasil: avanço ou retrocesso?** 2001. Dissertação (Mestrado em Matemática) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

<sup>5</sup> Nomenclatura utilizada no período para se referir às séries do ensino fundamental II atualmente.

deu a inserção dos novos conteúdos da Matemática Moderna<sup>6</sup> no CTE? Como os docentes de Matemática do CTE, durante a sua trajetória profissional, nesse colégio, se apropriaram, em suas práticas pedagógicas, da Matemática Moderna?

As pesquisas na área de História da Educação Matemática vêm crescendo muito nos últimos anos, o que é confirmado pelo aumento de pesquisas em programas de pós-graduação e pela existência de grupos de pesquisa no diretório do CNPq, por exemplo: o Grupo de Pesquisa de História da Educação Matemática no Brasil (GHEMAT)<sup>7</sup>, o Grupo de Estudos em Educação Matemática (GEEM)<sup>8</sup>, História, Filosofia e Educação Matemática (HIFEM)<sup>9</sup>, o Grupo História Oral e Educação Matemática (GHOEM)<sup>10</sup>, entre outros.

Trabalhos como os de Santana (2011) e Lando (2012) têm como principal recurso, fontes históricas documentais para alcançar o objetivo proposto na investigação, tendo em vista que esses documentos podem conter dados e elementos que poderão elucidar aspectos da constituição do ensino de Matemática em tempos passados. Valente (2007) confirma tal afirmação, mencionando que

Há uma infinidade de outros materiais que junto com os livros podem permitir compor um quadro da educação matemática de outros tempos. Esses materiais estão reunidos, em boa parte, nos arquivos escolares. Diários de classe, exames, provas, livros de atas, fichas de alunos e toda uma série de documentos estão nas escolas para serem interrogados e permitirem a construção de uma história da educação matemática.<sup>11</sup>

Os Diários de Classe de Matemática foram encontrados no arquivo da secretaria do Colégio Taylor-Egídio (CTE), em excelente estado de conservação e devidamente preenchidos. Os registros contidos nesses diários de classe

---

<sup>6</sup> Teoria dos conjuntos, conceitos de grupo, anel e corpo, espaços vetoriais, matrizes, álgebra de Boole e noções de cálculo diferencial e estatística.

<sup>7</sup> <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2116509882385976>

<sup>8</sup> <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1398114630026787>

<sup>9</sup> <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/8941385281755172>

<sup>10</sup> <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0018479156055834>

<sup>11</sup> VALENTE, W. R. História da Educação Matemática: interrogações metodológicas. *REVEMAT* v.2, n.1, p. 28-49, UFSC, 2007. p. 39.

foram confrontados com o que era proposto na legislação educacional vigente no país e viabilizaram o entendimento de como se constituiu o ensino da Matemática no CTE. Utilizando ainda esses diários, também identificamos os nomes de nove professores de Matemática que atuaram no CTE, nas décadas de 50 e 60 do século XX. Assim, foi possível buscar informações sobre esses professores, entrar em contato com alguns deles – tendo em vista que alguns já haviam falecido e sobre outros não foram encontradas informações – e convidá-los para participar da pesquisa, por meio de entrevistas semiestruturadas. Envolvidos nesse processo, entendemos que

em história tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em “documentos” certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade ela consiste em reduzir tais documentos, pelo simples fato de recopiar, transcrever ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto<sup>12</sup>.

Obtendo a resposta positiva desses professores, foi possível contar com a contribuição e colaboração de quatro docentes para investigação, dos quais apenas um atuou na década de 50 do século XX, enquanto os outros três atuaram no decurso dos anos de 1960 em períodos distintos, e outros, concomitantemente.

Desse modo, para fazer o entrecruzamento das informações coletadas, utilizamos também os depoimentos dos docentes de Matemática, sendo possível, por meio das entrevistas realizadas, estabelecer um panorama da situação que fora vivenciada, respeitando o resgate de suas memórias no que se refere às suas experiências profissionais na docência em Matemática, no intuito de “caracterizar práticas que se apropriam de modo diferente dos materiais que circulam em determinada sociedade”<sup>13</sup>.

Enfatizamos a trajetória profissional dos professores de Matemática do CTE, no período investigado, para compreender como eles se apropriaram e se

---

<sup>12</sup> CERTEAU, M. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lurdes Menezes. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011. p. 69.

<sup>13</sup> CHARTIER, R. **A História Cultural: entre prática e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Rio de Janeiro: Difusão Editorial. S. A., 2002. p. 136.

adaptaram ao Movimento de Modernização do Ensino da Matemática em suas práticas pedagógicas, principalmente acerca da inserção dos novos conteúdos da Matemática Moderna no currículo escolar da Matemática.

Para se debruçar sobre as mais diversas fontes históricas, se faz necessário um olhar adequado do historiador, ou seja, o exercício do seu trabalho. O ofício do historiador<sup>14</sup> é essencial, pois a ele “não cabe mais coletar fatos do que ocorreu noutros tempos descrevendo-os consoante os documentos que encontra. Seu ofício é o de construir esses fatos”<sup>15</sup>.

Com olhar voltado ao ofício do historiador, de posse dos diários de classe e das entrevistas dos professores de Matemática, tínhamos como propósito entender como se constituía a cultura escolar, “conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos”<sup>16</sup>, tendo como perspectiva três eixos expostos por Julia (2001) para entendimento dessa cultura escolar como objeto histórico. O primeiro interessar-se pelas normas e pelas finalidades que regem a escola; o segundo avaliar o papel desempenhado pela profissionalização do trabalho de educador; e o último interessar-se pela análise dos conteúdos ensinados e das práticas escolares<sup>17</sup>.

Ao mesmo tempo, se nos empenhamos para entender um dado contexto de uma disciplina escolar, devemos levar em consideração as finalidades previstas e necessárias, conforme cada época, já que

a disciplina escolar é constituída por uma combinação, em proporções variáveis, conforme o caso, de vários constituintes: um ensino de exposições, os exercícios, as práticas de incitação e de motivação e um aparelho docimológico, os quais, em cada estado da disciplina, funcionam evidentemente em estreita

---

<sup>14</sup> O ofício do historiador é produzir fatos históricos, apresentando-os sob a forma de uma narrativa. VALENTE, W. R. História da Educação Matemática: interrogações metodológicas...2007.p. 25

<sup>15</sup> VALENTE, W. R. História da Educação Matemática: interrogações metodológicas...2007.p. 25.

<sup>16</sup> JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas, SP. SBHE/ Editores Associados, n. 1, p. 9-43, jan./jun. 2001. p. 10.

<sup>17</sup> JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico...p. 19.



colaboração, do mesmo modo que cada um deles está, à sua maneira, em ligação direta com as finalidades.<sup>18</sup>

Para expor a forma como foi desenvolvida a pesquisa segundo a temática apresentada, esta dissertação está dividida em quatro capítulos.

O Capítulo I apresenta as origens do Colégio Taylor-Egídio, buscando enfatizar que, como se trata de um colégio enraizado em princípios religiosos, sua criação é advinda da fundação da primeira Igreja Batista no Brasil e, também, do trabalho de missionários norte-americanos e brasileiros que foram adeptos dessa religião, cujo intuito era propagar a religião batista em terras brasileiras, utilizando vários meios para realizar tal propósito. Um desses meios foi a criação de colégios batistas, fundamentados na perspectiva progressiva de posterior difusão da religião. Logo, para narrar como se estabeleceu a criação do primeiro Colégio Batista Brasileiro, foi necessário contar também como se constituiu a fundação da Igreja Batista Brasileira.

No Capítulo II, são expostos os motivos pelos quais os matemáticos pensaram e realizaram discussões em torno de mudanças no ensino da Matemática e os primeiros movimentos para Modernização da Matemática em vários países, principalmente na Alemanha, com as propostas do matemático Felix Klein. No Brasil, essas propostas chegaram ao conhecimento de Euclides Roxo, professor do Colégio Pedro II, o que foi determinante para transformações no âmbito educacional brasileiro na década de 1930. Apresentam-se também as principais medidas adotadas por esse educador, que participou das Reformas Francisco Campos e Capanema. Em seguida, procuramos enfatizar também como se estabeleceu o Movimento da Matemática Moderna – MMM, relatando o papel de Martha Maria de Souza Dantas e Omar Catunda, tanto no panorama nacional, como no regional baiano. Além disso, destaca a importância da realização dos Congressos Nacionais de Matemática para estabelecer mudanças no currículo da Matemática escolar.

O Capítulo III, utilizando os relatos dos professores de Matemática do Colégio Taylor-Egídio, na década de 50 do século XX, apresenta o percurso das

---

<sup>18</sup> CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Revista Teoria & Educação*, Porto Alegre, n. 2, p. 177-229, 1990. p. 207.

trajetórias profissionais desses docentes, evidenciando como se estruturou o ensino da Matemática no CTE, confrontando com o que era proposto na legislação educacional vigente no país. Além disso, também apresenta as práticas pedagógicas para adaptação e apropriação da Matemática Moderna por esses docentes ao longo de suas experiências profissionais e analisa a maneira (autodidata por meio de livros didáticos ou cursos) para atingir o propósito do Movimento da Matemática Moderna (MMM) no Brasil.

O Capítulo IV, com estrutura semelhante ao Capítulo III, utilizando os relatos dos professores de Matemática do Colégio Taylor-Egídio, na década de 60 do século XX, apresenta o percurso das trajetórias profissionais desses docentes e evidencia como se estruturou o ensino da Matemática no CTE por meio dos registros contidos nos diários de classe de Matemática, confrontando com o que era proposto na legislação educacional vigente no país. Explicita também as modificações que ocorreram a partir dos anos de 1966 na estrutura de conteúdos do currículo da Matemática escolar, no estado da Bahia, mais precisamente no município de Jaguaquara, para contemplar ao MMM, reforma que vigorou no Brasil a partir da década de 60. Também traz a identificação de alguns livros didáticos utilizados no CTE naquele período, as práticas pedagógicas para adaptação e apropriação da Matemática Moderna por esses docentes e analisa a maneira utilizada (autodidata por meio de livros didáticos ou cursos) para atingir o propósito do MMM no Brasil.

Por fim, as Considerações Finais, embasadas nas reflexões e percepções de um estudo aprofundado sobre a temática da Modernização do Ensino da Matemática, pelas quais foi possível constatar que, embora o ideal de reformulação do currículo da Matemática escolar tenha sido elaborado e pensado para atingir melhores níveis de aprendizado da Matemática, a preparação para realização desse objetivo não foi eficaz, já que gerou pouca participação e envolvimento dos professores de Matemática nas escolas de curso secundário.

# CAPÍTULO 1

## A CRIAÇÃO DO PRIMEIRO COLÉGIO BATISTA BRASILEIRO

### 1.1 - A Primeira Igreja Batista Brasileira

Após a Guerra de Secessão<sup>19</sup>, muitos colonos norte-americanos (presbiterianos, metodistas, batistas...), desanimados com a perda de terra e escravos, escolheram as terras brasileiras<sup>20</sup> para reconstituírem suas vidas, uma vez que, naquele momento, o Brasil se tornara um país atraente pelos seus sinais de avanço. Aproveitando a permissão do Imperador D. Pedro II, instalaram-se em várias regiões de São Paulo e alguns se estabeleceram melhor numa vila denominada Santa Bárbara, próxima a Campinas/SP, procurando também fundar suas igrejas. Eles criaram em “10 de setembro de 1871, a Igreja Batista de Santa Bárbara, primeira Igreja Batista organizada em solo brasileiro”<sup>21</sup>. Contudo, esta igreja era bastante limitada, uma vez que “seus cultos, em língua inglesa, destinavam-se apenas aos colonos. Não tinha a Igreja objetivos missionários, não visava à evangelização dos arredores”<sup>22</sup>. Depois de algum tempo, os fundadores dessa igreja cumpriram sua missão e encerraram seus trabalhos. Esse fato é considerado apenas um marco, um estágio preliminar na história batista no Brasil, de maneira que a data de criação de outra Igreja Batista, na cidade de Salvador, no estado da Bahia, demarca oficialmente a data inicial do trabalho batista no Brasil.

Para atender a demanda local, esses colonos solicitaram da Junta de Richmond<sup>23</sup> dos Estados Unidos o envio de missionários para o Brasil, tendo em vista as várias vantagens que foram identificadas ao desenvolverem seus

---

<sup>19</sup> Guerra Civil dos Estados Unidos que aconteceu no período de 1861-1865.

<sup>20</sup> Enquanto o Sul dos Estados Unidos da América do Norte sofria os estragos da guerra e atravessava a era difícil da reconstrução, o Brasil achava-se num período de progresso, pois a vitória na guerra com o Paraguai consolidara o espírito nacional. CRABTREE, A. R. **História dos Batistas do Brasil até 1906**. 2. ed. I vol. Rio de Janeiro: Departamento de Estatística e História da Casa Publicadora do Rio de Janeiro, 1962. p. 61.

<sup>21</sup> PEREIRA, J. R. **Breve História dos Batistas**. 2. ed. Edição da Junta de Educação Religiosa e Publicações Batista Brasileira. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1979. p. 89.

<sup>22</sup> PEREIRA, J. R. **Breve História dos Batistas...** p. 89.

<sup>23</sup> Comissão de missões estrangeiras.

trabalhos de evangelização, as quais foram elencadas no relatório apresentado por A. T. Hawthorne<sup>24</sup>, no ano de 1880 à Junta dos Estados Unidos, tais como:

Primeiro: o governo é justo e estável, sabiamente administrado e oferecendo ampla segurança de vida, liberdade e propriedade; governo que reconhece mérito e pune prontamente os criminosos. São recebidos de coração aberto imigrantes industriais de todos os países estrangeiros e especialmente os dos Estados Unidos da América do Norte oferecendo-se-lhes toda a facilidade e proteção necessárias para o seu progresso e prosperidade.

Segundo: o povo do país é cortês, liberal e hospitaleiro. Mostra muito boa vontade para com o povo norte-americano e acha-se em condições favoráveis para receber das nossas mãos o cristianismo evangélico que contribuirá para o progresso do seu país.

Terceiro: o clima é ameno, a terra elevada e salubre, o solo fértil, produzindo todos os produtos variados de diversos climas<sup>25</sup>.

Em 1877, com dezenove anos de idade, Anne Luther<sup>26</sup>, “filha de pastor e organista da igreja em Galveston<sup>27</sup>, foi enviada como mensageira à primeira Convenção de Escolas Dominicais Batistas, que se reuniu em Calvert”<sup>28</sup>. Em sua primeira reunião, encontrou-se com William Buck Bagby<sup>29</sup>, manifestando interesse em conhecê-lo; posteriormente, mantiveram contato por várias cartas. Anne tornou-se deã<sup>30</sup> e professora de Matemática. Contudo, sentia-se chamada para ser missionária<sup>31</sup>. Embora com a mesma pretensão de serem missionários, as perspectivas de William e Anne eram bastante distintas. Enquanto William fazia plano de “estudar três anos no seminário e depois assumir um novo

---

<sup>24</sup> General sulista.

<sup>25</sup> CRABTREE, A. R. **História dos batistas do Brasil até 1906...**1962. p. 62-63.

<sup>26</sup> Filha do pastor Dr. John Hill Luther.

<sup>27</sup> Localizado ao longo da região da Costa do Golfo no estado do Texas, nos Estados Unidos dentro da área metropolitana de Houston-Sugar Land-Baytown.

<sup>28</sup> HARRISON, H. B. **Os Bagby do Brasil: uma contribuição para o estudo dos primórdios em terras brasileiras.** Junta de Educação Religiosa e Publicação, 1987. p. 10.

<sup>29</sup> Jovem pastor do estado do Texas.

<sup>30</sup> Dignitária eclesiástica que preside uma corporação dos cônegos de uma catedral. Cônegos são padres seculares que pertencem a uma corporação. FERREIRA, A. B. H. **Miniaurélio Século XXI: o minidicionário da língua portuguesa.** 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

<sup>31</sup> HARRISON, H. B. **Os Bagby do Brasil: uma contribuição para o estudo dos primórdios em terras brasileiras...**p. 11.

pastorado em seu país, sem precisar aprender uma nova língua”<sup>32</sup>, Anne pretendia ir como missionária para outro país.

O General Hawthorne, conhecendo a pretensão de Anne, propôs-lhe o desafio de ser uma missionária pioneira no Brasil, e ela aceitou imediatamente. Porém, como havia firmado compromisso com William Bagby, foi à procura dele para informar sobre seus planos. William tinha acabado de ler o livro “Brasil e os brasileiros”, emprestado pelo amigo Zacarias Clay Taylor<sup>33</sup>, que tinha planos de ir para o Brasil como missionário, após sua formatura<sup>34</sup>. Diante do contato com Taylor e Hawthorne e do romance com Anne, William chegou à conclusão de que deveria ser missionário no Brasil.

Aceitos pela Junta de Richmond para serem missionários no Brasil, em 21 de outubro de 1880 William Bagby e Anne Luther casaram-se. Em 13 de Janeiro de 1881, o casal partiu para uma longa viagem, embarcando no veleiro Yaimoyden no porto de Baltimore e, após 48 dias exaustivos de viagem, chegaram ao Brasil<sup>35</sup>. Posteriormente, partindo de Baltimore, na barca Sirene, chegam em 4 de março de 1882 ao Brasil o segundo casal de missionários, Zacarias Clay Taylor<sup>36</sup> e sua esposa Kate Crawford Taylor<sup>37</sup>.

Zacarias C. Taylor desde o período em que era “estudante pensava em missões e seus sonhos eram compartilhados com o colega e amigo William Bagby, em primeiro lugar o de virem para América do Sul” e sua esposa Kate C. Taylor era grande auxiliar do marido nas evangelizações.

Ao seguir seu marido na evangelização no Brasil, Kate foi uma fiel companheira. Contudo, durante o tempo em que esteve no Brasil, Kate apareceu doente com um tumor na região do joelho. Os médicos aconselharam a amputação da perna, mas essa cirurgia deveria ter sido feita em sua terra de

---

<sup>32</sup> HARRISON, H. B. **Os Bagby do Brasil: uma contribuição para o estudo dos primórdios em terras brasileiras...**1987.p. 12.

<sup>33</sup> Nasceu em Jackson, Mississippi, em 1851, mudou-se para o Texas em 1865, uniu-se à Igreja Batista de Liberdade de Houston County, batizando com dezoito anos de idade, estudou nas Universidades de Waco e Baylor, formando-se em 1879, estudou algum tempo no seminário de Louisville. No dia do natal, 1881, casou-se com D. Kate S. Crawford, do Texas. CRABTREE. A. R. **História dos Batistas do Brasil até 1906...**1962.p. 68.

<sup>34</sup> HARRISON, H. B. **Os Bagby do Brasil: uma contribuição para o estudo dos primórdios em terras brasileiras...**p. 15.

<sup>35</sup> CRABTREE. A. R. **História dos Batistas do Brasil até 1906...**1962.p. 66.

<sup>36</sup> Missionário Batista norte-americano;

<sup>37</sup> Filha de pastor formou-se em Magistério;

origem. Mesmo retornando para os Estados Unidos e realizando a operação, com o passar dos dias o câncer retornou, e Kate veio a falecer em 1892, depois de dez anos de missão no Brasil<sup>38</sup>. Em 1895, Zacarias C. Taylor casou-se novamente com a Sra. Laura Barton, missionária, evangelizadora e pedagoga (normalista)<sup>39</sup>, que contribuiu significativamente para propagação da religião batista no Brasil, no que se refere, principalmente, às atividades educacionais religiosas.

Durante a estadia na vila de Santa Bárbara, em São Paulo, William Bagby conheceu Antonio Teixeira de Albuquerque, um ex-padre que tinha deixado a batina e se casado no norte do Brasil. Entretanto, por causa de perseguição, fugira para o sul, onde foi convertido pelo trabalho dos metodistas, tornando-se o primeiro pastor batista brasileiro. Dessa maneira, para realização da missão de propagação dos princípios da Igreja Batista, trabalharam juntos William Buck Bagby e sua esposa Anne Luther Bagby, Zacarias Clay Taylor e sua esposa Kate Taylor e o obreiro Antonio Teixeira de Albuquerque.

O Sr. Bagby, compreendendo a dimensão da tarefa de evangelização dos preceitos da Igreja Batista em terras brasileiras, pensou em um plano para realizá-la, o qual sugeriu por meio de uma carta<sup>40</sup>: um programa de educação, com criação de colégios evangélicos<sup>41</sup>, com a finalidade de que

tais colégios prepararão o caminho para marcha das igrejas... Colégios fundados nestes princípios, triunfarão sobre todo o inimigo e conquistarão a boa vontade até dos nossos próprios adversários. Mandai missionários que estabeleçam colégios evangélicos, e o poder irresistível do evangelho irá avante na América do Sul e a terra do Cruzeiro do Sul brilhará com a luz resplandecente do reino de Cristo.<sup>42</sup>

---

<sup>38</sup> ANDRADE. D. G. V. **Colégio Taylor-Egídio 100 anos**. Editoração: Fabiano Gisbert, 1998. p. 43-44.

<sup>39</sup> A Sra. Laura B. Taylor contava com muitos anos de experiência como normalista nas escolas públicas dos Estados Unidos.

<sup>40</sup> No livro intitulado "História dos Batistas do Brasil até 1906", não é mencionado para quem o Sr. William Buck Bagby encaminhou a carta. Imaginamos que tenha sido para a Junta de Richmond.

<sup>41</sup> CRABTREE. A. R. **História dos batistas do Brasil até 1906...1962**. p. 69.

<sup>42</sup> CRABTREE. A. R. **História dos batistas do Brasil até 1906...1962**. p. 69-70.

Depois de várias viagens para conhecer a diversas regiões do Brasil e, após muitas orações, os missionários resolveram recomendar à Junta de Richmond, como melhor centro para a missão, a antiga capital do Império, Salvador, no estado da Bahia. Pouco trabalho evangelístico tinha sido tentado ali por qualquer denominação. Almejavam os fundadores, como afirmavam, “pregar o evangelho onde Cristo não era conhecido, para não edificar sobre alicerces alheio”<sup>43</sup>. As considerações que levaram à escolha de Salvador como base foram enviadas à Junta de Richmond, como se segue:

Cremos que o melhor lugar para principiar é a Bahia. Com exceção do Rio de Janeiro, é a maior cidade do Império. Escolhemos a Bahia por diversas razões: Primeiro: pela sua grande população, sendo o número de habitantes mais ou menos 200.000. Encontramos ali as massas do povo ao alcance imediato. Segundo, a região que cerca a cidade é muito povoada. É campo de lavoura e mui produtivo. A população é mais sedentária que a de vida pastoril. Terceiro, é ligada pelo mar com outros pontos importantes; por baías e rios com grandes cidades e vilas e por duas linhas de estrada de ferro com muitos lugares no interior. Quarto, teremos também na Bahia, um campo quase desocupado, enquanto que no Rio se acham seis ou oito missionários de outras denominações evangélicas. Na Bahia há dois apenas e estes dos Presbiterianos do Norte dos Estados Unidos. Não há qualquer obreiro nacional na província da Bahia, se não nos enganamos, enquanto que nas províncias do Rio de Janeiro e São Paulo, há um bom número de missionários e obreiros nacionais... Assim, a Bahia, com a região em redor, está mais necessitada do que as províncias do sul.<sup>44</sup>

Oficialmente, a Primeira Igreja Batista Baiana e também Primeira Igreja Batista Brasileira com culto em português foi organizada “aos 15 de outubro de 1882, constituída do irmão W. B. Bagby e esposa D. Anne; o irmão Z. C. Taylor e sua esposa D. Kate; e o ex-padre, o irmão Antonio Albuquerque Teixeira”<sup>45</sup>.

A princípio, a congregação era totalmente frequentada por afrodescendentes, uma vez que Salvador era o principal porto de comércio de

<sup>43</sup> HARRISON, H. B. **Os Bagby do Brasil: uma contribuição para o estudo dos primórdios em terras brasileiras...**1987. p. 33.

<sup>44</sup> CRABTREE, A. R. **História dos batistas do Brasil até 1906...**1962. p. 73-74.

<sup>45</sup> CRABTREE, A. R. **História dos batistas do Brasil até 1906...** p. 75.

escravos; mais tarde, alguns homens brancos apareceram e, finalmente, mulheres brancas começaram a frequentar o culto.

Após dois anos em Salvador, os dois casais missionários chegaram à conclusão de que era tempo de estenderem seus esforços na ocupação de um segundo grande centro. Estavam com dúvida se deveria ser o Rio de Janeiro ou o Pará. A família Bagby, então, mudou-se para o Rio de Janeiro, enquanto o casal Taylor permaneceu em Salvador.

As atividades desenvolvidas para propagação da religião batista estavam sendo satisfatórias. Houve aumento significativo do número de batismos e obreiros e a quantidade de sermões por semana se intensificou em vários lugares da cidade, com maior interesse da população em conhecer os princípios dessa religião. Entretanto, mesmo com o bom andamento das atividades voltadas à propagação da religião, ocorriam perseguições, manifestadas por meio de atitudes agressivas aos batistas, gritarias em ruas das cidades, perturbações em cultos e batismos, entre outras.

Com o passar dos anos, as perseguições continuavam, mas isso não foi motivo suficiente para os missionários encerrarem seus trabalhos, pelo contrário, todas as atividades da missão (cultos, batismos, pregações, dentre outros) foram realizadas, mesmo com todos os obstáculos.

## 1.2 - O Colégio Americano Egídio

Com a permanência do casal Zacarias C. Taylor e Laura B. Taylor, as atividades evangelizadoras batistas continuavam sendo realizadas, embora com todas as dificuldades e obstáculos encontrados pelos missionários e suas famílias, tais como “perseguição, ora doenças, dificuldades com a assimilação da língua, saudades dos parentes e da terra natal distante”. Com o passar do tempo, esses empecilhos e entraves só aumentavam e, com o nascimento dos filhos dos missionários, se intensificaram pela necessidade das crianças irem para as escolas. Consideraram essa situação uma das razões para criar colégios e, a partir disso, “iniciou-se o desafio da criação das escolas batistas”<sup>46</sup>.

---

<sup>46</sup> O *Jornal Batista*, 52. ed. 27 de dezembro de 1992, p. 09.



Os motivos que levaram os missionários a enfrentar esse desafio não estavam ligados apenas às questões de “perseguição do clero à obra batista; a discriminação dos estudantes nos colégios católicos e a necessidade de autoafirmação dos batistas, quanto à sua capacidade e preparo intelectual”<sup>47</sup>, mas, também, de converterem os brasileiros para Cristo, uma vez que esses colégios “deveriam se constituir em campos missionários, com mais possibilidades de sementeira da palavra de Deus em corações de brasileiros, ainda nos seus primeiros anos de vida”<sup>48</sup>, viabilizando a propagação dos preceitos batistas ao longo da vida do indivíduo.

Mas, qual era a filosofia educacional dos batistas nesse período (meados do final do século XIX e início do século XX)? Não encontramos durante a pesquisa nenhum documento que respondesse a esse questionamento. Porém, ao pesquisarmos na Internet no site “Portal Batista”<sup>49</sup>, localizamos a “Filosofia”<sup>50</sup> da Convenção Batista Brasileira<sup>51</sup>, em que constam, no item “4.7 Educação”, os aspectos relacionados à filosofia educacional batista, como segue:

A educação é o processo pelo qual o ser humano, na condição de educando, toma consciência da vida e nela se desenvolve. Tal processo de conscientização e desenvolvimento abrange as áreas espiritual, moral, física, emocional e intelectual do ser humano, devendo ocorrer de maneira harmônica e equilibrada. A filosofia educacional dos batistas brasileiros tem por base princípios cristãos para alcançar o educando da maneira mais abrangente possível no SER, no SABER, no FAZER e no TER. Os batistas defendem a ideia de que o processo educacional desenvolvido numa escola batista deve constituir-se num meio de possibilitar ao educando e à sua família o conhecimento do plano da salvação em Cristo Jesus. A Convenção Batista Brasileira atua na educação por meio de apoio e incentivo às escolas batistas existentes, ligadas a igrejas

---

<sup>47</sup> O *Jornal Batista*...p. 09.

<sup>48</sup> O *Jornal Batista*...p. 09.

<sup>49</sup> Disponível em <<http://www.batistas.com/>>. Acesso em 10/01/2015.

<sup>50</sup> Não consta data de elaboração da Filosofia da Convenção Batista Brasileira.

<sup>51</sup> A Convenção Batista Brasileira (CBB) é o órgão máximo da denominação batista no Brasil. É a maior convenção batista da América Latina, representando cerca de 7.000 igrejas, 4.000 missões e 1.350.000 fiéis. Como instituição, existe desde 1907, servindo às igrejas batistas brasileiras como sua estrutura de integração e seu espaço de identidade, comunhão e cooperação. É ela que define o padrão doutrinário e unifica o esforço cooperativo dos batistas do Brasil. Disponível em <<http://www.batistas.com/>>. Acesso em 10/01/2015.

e entidades denominacionais, ou de propriedade de batistas, e estimula o surgimento de novos educandários.<sup>52</sup>

Acreditamos que esses ideais da filosofia educacional dos batistas foram elaborados pela Convenção Batista Brasileira mais recentemente, tendo como principal referência os princípios da Igreja Batista, que eram, em sua essência, os mesmos do período em que se pensava em criar os colégios batistas. Imaginamos, assim, que, mesmo de maneira parcial, para aquele período (final do século XIX e início do século XX), os colégios batistas tenham sido pensados e planejados a partir de ideais muito próximos da filosofia educacional atual mencionada.

Para a criação do primeiro colégio batista na Bahia, Zacarias C. Taylor teve o auxílio da sua esposa Laura Taylor, mas com subsídio financeiro do capitão Egídio Pereira de Almeida.

O capitão Egídio Pereira de Almeida<sup>53</sup> era um homem de posses, de boa família, católico praticante, mas, quando seu irmão Marciano Pereira de Almeida, “morador no sertão da Bahia, ouviu a maviosa voz do Evangelho, a exemplo de Lydia de Thyatira e de Cornélio de Cesaréa, creu para a salvação”<sup>54</sup>, e, quando Marciano teve a oportunidade de revelar ao seu irmão Egídio as graças alcançadas com a sua conversão, o capitão Egídio Pereira de Almeida “converteu-se num delírio raivoso contra tudo que fosse do Evangelho e em extremo furioso saíu a perseguir os discípulos do Nazareno, espalhados por aquela zona”<sup>55</sup>. Mas, durante essa sua caminhada com tal objetivo de perseguição aos batistas,

Jesus lhe falou, como fallára a Saulo de Tarso, e desde aquelle momento tornou-se um discípulo de Christo tão fervoroso e dedicado que, por certo, merece ser assinalado como um dos

---

<sup>52</sup> Filosofia da Convenção Batista Brasileira. Disponível em <<http://www.batistas.com/>>. Acesso em 10/01/2015.

<sup>53</sup> O Capitão Egídio Pereira de Almeida nasceu na cidade de Castro Alves - BA. Mudou-se junto com seus pais para Vargem Grande, hoje denominada de Varzedo-BA, município próximo da nascente da cidade de Santo Antonio de Jesus, também no estado da Bahia. Por motivo de saúde, o Capitão Egídio deixa de residir em Vargem Grande e vai morar em Jaguaquara-BA - “Toca da Onça” em 1889. ANDRADE. D. G. V. *Colégio Taylor-Egídio 100 anos...*1998. p. 47-48.

<sup>54</sup> *O Jornal Batista*, 7. ed. 20 de março de 1901, p. 01.

<sup>55</sup> *O Jornal Batista...*1901, p. 01.

heroes da fé no Brazil. Com o espirito alvoraçado em prol da causa que outrora perseguira andou ele o restante da vida, evangelizando os seus patrícios, instando em *tempo* e *fôra* de tempo. (O JORNAL BATISTA, 7. ed. 20 de março de 1901, p. 01)

Desse modo, o capitão Egídio tornou-se um pregador do evangelho, e, no desenvolvimento de suas ações de propagação dos princípios religiosos batistas, conheceu Zacarias Clay Taylor, que fora convidado algumas vezes por seu irmão Marciano Pereira de Almeida para visitar sua região e pregar o evangelho.

Com uma família constituída pela esposa Maria Rosa de Andrade Almeida e seus dezessete filhos, que ainda não tinham sido escolarizados, o capitão Egídio, posteriormente à sua conversão e ao andamento das atividades de evangelização, chegou à conclusão de que seria coerente a criação de um estabelecimento de ensino que possibilitasse o acesso ao conhecimento para seus filhos e para outras crianças e jovens e que estivesse vinculado com os preceitos religiosos batistas.

Com o objetivo planejado, o capitão Egídio Pereira de Almeida foi até Salvador “conferenciar com o missionário Taylor e sua digna esposa, propoz-lhes fornecer os meios para a fundação, sob a direção destes, de um collegio<sup>56</sup> americano de primeira ordem”<sup>57</sup>.

Uma vez aceita a ideia, o capitão Egídio disponibilizou recursos financeiros para comprar materiais, tais como “carteiras das mais aperfeiçoadas, com assento de graduação, cartas geográficas e históricas, mapas dissecantes e em caixas com cilindros movidos por mola, a terra e a lua, pedra e giz em cores”<sup>58</sup>, entre outros que foram encomendados dos Estados Unidos. Com todos os preparativos bem adiantados e, se aproximando o dia da instalação do colégio, o capitão Egídio inesperadamente adoeceu e faleceu. No entanto, mesmo adoentado, antes de morrer, deixou recomendações de que fossem tomadas todas as providências necessárias para a fundação do colégio.

---

<sup>56</sup> É importante ressaltar que outras tentativas de criação de colégios batistas ocorreram no Rio de Janeiro e Belo Horizonte, contudo não obtiveram êxito.

<sup>57</sup> **O Jornal Batista...**p. 01.

<sup>58</sup> CRABTREE. A. R. **História dos batistas do Brasil até 1906...**1962, p. 155.

Em março de 1898, foi inaugurado, na Rua do Collegio, n.º 32, na cidade de Salvador-BA, o Colégio Americano Egídio, de tal modo denominado em homenagem aos seus fundadores, os missionários Zacarias C. Taylor (norte-americano) e capitão Egídio Pereira de Almeida (brasileiro), idealizadores da educação batista que almejavam, projetaram e executaram o primeiro Colégio Batista Brasileiro.

A Sra. Laura B. Taylor<sup>59</sup>, com a experiência que havia adquirido nos Estados Unidos como normalista, se encarregou das atividades de ensino, tornando-se a diretora do colégio.

O colégio, inicialmente, atendia crianças de quatro a seis anos de idade no Jardim de Infância<sup>60</sup>; estudantes de sete anos em diante para a escola regular<sup>61</sup> e “tinha quatro professores, além da diretoria”<sup>62</sup>. Embora com estrutura e organização bem consolidadas, este “collegio teve que lutar contra mil preconceitos que existiam para com tudo o que fosse de procedência protestante, de maneira que só se matriculavam em suas aulas filhos de pais crentes e os de amigos declarados”<sup>63</sup>, mas, com o tempo, o Colégio Americano Egídio foi adquirindo prestígio e confiança diante da população baiana independentemente da opção religiosa, começando em maio de 1898 com onze alunos e terminando esse ano com setenta estudantes <sup>64</sup>.

Posteriormente, assumiu a direção do Colégio Americano Egídio o missionário Carlos F. Stapp<sup>65</sup>, que mudou a sede para a Rua Democrata, n.º 47, onde as atividades educacionais caminhavam bem e, a cada ano que passava, concluía o seu ano letivo com um número maior de estudantes. Com a ida desse missionário para Sergipe, o colégio ficou sendo dirigido pelos batistas de

---

<sup>59</sup> Laura Taylor foi diretora do Colégio Americano Egídio no período de 1898 a 1909.

<sup>60</sup> Nomenclatura utilizada na época para denominar o curso primário no período.

<sup>61</sup> Nomenclatura utilizada na época para denominar o curso secundário ou ensino fundamental II no período.

<sup>62</sup> CRABTREE. A. R. **História dos batistas do Brasil até 1906...**p. 156.

<sup>63</sup> **O Jornal Batista...**1901, p. 01.

<sup>64</sup> CRABTREE. A. R. **História dos batistas do Brasil até 1906...** p. 156.

<sup>65</sup> Foi diretor do Colégio Americano Egídio no período de 1910 a 1919.

Salvador, que o reduziram a uma escola paroquial anexa à Primeira Igreja, situada na Rua Dr. Seabra <sup>66</sup>.

Embora com vários obstáculos enfrentados de 1898 até 1919, o Colégio Americano Egídio, com os lucros oriundos das mensalidades cobradas, e com a ajuda financeira da Convenção Batista Baiana<sup>67</sup> conseguia manter-se. Porém, em meados dos anos de 1919, o colégio em decorrência das perseguições religiosas, sofreu uma crise financeira e a Convenção Batista Baiana teve sérias dificuldades para manter esse colégio. Nesse sentido, a direção não encontrou outra solução a não ser fechar as portas para tentar, por meio de outros esforços, auxiliar outro colégio em outro estado que estivesse indo bem ou transferir o Colégio Americano Egídio para outro estado brasileiro<sup>68</sup>.

Desse modo, no período de 1919 até 1922, o Colégio Americano Egídio não desenvolveu suas atividades educacionais. Mas, com a doação de terras<sup>69</sup>, feita por João Pereira de Almeida, filho do capitão Egídio Pereira de Almeida, novas perspectivas acerca do colégio foram planejadas, entretanto no município de Jaguaquara, localizado no interior do estado da Bahia<sup>70</sup>.

No período do encaminhamento da transferência do colégio de Salvador para Jaguaquara, estavam responsáveis pela direção do colégio, F. Willard Taylor, M. G. White e John Tumblin<sup>71</sup>. Nesse processo de mudança, também foi pensada a alteração do nome do colégio para Colégio Americano Brasileiro. Mas, Belmira Almeida Coutinho, filha do capitão Egídio interveio e solicitou que o nome do seu pai não fosse retirado. Assim, uma vez que a direção

---

<sup>66</sup> MESQUITA, A. N. **História dos batistas do Brasil de 1907 até 1935**. vol. II. Rio de Janeiro: Departamento de Estatística e História da Casa Publicadora do Rio de Janeiro, 1962. p. 34.

<sup>67</sup> A Convenção Batista Baiana é uma Associação Civil, pessoa jurídica de direito privado, constituída por tempo indeterminado, sem fins lucrativos, composta das Igrejas Batistas que com ela cooperam. Organizada em 1909 sob o nome de União das Igrejas Batistas da Bahia e reorganizada em 1923 sob o nome de “Convenção Batista Baiana” por iniciativa das Igrejas Batistas estabelecidas no território do Estado da Bahia. A Convenção Batista Baiana, prioritariamente, não é uma instituição, prédio ou escritório de prestação de serviços, mas a comunhão das Igrejas Batistas do Estado da Bahia para a realização de uma grande e desafiadora obra de evangelização, missões, ação social, educação e literatura cristã. Disponível em: <http://cbbaiana.org/cbba/>. Acesso em 19 Fev. 2015.

<sup>68</sup> ANDRADE, D. G. V. **Colégio Taylor-Egídio 100 anos...1998**. p. 69.

<sup>69</sup> Fazenda Bela Vista com dez mil metros quadrados e três casas.

<sup>70</sup> ANDRADE, D. G. V. **Colégio Taylor-Egídio 100 anos...1998**. p. 69.

<sup>71</sup> Missionários norte-americanos que estiveram na direção do Colégio, no período de 1922 a 1926.

também não gostaria de deixar de fazer menção ao nome do missionário norte-americano<sup>72</sup>, Zacarias C. Taylor, também fundador do colégio, Belmira sugeriu que o colégio fosse denominado “Colégio Taylor-Egídio” (CTE).

Assim, em meados do ano de 1922, o Colégio Taylor-Egídio foi transferido, reabrindo suas portas no município de Jaguaquara, com turmas apenas do curso primário, objetivando atender não somente às demandas educacionais, mas, também, à propagação dos princípios da Igreja Batista. Somente no ano de 1942, o curso ginásial foi criado no CTE.

Salientamos que a escolha do município de Jaguaquara deu-se em virtude da doação de terras pela família do capitão Egídio Pereira de Almeida, que residia e possuía propriedades nesse município. Além disso, podemos apontar que este município era ponto terminal da Estrada de Ferro Nazaré<sup>73</sup>.

### 1.3 - Jaguaquara “Toca da Onça”: Colégio Taylor-Egídio

*Na toca da Onça tem  
Na toca da Onça tem  
Muita coisa boa menina  
Na toca da onça*

*Chove chuvinha, chove chuvinha  
chove chuvinha de Janeiro  
Corre corre aguaceiro,  
Eh/ Eh/ ...*

*A princípio era um horror  
Residir neste lugar  
Cada onça brava menina  
Que fazia arrepiar/*

*São Guilherme a onça viu  
E medroso não ficou  
Pois mandou-lhe um tiro menina  
Logo a fera se afastou*

*A esse grande bandeirante  
Nossa inteira admiração  
Transformou a toca, menina,  
Num jardim de estimação*

---

<sup>72</sup> Enfatizamos que, na denominação Colégio Americano Egídio ou Colégio Americano Brasileiro, o “Americano” faz referência a um dos fundadores do colégio, o missionário norte-americano, Zacarias C. Taylor.

<sup>73</sup> Falaremos sobre essa Estrada de Ferro no tópico 1.3 Jaguaquara “Toca da Onça”: Colégio Taylor-Egídio.

*Tem agora um colégio  
Que nos dá muito prazer  
Quanta coisa boa menina  
Venha, venha, venha ver/*

Conforme o canto “Toca da Onça” da poetisa Stela Câmara Dubois<sup>74</sup>, Guilherme Martins do Eirado Silva transformou a Toca da Onça. Mas, antes de começarmos a contar alguns fatos desse município, gostaríamos de antecipar que, por meio da Lei nº 174 de 05 de outubro de 1915, a Toca da Onça teve o seu nome alterado para “Jaguaquara”, tendo em vista que, em linguagem indígena Tupy, *Jaguar* significa onça, e *quara*, toca<sup>75</sup>.

Jaguaquara emergiu de duas fazendas: a Fazenda Casca, que pertencia ao capitão Egídio Pereira de Almeida, e a Fazenda Toca da Onça, que, em 1840, pertencia a Manuel Esteves de Souza, na época em que foi inventariada por morte de sua mulher Maria Tereza de Jesus. Manuel Esteves de Souza faleceu e na partilha das terras a fazenda ficou pertencendo à sua filha Maria Cândida de Jesus e ao seu marido Manuel Inácio Barreto (FARIAS, 2011). Posteriormente, em 1858, em virtude da morte de Manuel Inácio e Maria Cândida, a fazenda foi dada como herança para sua filha Maria Francisca de Jesus, com doze anos de idade, de maneira que a propriedade foi registrada pelo seu tutor. Em seguida, Francisca vendeu a fazenda para Manoel Coelho Lima que, em 1877, vendeu-a novamente para Fortunato Coelho e Companhia<sup>76</sup>.

A Firma Fortunato Coelho e Companhia foi sucedida pela Firma Pinho Avelar e Companhia. Entretanto, em 2 de Julho de 1896, Guilherme Martins do Eirado e Silva, juntamente com sua esposa Maria Luzia de Souza e Silva, chegaram à Fazenda Toca da Onça para fixar morada e assumir a gerência da firma Guilherme Silva e Companhia, firma esta que arrendou a Firma Pinho Avelar e Companhia. Depois de bom tempo de funcionamento da Firma Guilherme Silva e Companhia, no ano de 1908, a Firma Pinho Avelar e

---

<sup>74</sup> Ao longo deste tópico 1.3 abordaremos sobre esta senhora.

<sup>75</sup> Tradução feita por Theodoro Sampaio.

<sup>76</sup> Firma estabelecida em Aratuípe, no estado da Bahia, no ano de 1877.

Companhia vendeu a fazenda Toca da Onça a Guilherme Martins do Eirado Silva<sup>77</sup>.

Este fato é um marco para a história do município de Jaguaquara, tendo em vista que Guilherme Martins do Eirado e Silva e sua esposa não mediram esforços para a fundação do município.

Das muitas ações realizadas por Guilherme do Eirado, podemos citar, por exemplo, a construção de ruas e casas, a luta pela criação da Agência dos Correios, escolas públicas, paróquia, mudança do nome de Toca da Onça para Jaguaquara<sup>78</sup>, elevação de Jaguaquara à categoria de vila<sup>79</sup>, o seu desmembramento do município de Areia<sup>80</sup> e a emancipação política.

Além disso, “em 1913, após enfrentar árduas lutas políticas, Guilherme Silva conseguiu a passagem da Estrada de Ferro de Nazaré, pela sede do povoado<sup>81</sup>”. Essa estrada atendia aos municípios de Nazaré, Santo Antônio, São Miguel, Amargosa, Mutuípe, Lage, Jequiricá, Areia, Santa Inês, Itaquara e Jequié e foi uma “contribuição de grande importância como ajuda ao crescimento e estabilidade de Jaguaquara”<sup>82</sup>, uma vez que possibilitou grande desenvolvimento para o comércio e a agricultura, favoreceu a comunicação, por meio de correspondências, jornais, revistas, livros, e meio de transporte para idas e vindas da população das redondezas pelas quais a estrada de ferro tinha como trajetória.

Nesse processo de desenvolvimento de Jaguaquara que o Colégio Taylor-Egídio foi transferido de Salvador para esse município em 1922, inicialmente apenas com turmas do curso primário, pois o funcionamento do curso ginásial<sup>83</sup> só foi oficializado no ano de 1942.

---

<sup>77</sup> SILVA, L. E. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Salvador - BA, 30/04/2014.

<sup>78</sup> Por meio da Lei n° 174 de 05 de outubro de 1915.

<sup>79</sup> Por meio da Lei Estadual n° 1.472 de 18 de maio de 1921.

<sup>80</sup> Na apuração do Recenseamento Geral de 01 de setembro de 1920, o Distrito de Jaguaquara figurava entre os integrantes do município de Areia. FARIAS, L. R. **Uma história...Jaguaquara com outras histórias**. 2. ed. amp. Santo Antônio de Jesus- BA: União Arte Gráfica Editora Ltda, 2011. p. 18.

<sup>81</sup> FARIAS, L. R. **Uma história...Jaguaquara com outras histórias...**p. 17.

<sup>82</sup> ALMEIDA, A. **Toca da onça de ontem - 1923 - Jaguaquara de hoje - 1980**. Salvador-Ba: Editora Arco-Íris Ltda. p. 105.

<sup>83</sup> Nomenclatura utilizada a partir da Reforma Capanema para denominar o ensino fundamental II atualmente.



O ginásio no CTE, nas décadas de 50 e 60 do século XX, era estruturado com várias disciplinas, tais como Matemática, Português, Inglês, Francês, Latim, Educação Religiosa, História, Geografia, Ciências, Música, entre outras. Contudo, por se tratar de um colégio religioso, essa estrutura educacional teve base sólida nos princípios da religião batista, procurando propagá-los e disseminá-los no contexto das atividades educacionais.

Cabe destacar a importância do funcionamento da Estrada de Ferro de Nazaré, que viabilizou o transporte dos estudantes que residiam em outras localidades, que, sem esse transporte, não teriam como estudar no colégio, no município de Jaguaquara.

No período de 1927 a 1938, ocorreram alguns acontecimentos no cenário internacional e brasileiro, tais como a crise de 1929<sup>84</sup>, a Revolução de 1930<sup>85</sup>, que, de alguma maneira, contribuíram para mudanças no âmbito político e econômico no Brasil. E, em Jaguaquara, não foi diferente. Esses fatos geraram alguns impactos no funcionamento do CTE, como a redução do número de alunos. Nesse sentido, M. G. White foi a Recife em busca de um novo casal de missionários para compor a direção do Colégio Taylor-Egídio. É dessa forma que chega à Jaguaquara o casal Carlos Dubois e a sua esposa Stela Câmara Dubois.

---

<sup>84</sup> Colapso econômico que abalou a economia norte-americana e a de grande parte do mundo ocidental no final da década de 1920 e ao longo da década de 1930, causado por práticas especulativas, elevação dos preços de ações e de imóveis, o que atraiu compradores e aumentou ainda mais os preços e as expectativas otimistas, até culminar na crise de 1929. Essa crise no ano de 1929 aconteceu a partir do momento em que os preços pararam de aumentar e o número de pessoas que compravam na expectativa de novas altas começou a diminuir. Com isso, as aquisições a termo se tornaram sem significado e os investidores começaram a querer vender seus bens, culminando na “Quinta-feira Negra”, em 24 de outubro de 1929, dia em que o mercado de ações dos Estados Unidos “quebrou”. DIRCEU, M. N. 1929: a grande crise. **Revista Científica FacMais**, Inhumas-GO, v. II, n. 1. p. 153-158, 2º Semestre/2012. Disponível em: <<http://revistacientifica.facmais.com.br/>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

<sup>85</sup> Ponto alto de uma série de revoluções e movimentos armados, que, durante o período compreendido entre 1920 e 1964, se empenharam em promover vários rompimentos políticos e econômicos com a velha ordem social oligárquica. Como exemplo desses movimentos, podemos citar o movimento armado que se iniciou ao sul do país e tivera repercussões em vários pontos do território brasileiro, pelo qual o governo do Presidente Washington Luiz foi derrubado em outubro de 1930. Além disso, a Revolução de 1930 favoreceu a criação de algumas condições básicas para implantação definitiva do capitalismo industrial no Brasil. ROMANELLI, O. O. **História da educação no Brasil (1930/1973)**. 39. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 49.

Quando Carlos Dubois<sup>86</sup> chegou ao Colégio Taylor-Egídio, havia 36 alunos matriculados; posteriormente, com o desenvolvimento de suas atividades à frente da direção, a matrícula ultrapassou os quatrocentos alunos<sup>87</sup> com o funcionamento de internato feminino e masculino, possibilitando que jovens de outras cidades e estados estudassem no CTE e favorecendo a melhoria do setor econômico de Jaguaquara<sup>88</sup>.

No que concerne a esse aumento expressivo no número de alunos matriculados, alguns fatores no cenário educacional brasileiro também poderão ter contribuído, além da gestão do diretor Carlos Dubois. Com a Revolução de 1930, foram estruturadas algumas condições básicas para a implantação definitiva do capitalismo industrial no Brasil e, por consequência, também foram criadas condições para que houvesse transformações no âmbito cultural. É então que a demanda social da educação cresceu<sup>89</sup> e se constituiu uma forte pressão para expansão do ensino, uma vez que

as mudanças introduzidas nas relações de produção e, sobretudo, a concentração cada vez mais ampla de população em centros urbanos tornaram imperiosa a necessidade de se eliminar o analfabetismo e dar um mínimo de qualificação para o trabalho a um máximo de pessoas. O capitalismo, notadamente o capitalismo industrial, engendra a necessidade de fornecer conhecimentos a camadas cada vez mais numerosas, seja pelas exigências da própria produção, seja pelas necessidades do consumo que essa produção acarreta.<sup>90</sup>

Com isso, acreditamos que, além da gestão do diretor Carlos Dubois, o número expressivo de alunos matriculados pode ser justificado pelos aspectos político-econômicos vigentes a partir da década de 30 do século XX, que

---

<sup>86</sup> Foi diretor do Colégio Taylor-Egídio no período de 1938 a 1992.

<sup>87</sup> Não obtivemos informações precisas acerca do ano exato, durante a sua gestão, em que esse diretor do CTE conseguiu alcançar essa quantidade de alunos matriculados.

<sup>88</sup> ANDRADE, D. G. V. **Colégio Taylor-Egídio 100 anos...**1998

<sup>89</sup> Aspectos como o da intensificação do processo de urbanização, o crescimento demográfico e o aumento gradativo da renda *per capita* fizeram-se acompanhar, naturalmente, de uma diminuição da taxa de analfabetismo. Isso demonstra que a demanda social de educação cresceu na medida em que aumentou a densidade demográfica, diminuiu o isolamento social e acelerou-se o processo de urbanização, que a industrialização sempre acarreta. ROMANELLI, O. O. **História da educação no Brasil (1930/1973)**...2013. p. 65.

<sup>90</sup> ROMANELLI, O. O. **História da educação no Brasil (1930/1973)**...2013. p. 62.

atingiram a região Nordeste do país, mais especificamente o estado da Bahia e os seus municípios, sobretudo Jaguaquara.

Mais tarde, nos anos de 1950, temos outro marco na história de desenvolvimento de Jaguaquara: a chegada dos italianos ao município. Depois da segunda Guerra Mundial, muitos países procuravam se reconstruir dos vários estragos e perdas, seja de familiares, seja de bens e propriedades. Como surgiu a oportunidade de emigrarem para outro país em desenvolvimento, nesse caso, o Brasil, com a possibilidade de iniciarem suas vidas trabalhando na produção agrícola, cultivando frutas e verduras.

Desse modo, com a chegada dos italianos em Jaguaquara, o município obteve destaque no cenário regional pelo vasto plantio de produtos hortigranjeiros, como tomate, couve-flor, repolho, batatas, beterraba, produtos muitas vezes desconhecidos na região, gerando retornos financeiros ao município. Logo, a vinda dos imigrantes italianos foi muito significativa e de fundamental importância para o avanço econômico de Jaguaquara. O reconhecimento da importância dos imigrantes italianos para o progresso desse município pode ser constatado na praça pública denominada “Praça dos Imigrantes”, que foi construída em homenagem a esse povo que muito fez por essa terra brasileira.

Com o relato desses fatos podemos dizer que vários fatores contribuíram para o desenvolvimento de Jaguaquara, e o Colégio Taylor-Egídio fez parte desse processo, avançando e progredindo juntamente com o município.

## CAPÍTULO 2

### O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DO ENSINO DA MATEMÁTICA NO CENÁRIO NACIONAL E REGIONAL

#### 2.1 - O Primeiro Movimento de Modernização do Ensino de Matemática no Brasil

A partir das últimas décadas do século XIX e início do século XX, no contexto sócio, político e econômico, ocorrem muitas mudanças no que se refere aos avanços no campo tecnológico, científico e industrial. Nesse sentido, “à medida que a ciência moderna avançava e a tecnologia gerava novas máquinas, tornava-se inevitável discutir a educação<sup>91</sup> dessa nova classe de trabalhadores”<sup>92</sup>, principalmente no que se refere ao ensino da Matemática, uma vez que

dentro das estruturas tradicionais, a matemática costumava servir como um paradigma para o pensamento lógico, de modo que os conteúdos eram usualmente bastante elementares e os métodos de ensino enfatizavam os aspectos formais; a matemática escolar tinha um caráter estatístico e desligado das aplicações práticas.<sup>93</sup>

Ao mesmo tempo, identificou-se que havia um descompasso entre a Matemática ensinada nos cursos secundários e os estudos desenvolvidos nos cursos superiores nas universidades<sup>94</sup>. Nesse contexto, as ciências tiveram importância significativa e “grandes pressões para modernizar o currículo das escolas secundárias, especialmente através da introdução de novas matérias<sup>95</sup>”.

Desse modo, emergiu em vários países (França, Inglaterra, Itália, Alemanha, entre outros) uma preocupação em modernizar o ensino de

---

<sup>91</sup> Embora mudanças estruturais nos sistemas educacionais de alguns estados europeus já estivessem em andamento, as reformas curriculares, por volta de 1900, estavam muito atrasadas. SCHUBRING, G. O primeiro movimento internacional de reforma curricular em matemática e o papel da Alemanha: um estudo de caso na transmissão de conceitos. *Zetetiké*. – CEMPEM-FE/UNICAMP- Campinas, v. 7, n. 11, p. 29-50, jan./jun de 1999. p. 30.

<sup>92</sup> MIORIM, M. A. *Introdução à História da educação matemática*. São Paulo: Atual, 1998. p. 51.

<sup>93</sup> SCHUBRING, G. O primeiro movimento internacional de reforma curricular em matemática e o papel da Alemanha: um estudo de caso na transmissão de conceitos...p. 30.

<sup>94</sup> Enquanto a Matemática superior ensinava os últimos progressos da Matemática, as escolas secundárias continuavam a ensinar a geometria grega, a álgebra elementar e o cálculo aritmético. MIORIM, M. A. *Introdução à História da educação matemática*...p. 60.

<sup>95</sup> MIORIM, M. A. *Introdução à História da educação matemática*... p. 53.

Matemática que era desenvolvido nas escolas secundárias. Por exemplo, na Inglaterra, “o movimento Perry procurou enfatizar métodos de ensino práticos; na Prússia, Felix Klein começou a forjar a ampla aliança que exigiria a reforma de toda a instrução matemática para que fosse orientada para o pensamento funcional”<sup>96</sup>.

A socialização e discussão dos problemas a serem enfrentados no ensino da Matemática, direcionadas principalmente para reestruturação do currículo, eram feitas nos Congressos Internacionais de Matemática<sup>97</sup> por matemáticos de vários países<sup>98</sup>.

Em razão das pressões pela reestruturação da Matemática no curso secundário, David Eugene Smith<sup>99</sup>, em 1905, foi o primeiro a propor a criação de um “comitê internacional que pudesse acompanhar as comunicações sobre as reformas curriculares”<sup>100</sup> para fortalecer a organização do ensino das matemáticas.

Com isso, durante o Quarto Congresso Internacional de Matemática, realizado em Roma no ano de 1908, constituiu-se a *Commission Internationale de L’Enseignement Mathématique* (CIEM), também denominada *Internationalen Mathematische Unterrichts Kommission* (IMUK)<sup>101</sup>, da qual Felix Klein<sup>102</sup> foi nomeado presidente. E, a partir disso, o comitê evoluiu para se tornar o agente organizador e investigador de um movimento internacional de reforma<sup>103</sup>, atuando como um agente de mudanças. Esse movimento internacional de reforma tinha em sua estrutura dois principais objetivos:

---

<sup>96</sup> SCHUBRING, G. O primeiro movimento internacional de reforma curricular em matemática e o papel da Alemanha: um estudo de caso na transmissão de conceitos...1999. p. 31.

<sup>97</sup> O primeiro Congresso Internacional de Matemática aconteceu em 1897, em Zurique.

<sup>98</sup> MIORIM, M. A. **Introdução à História da educação matemática...** p. 71.

<sup>99</sup> Professor de educação matemática no Teachers College (Columbia University, New York), se dedicava a aperfeiçoar a instrução matemática nos Estados Unidos.

<sup>100</sup> SCHUBRING, G. O primeiro movimento internacional de reforma curricular em matemática e o papel da Alemanha: um estudo de caso na transmissão de conceitos... p. 32.

<sup>101</sup> MIORIM, M. A. **Introdução à História da educação matemática...**1998. p. 72.

<sup>102</sup> Foi um dos mais importantes matemáticos do final do século XIX, uma vez que conseguiu contribuir com elementos fundamentais que impulsionaram a Matemática do final do século XIX e início do século XX.

<sup>103</sup> SCHUBRING, G. O primeiro movimento internacional de reforma curricular em matemática e o papel da Alemanha: um estudo de caso na transmissão de conceitos...p. 31.

o primeiro era a penetração – começando numa idade jovem – das noções básicas de quantidades variáveis e dependência funcional nos temas do ensino de matemática e o segundo era a reorientação dos métodos de ensino no sentido da intuição e das aplicações.<sup>104</sup>

Quanto aos objetivos em relação ao ensino da Matemática, Klein priorizava o desenvolvimento da própria Matemática, a importância da Matemática para o desenvolvimento de outras ciências e o valor formal propiciado pelos estudos matemáticos (MIORIM, 1998). Ele também defendia ideias para modernização do ensino da Matemática que visavam modificações nos cursos secundários e nas universidades, de maneira a considerar os últimos avanços científicos e tecnológicos. Para isso, elaborou uma proposta com perspectivas da

eliminação da organização excessivamente sistemática e lógica dos conteúdos da escola; consideração da intuição como um elemento inicial importante para a futura sistematização; introdução de conteúdos mais modernos, como as funções e o cálculo diferencial e integral, especialmente devido à importância deles no seu desenvolvimento da Matemática e na unificação de suas várias áreas; valorização das aplicações da Matemática para a formação de qualquer estudante de escolas de nível médio, não apenas para os futuros técnicos; percepção da importância da “fusão”, ou descompartmentalização dos conteúdos ensinados <sup>105</sup>.

No Brasil, Euclides Roxo<sup>106</sup>, atualizado, atento e influenciado pelas discussões que aconteciam na Alemanha, defendidas e sugeridas por Felix Klein, conduziu as primeiras iniciativas de reestruturação do currículo do curso secundário, dando ênfase na modernização do ensino da Matemática,

---

<sup>104</sup> SCHUBRING, G. O primeiro movimento internacional de reforma curricular em matemática e o papel da Alemanha: um estudo de caso na transmissão de conceitos...1999. p. 37.

<sup>105</sup> MIORIM, M. A. **Introdução à História da educação matemática**...1998. p. 78.

<sup>106</sup> Euclides de Medeiros Guimarães Roxo bacharelou-se no Colégio Pedro II, onde foi aluno. Formou-se em Engenharia em 1916 pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro e, em 1915, foi aprovado em concurso para professor substituto de Matemática no Colégio Pedro II, no qual em 1919 foi nomeado catedrático neste estabelecimento de ensino e aí foi também examinador de Latim e Matemática nos exames do referido colégio. Ainda no Colégio Pedro II foi diretor de 1925 a 1935, época em que a educação brasileira sofreu profundas modificações. CARVALHO, J. B. P. **Euclides Roxo e as polêmicas sobre a modernização do ensino da matemática**. In: VALENTE, W. R. (org.) **Euclides Roxo e a modernização do ensino de matemática no Brasil**. 1. ed. vol. 1. São Paulo: Biblioteca do Educador Matemático, Coleção SBEM, 2003. p. 86-158. p. 86.

principalmente quanto a esses dois aspectos: a fusão dos ramos da Matemática numa única disciplina denominada “Matemática”, ou seja, Aritmética, Geometria, Álgebra e Trigonometria juntas numa única disciplina, procurando interligá-las no processo de ensino/aprendizagem; e a inserção no currículo dos conteúdos de conceito de função e introdução da noção de cálculo integral e diferencial. Com fortes influências políticas, Euclides Roxo conseguiu realizar essas mudanças no cenário educacional brasileiro no período da Reforma Francisco Campos<sup>107</sup>.

Na década de 30 do século XX, sob a coordenação de Francisco Campos, ocorreu a reforma no ensino<sup>108</sup> que teve a intenção de estabelecer uma organização e estruturação definitiva no ensino secundário, instituindo “o currículo seriado, a frequência obrigatória, dois ciclos, um fundamental e outro complementar, e a exigência de habilitação neles para ingresso no ensino superior”<sup>109</sup>. Com isso, a estrutura do curso secundário ficou estabelecida em sete anos, dividida em duas etapas: o ciclo fundamental em cinco anos; e o ciclo complementar em dois anos. No que se refere ao ensino de Matemática, programas e práticas pedagógicas, a Reforma Francisco Campos aceitou todas as sugestões de inovações (fusão dos ramos da Matemática, interligando-os em uma única disciplina e reestruturação do currículo escolar dessa disciplina em torno do conceito de funções e do cálculo diferencial e integral), que foram implantadas primeiramente no Colégio Pedro II em 1927, pelo educador Euclides Roxo.<sup>110</sup>

A Reforma Capanema, coordenada por Gustavo Capanema<sup>111</sup>, aconteceu na década de 40 do século XX e vigorou até os anos de 1961. A proposta “preservava a divisão do ensino secundário em dois ciclos, o primeiro ciclo

---

<sup>107</sup> Ocorreu logo depois da Revolução de 1930.

<sup>108</sup> Por meio do Decreto 19.890, de 18 de abril de 1931 e, depois, consolidada pelo Decreto 21.241, de 04 de abril de 1932. ROMANELLI, O. O. **História da Educação no Brasil (1930/1973)**...2013. p. 136.

<sup>109</sup> ROMANELLI, O. O. **História da Educação no Brasil (1930/1973)**... p. 136.

<sup>110</sup> SOARES, F. S; DASSIE, B. A; ROCHA, J. L. Ensino de matemática no século XX – da Reforma Francisco Campos à Matemática Moderna. **Horizontes**, Bragança Paulista, v. 22, n. 1, p. 7-15, jan./jun. 2004. p. 08. Disponível em: <<http://www.usf.edu.br/revistas/horizontes/>>. Acesso em 26 set. 2014.

<sup>111</sup> Em 1934 assumiu o Ministério da Educação e no ano de 1936 iniciou a elaboração do Plano Nacional de Educação.

compreenderia um só curso, o ginásial, e o segundo compreenderia dois cursos paralelos, o clássico e o científico”<sup>112</sup>. Capanema, que também apresentou a Lei Orgânica do Ensino Secundário à Presidência da República<sup>113</sup>, ciente das concepções negativas apresentadas por professores de Matemática e demais profissionais da educação, em relação às mudanças ocorridas pela Reforma Campos, procurou atuar como mediador das propostas de elaboração de um novo programa<sup>114</sup> de ensino para o curso secundário <sup>115</sup>.

Durante a Reforma Capanema, foi expedido o Programa de Matemática para o Curso Ginásial, pela Portaria nº 170 de 11/07/1942<sup>116</sup>, com previsão de três aulas semanais e a seguinte distribuição do conteúdo: para a 1ª e 2ª séries: I - Geometria Intuitiva; e II - Aritmética Prática. Para a 3ª e 4ª séries: I - Álgebra; e II - Geometria Dedutiva. A elaboração dos programas de Matemática na Reforma Capanema ficou a cargo de uma comissão, da qual Euclides Roxo era um dos integrantes, mas cujas ideias não eram as únicas discutidas. Conforme Dassie (2001), as ideias de Roxo não tiveram boa aceitação, em especial aquela referente à unificação dos ramos da Matemática. Portanto, durante as décadas de 1940 e 1950, embora tenha prevalecido uma única disciplina, a Matemática, não vingou a fusão de seus ramos, por isso cada um deles foi tratado em separado.

Depois das Reformas Francisco Campos e Capanema, somente em 1951 aconteceram novas modificações nos programas do ensino secundário. Regulamentados pela Portaria Ministerial nº 966, de 2 de outubro de 1951<sup>117</sup>, sob responsabilidade do Ministro da Educação Simões Filho<sup>118</sup>, os novos

---

<sup>112</sup> SOARES, F. S; DASSIE, B. A; ROCHA, J. L. Ensino de matemática no século XX – da Reforma Francisco Campos à Matemática Moderna...2004. p. 11.

<sup>113</sup> Lei de 09 de abril de 1942.

<sup>114</sup> Esse novo programa será expedido pela Portaria Ministerial de 11/07/1942. Falaremos dessa portaria e seus respectivos programas a seguir.

<sup>115</sup> SOARES, F. S; DASSIE, B. A; ROCHA, J. L. Ensino de matemática no século XX – da Reforma Francisco Campos à Matemática Moderna... p. 08.

<sup>116</sup> Ver em MARQUES, Alex Sandro. **Tempos Pré-modernos: a matemática escolar dos anos 1950**. 2005.161 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

<sup>117</sup> Posteriormente, essa legislação será denominada “Portaria de 1951”.

<sup>118</sup> Ernesto Simões da Silva Freitas Filho nasceu em Cachoeira, Bahia, no dia 4 de outubro de 1886. Formou-se pela Faculdade Livre de Direito da Bahia. Político, jornalista e empresário, foi ministro da Educação e, em outubro de 1912, fundou o Jornal “A Tarde”. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/>> . Acesso em 18 Jan. 2015.



programas<sup>119</sup> tinham como principal objetivo realizar uma revisão dos conteúdos e das orientações pedagógicas das disciplinas do ensino secundário<sup>120</sup>.

No que diz respeito aos programas de Matemática, a Portaria de 1951 previa a carga horária semanal de 3 horas e a seguinte estruturação: 1ª série: Aritmética e Sistema Legal de Unidades; 2ª série: Aritmética e Álgebra; 3ª série: Aritmética, Álgebra e Geometria; 4ª série: Álgebra e Geometria.

Conforme a Portaria de 1951, que previa a elaboração dos planos de desenvolvimento dos programas mínimos<sup>121</sup>, em 14 de dezembro de 1951, pela Portaria Ministerial nº 1045, o Ministério da Educação e Saúde aprovou os planos, juntamente com as instruções metodológicas para o ensino secundário.

## 2.2 - O Segundo Movimento de Modernização do Ensino de Matemática no Brasil: o movimento da matemática moderna (MMM)

A partir dos anos de 1950, ocorreram intensos debates sobre modificações no ensino da Matemática, principalmente no que se refere à realização dos primeiros congressos nacionais de ensino da Matemática<sup>122</sup>, que representaram mais um meio de divulgação das ideias do Movimento da Matemática Moderna. Esse movimento tinha como objetivo “pôr em dia e

---

<sup>119</sup> O Programa de Matemática expedido na Portaria de 1951 foi um programa simplificado, denominado Programa Mínimo, uma vez que foi notável a diferença quantitativa de conteúdos que seriam essenciais a serem ministrados no Curso Ginásial nos anos de 1950. MARQUES, A. S. **Tempos Pré-modernos: a matemática escolar dos anos 1950...2005**. p. 53.

<sup>120</sup> MARQUES, A. S. **Tempos Pré-modernos: a matemática escolar dos anos 1950...**p. 52.

<sup>121</sup> Cabe salientar que ficou estabelecido que os estados poderiam elaborar seus próprios programas desenvolvidos, a partir de Programas Mínimos. MARQUES, A. S. **Tempos Pré-modernos: a matemática escolar dos anos 1950...**p. 61.

<sup>122</sup> Trataremos mais detalhadamente desses Congressos no tópico 2.2.1 deste capítulo. Neles se iniciaram discussões sobre novas direções para o ensino da Matemática relacionadas à metodologia, ao treinamento e formação de professores, aos currículos, material didático, etc. Além disso, os professores tiveram espaço para divulgar suas experiências e para propor atividades que pudessem ajudar os alunos a entender melhor a Matemática, o que contribuiria também para o trabalho do professor. SOARES, F. Ensino de matemática e matemática moderna em congressos no Brasil e no mundo. **Revista Diálogo Educacional**, vol. 8, núm. 25, set-dez, 2008, pp. 727-744, Pontifícia Universidade Católica do Paraná Brasil. p. 735. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo>>. Acesso em 18 Jan. 2015.

corrigir o ensino tradicional das escolas, e acrescentar aos programas temas da denominada Matemática Moderna”<sup>123</sup>.

Os novos conteúdos da Matemática Moderna que deveriam ser inseridos no currículo escolar<sup>124</sup> deveriam ser a “Teoria dos Conjuntos, Conceitos de grupo, anel e corpo, Espaços vetoriais, Matrizes, Álgebra de Boole e Noções de cálculo diferencial e estatística”<sup>125</sup>. Embora esses temas devessem ser introduzidos na disciplina Matemática,

talvez o conceito matemático central da reforma – pelo menos aquele a que foi mais associado – foi a noção de Conjunto. Pretendia-se que a teoria dos conjuntos fosse ensinada aos alunos de todos os níveis de escolaridade, desde o ensino primário até a universidade. A ênfase nos conjuntos era fundamentada no fato de ser um conceito básico da Matemática, além de uma poderosa ferramenta para a unificação da disciplina.<sup>126</sup>

A utilização da teoria dos conjuntos “viria não somente incorporar-se ao currículo como mais um tópico a ser estudado como também faria a ligação entre todos os assuntos da Matemática”<sup>127</sup>, pois “seria ainda a linguagem usada para garantir a precisão e o rigor necessários à Matemática”<sup>128</sup>.

## 2.2. 1 - Congressos de Ensino de Matemática no Brasil

O I Congresso Nacional de Ensino da Matemática foi realizado de 04 a 07 de setembro de 1955, na cidade de Salvador, no estado da Bahia, por iniciativa

---

<sup>123</sup> Fehr, 1971, p. 26 citado por Soares, 2001, p. 46. SOARES, Flávia. **Movimento da Matemática Moderna no Brasil: avanço ou retrocesso?** 2001. Dissertação (Mestrado em Matemática) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

<sup>124</sup> Na prática, a introdução dos novos tópicos trouxe, entre outras coisas, alterações no currículo, na metodologia de ensino, nos livros didáticos, no papel das aplicações da Matemática e no enfoque dado à Álgebra e à Geometria. SOARES, Flávia. **Movimento da Matemática Moderna no Brasil: avanço ou retrocesso?...**p. 64.

<sup>125</sup> SOARES, Flávia. **Movimento da Matemática Moderna no Brasil: avanço ou retrocesso?...** p. 46.

<sup>126</sup> SOARES, Flávia. **Movimento da Matemática Moderna no Brasil: avanço ou retrocesso?...** p. 47-48.

<sup>127</sup> SOARES, Flávia. **Movimento da Matemática Moderna no Brasil: avanço ou retrocesso? ...**p. 63

<sup>128</sup> SOARES, Flávia. **Movimento da Matemática Moderna no Brasil: avanço ou retrocesso? ...**p. 63

da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia, coordenado pela professora Martha Maria de Souza Dantas<sup>129</sup>. Esse congresso teve a finalidade de discutir problemas vinculados ao ensino da Matemática, programas, currículos, o livro de classe e abordar as primeiras perspectivas modernas do ensino<sup>130</sup>.

É importante mencionar que o I Congresso Nacional de Ensino da Matemática foi realizado em Salvador, sob a coordenação da professora Martha Dantas, em decorrência de outros fatores, como destacaremos. Martha Dantas fora convidada por Isaías Alves para ensinar no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia e, tendo aceitado o convite, identificou alguns empecilhos<sup>131</sup> na condução das mudanças necessárias no ensino da Matemática (DIAS, 2008).

Nesse sentido, Martha Dantas, com o domínio de dois ou três idiomas estrangeiros, viajou para a Bélgica<sup>132</sup>, a Inglaterra<sup>133</sup> e a França<sup>134</sup> para acompanhar as discussões que aconteciam na Europa direcionadas as

---

<sup>129</sup>Após terminar o curso do Magistério em 1942, iniciou sua carreira como professora primária. Posteriormente ingressou na Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia em 1945, concluindo o curso de Bacharelado e Licenciatura em Matemática em 1948. Logo em seguida, é convidada pelo diretor da faculdade, Dr. Isaías Alves para dirigir o Colégio de Aplicação (inaugurado em 1949), no qual Martha Dantas deveria lecionar a disciplina Didática Especial da Matemática em substituição ao docente Aristides da Silva Gomes. CAMARGO, K. C. **O Ensino de geometria na Bahia em tempo de do movimento da matemática moderna: primeiros estudos**. In: BÚRIGO, E. Z; FISCHER, M. C. B; SANTOS, M. B (org.) *A matemática moderna nas escolas do Brasil e de Portugal: novos estudos*. Porto Alegre: Redes Editora, 2008. p. 81-94.

<sup>130</sup> CONGRESSO NACIONAL DE ENSINO DA MATEMÁTICA. 1, Salvador. **Anais...** Salvador, BA: Universidade da Bahia, 1955.

<sup>131</sup> A forma como a matemática era ensinada, o isolamento dos professores, o individualismo de suas ações e iniciativas, falta de orientação educacional por parte dos órgãos públicos, a falta de iniciativas para aglutinar os professores em torno de interesses comuns, de objetivos convergentes. DIAS, A. L. M. **Da profissionalização dos professores à matemática moderna na Bahia: contribuições de Isaías Alvas e de Martha Dantas**. In: BÚRIGO, E. Z; FISCHER, M. C. B; SANTOS, M. B (org.) **A matemática moderna nas escolas do Brasil e de Portugal: novos estudos**. Porto Alegre: Redes Editora, 2008. p. 58-68. p. 62.

<sup>132</sup> Na Bélgica, Martha Dantas verificou que a universidade orientava os futuros professores na preparação de aulas de Geometria com as demonstrações. CAMARGO, K. C. **O Ensino de geometria na Bahia em tempo de do movimento da matemática moderna: primeiros estudos...**2008. p. 84.

<sup>133</sup> Na Inglaterra, Martha Dantas observou que os ingleses valorizavam o ensino da geometria com o método da redescoberta. CAMARGO, K. C. **O Ensino de geometria na Bahia em tempo de do movimento da matemática moderna: primeiros estudos...**p. 84.

<sup>134</sup> Na França, Martha Dantas observou os professores participavam de momentos de reflexão sobre as dificuldades, necessidades e conhecimentos de alunos em estágios realizados em Sèvres. CAMARGO, K. C. **O Ensino de geometria na Bahia em tempo de do movimento da matemática moderna: primeiros estudos...** 2008. p. 84.

“inovações que começavam a ser implantadas nos países da Europa e nos EUA, onde o ensino tradicional da Matemática começava a ser substituído pela Matemática Moderna”<sup>135</sup>. Retornando da sua viagem, Martha Dantas solicitou apoio de Isaías Alves e de Edgard Santos<sup>136</sup>, então reitor da Universidade da Bahia, de professores do curso de Matemática da Faculdade de Filosofia e também de professores de outros estados. Dessa forma, conseguiu realizar o I Congresso Nacional de Ensino da Matemática na cidade de Salvador, no ano de 1955.

A realização desse primeiro congresso foi um acontecimento importante para disseminação das ideias de mudanças acerca do ensino da matemática, que seriam defendidas no Brasil nos anos posteriores e se destacariam na realização dos próximos congressos, com ênfase no Movimento da Matemática Moderna-MMM.

O II Congresso Nacional de Ensino da Matemática aconteceu de 29 de junho a 04 de julho do ano de 1957 em Porto Alegre - RS, com o objetivo de debater questões relativas à aprendizagem da Matemática nos diferentes níveis de ensino e definir as bases para a elaboração de programas, levando em conta aspectos científicos e psicológicos, além de abordar, mesmo que brevemente, a Matemática Moderna.<sup>137</sup>

De 20 a 25 de Julho do ano de 1959, no Rio de Janeiro, com o patrocínio da Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES)<sup>138</sup>, foi realizado o III Congresso Nacional de Ensino da Matemática, no qual a

---

<sup>135</sup> DIAS, A. L. M. **Da profissionalização dos professores à matemática moderna na Bahia: contribuições de Isaías Alvas e de Martha Dantas...**2008. p. 62.

<sup>136</sup> Com apoio dos catedráticos do curso, já que ingressou em 1952 e, sua atuação docente era recente na Universidade.

<sup>137</sup> SOARES, F. Os Congressos de Ensino de Matemática no Brasil nas Décadas de 1950 e 1960 e as Discussões sobre a Matemática Moderna, **1º seminário paulista de história e educação Matemática**. Outubro de 2005. p. 02-05. USP. Disponível em: <<http://www.ime.usp.br/~sphem/documentos/sphem-programacao.pdf>>. Acesso em 26 set 2014.

<sup>138</sup> A Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES) foi criada pelo Presidente Getúlio Vargas em 1953, de acordo com o Decreto nº 34.638, de 14 de novembro de 1953 com o objetivo de difundir e elevar o nível do ensino secundário. Nas décadas de 50 e 60, a CADES prestou relevantes serviços à educação brasileira, através da realização de cursos de treinamento para professores do ensino secundário, jornadas de diretores, simpósios de orientação educacional, encontros de inspetores do ensino secundário, cursos para secretários de estabelecimentos de ensino, dentre outros. Disponível em: <<http://www.educacao.ufrj.br/>>

participação de professores foi ampliada, e cujo propósito foi o de estudar os problemas relativos ao ensino secundário, primário, comercial, industrial e normal, além de problemas de ordem geral relativos ao ensino de Matemática.<sup>139</sup>

O IV Congresso Nacional de Ensino da Matemática, realizado no ano de 1962, em Belém, no Pará, tratou de maneira mais direcionada a introdução da Matemática Moderna no ensino. Além disso, esse Congresso contou com a presença de congressistas ligados ao Grupo de Estudos do Ensino da Matemática (GEEM), fundado em 1961.<sup>140</sup>

Organizado pelo GEEM, o V Congresso Nacional de Ensino da Matemática, que aconteceu em 1966, em São José dos Campos, São Paulo, teve como temática principal as discussões sobre a Matemática Moderna na escola secundária e suas articulações com o ensino primário e o ensino universitário. Ocorreram também sessões de debates sobre problemas da Teoria dos Conjuntos e de Lógica Matemática aplicada ao ensino; Tópicos de Álgebra Moderna e Espaços Vetoriais; Problemas de tratamento moderno da Geometria e Lógica Matemática.<sup>141</sup>

## 2.2. 2 - Grupos Autônomos e Grupos Institucionais no Brasil

Embora muitas das novas ideias sobre a Modernização do Ensino da Matemática tenham sido exploradas durante os cinco congressos nacionais de ensino da Matemática, “a oficialização do MMM em alguns estados brasileiros se deu pela constituição de grupos formados por professores”<sup>142</sup>, dos quais, podemos elencar dois tipos: os grupos autônomos e os grupos institucionais. Acerca dos grupos autônomos, podemos citar o Grupo de Estudo do Ensino de

<sup>139</sup> SOARES, F. Os Congressos de Ensino de Matemática no Brasil nas Décadas de 1950 e 1960 e as Discussões sobre a Matemática Moderna...2005. p. 05.

<sup>140</sup> SOARES, F. Os Congressos de Ensino de Matemática no Brasil nas Décadas de 1950 e 1960 e as Discussões sobre a Matemática Moderna...p. 06.

<sup>141</sup> SOARES, F. Os Congressos de Ensino de Matemática no Brasil nas Décadas de 1950 e 1960 e as Discussões sobre a Matemática Moderna...p. 06.

<sup>142</sup> WIELEWSKI, G. D. **Políticas educacionais e oficialização da matemática moderna no Brasil.** In: BÚRIGO, E. Z; FISCHER, M. C. B; SANTOS, M. B (org.) A matemática moderna nas escolas do Brasil e de Portugal: novos estudos. Porto Alegre: Redes Editora, 2008. p. 22-34. p.23.

Matemática (GEEM), o Núcleo de Estudos e Difusão do Ensino de Matemática (NEDEM) e o Grupo de Estudos sobre o Ensino de Matemática de Porto Alegre (GEEMPA). Já sobre os grupos institucionais, temos, por exemplo, o Centro de Ensino de Ciências da Bahia (CECIBA) <sup>143</sup>, em Salvador, e o Instituto de Matemática do Rio Grande do Norte (IMURN) em Natal.

O GEEM foi criado no ano de 1961, com sede na Universidade Mackenzie, em São Paulo, tendo como presidente o professor Osvaldo Sangiorgi, principal responsável pela efetivação e divulgação das ideias do MMM no Brasil. O GEEM oferecia cursos<sup>144</sup> para professores primários e secundários em período de férias docentes, priorizando o conteúdo matemático, na maioria das vezes, de nível superior. <sup>145</sup>

Criado no ano de 1962 e localizado em Curitiba, o NEDEM tinha como coordenador o professor Osny Antonio Dacol. Esse grupo se empenhou nos estudos do Movimento da Matemática Moderna, iniciando, na sala de aula, seus trabalhos com o MMM nas classes experimentais do Colégio Estadual do Paraná, apenas em 1964, em turmas de 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> séries do curso ginásial. <sup>146</sup>

O GEEMPA foi fundado em 1970, no estado do Rio Grande do Sul, sob a presidência da professora Esther Grossi, com influência de profissionais internacionais vinculados ao MMM, os quais direcionaram a oficialização desse movimento em Porto Alegre. <sup>147</sup>

Oficializado no ano de 1966, o IMURN, localizado na cidade de Natal no estado do Rio Grande do Norte, tinha a finalidade de qualificar prováveis futuros professores de Matemática com cursos sobre os conteúdos de Análise Matemática e Álgebra. <sup>148</sup>

---

<sup>143</sup> Falaremos sobre o CECIBA no tópico 2.3 deste capítulo.

<sup>144</sup> Em parcerias com o Ministério da Educação e Cultura – MEC e com as Secretarias de Educação do Estado de São Paulo.

<sup>145</sup> WIELEWSKI, G. D. **Políticas educacionais e oficialização da matemática moderna no Brasil...**p. 25.

<sup>146</sup> WIELEWSKI, G. D. **Políticas educacionais e oficialização da matemática moderna no Brasil...**p.27.

<sup>147</sup> WIELEWSKI, G. D. **Políticas educacionais e oficialização da matemática moderna no Brasil...**p.29.

<sup>148</sup> WIELEWSKI, G. D. **Políticas educacionais e oficialização da matemática moderna no Brasil...**2008. p.31.

### 2.3 - O Movimento da Matemática Moderna no Estado da Bahia

Após a realização dos três primeiros congressos nacionais de ensino da Matemática, ocorreu a constituição de grupos autônomos (GEEM, NEDEM e GEEMPA) ou grupos institucionais (IMURN, CECIBA) para oficialização do MMM. No estado da Bahia, houve a criação de um grupo institucional, o Centro de Ensino de Ciências da Bahia (CECIBA)<sup>149</sup>, que teve como principal objetivo a renovação no ensino secundário de Ciências<sup>150</sup>. Em relação à Matemática, tinha como principal propósito introduzir a Matemática Moderna no currículo escolar baiano. Houve nesse grupo presenças marcantes e direcionadoras para realização de tal propósito, o matemático Omar Catunda<sup>151</sup> e a professora Martha Maria de Souza Dantas.

Omar Catunda procurou participar dos congressos nacionais de ensino da Matemática em razão da sua preocupação com o ensino secundário. Aposentado pela USP em 1962, Catunda aceitou o convite de Arlete Cerqueira Lima<sup>152</sup> e resolveu morar em Salvador, “assumindo o cargo de Diretor do Instituto de Matemática e Física no lugar de Rubens Gouveia Lintz”<sup>153</sup> no ano de 1963.

Conforme mencionamos, em virtude da sua preocupação com o andamento do curso secundário no Brasil, Catunda procurou contribuir para a

---

<sup>149</sup> O CECIBA foi um dos seis centros implantados no Brasil, na década de 60 do século XX.

<sup>150</sup> Esse objetivo seria realizado ao introduzir uma renovação no ensino secundário nas disciplinas Matemática, Física, Química e Biologia, mediante o treinamento e aperfeiçoamento dos professores que significavam na época atualizar esses docentes dos novos conteúdos, métodos e materiais didáticos que estavam sendo divulgados no cenário nacional. FREIRE, I. A. A. **Ensino de Matemática: iniciativas inovadoras no Centro de Ensino de Ciências da Bahia (1965-1969)**. 2009. 102 f. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História da Ciência)-Instituto de Física, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

<sup>151</sup> Omar Catunda nasceu no dia 23 de setembro 1906, na cidade de Santos em São Paulo. No ano de 1925, ingressou na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo – USP e, depois de formado, Catunda trabalhou como engenheiro na da Prefeitura de Santos, mas no ano de 1934 foi contratado pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo – FFCLUSP, na qual era assistente de Luigi Fantappiè, na disciplina de Análise Matemática. DUARTE, A. R. S. **A participação do matemático Omar Catunda no MMM da Bahia**. In: MATOS, J. M. M; VALENTE, R. V (org.) *A matemática moderna nas escolas do Brasil e de Portugal: primeiros estudos*. São Paulo: Editora da Vinci/Capes/Ghemat, 2007. p. 163-170. p. 163-164.

<sup>152</sup> Foi uma das fundadoras do Instituto de Matemática e Física da UFBA e atualmente é docente aposentada do Instituto de Matemática dessa universidade.

<sup>153</sup> DUARTE, A. R. S. **A participação do matemático Omar Catunda no MMM da Bahia...** 2007. p. 165.

modernização do ensino da Matemática, no que se refere à realização de atividades em Salvador, no estado da Bahia, estabelecendo como objetivo “melhorar a formação dos professores, organizou cursos, seminários, palestras, e conferências”<sup>154</sup>. Desse modo, Omar Catunda e a professora Martha Maria de Souza Dantas coordenaram um grupo de professores do Centro de Ensino de Ciências da Bahia (CECIBA)<sup>155</sup>, com a finalidade de inserir a Matemática Moderna nas escolas de cursos secundário do estado da Bahia.

A Criação do CECIBA, em finais do ano de 1965, foi de fundamental importância para implementação da Matemática Moderna na Bahia, já que esse espaço se mostrou favorável para a divulgação do MMM. Embora desde 1962 já acontecessem experimentações com textos da Matemática Moderna, foram realizados, a partir do ano de 1966, cursos regulares e intensivos de preparação para formação dos professores de Matemática, estágios, seminários, palestras, elaboração de textos<sup>156</sup>, boletins e livros didáticos foram elaborados por Catunda e Martha Dantas, “focando conteúdos da MM para professores do ensino secundário”<sup>157</sup> ministrados por Martha Dantas com o intuito de unir conteúdo e método.

Os cursos regulares eram “desenvolvidos semestralmente, visando à atualização científica e metodológica dos professores, trabalhando conteúdos muitas vezes do ensino secundário com inclusão de novos métodos e currículos”<sup>158</sup> enquanto que os intensivos eram “realizados nas férias de janeiro e junho em tempo integral, com a mesma finalidade dos cursos regulares,

---

<sup>154</sup> DUARTE, A. R. S. **A participação do matemático Omar Catunda no MMM da Bahia...** p. 165.

<sup>155</sup> Criado em 1965, por meio do convênio entre o Ministério da Educação – MEC, a Secretaria de Educação e a Universidade Federal da Bahia, dirigido pelo docente José Walter B. Vidal, de maneira que Martha Dantas foi responsável pelo setor de Matemática juntamente com Omar Catunda. É importante salientar que em 1964 foram criados os Centros de Ensino de Ciências, por meio do convênio entre o MEC e as secretarias de Educação em alguns estados do Brasil.

<sup>156</sup> Os textos abordavam sobre a MM e foram utilizados a partir de 1966 no Colégio de Aplicação da Universidade Federal da Bahia – UFBA. WIELEWSKI, G. D. **Políticas educacionais e oficialização da matemática moderna no Brasil...** 2008. p. 30.

<sup>157</sup> WIELEWSKI, G. D. **Políticas educacionais e oficialização da matemática moderna no Brasil...**2008. p. 30.

<sup>158</sup> FREIRE, I. A. A. **Ensino de Matemática: iniciativas inovadoras no Centro de Ensino de Ciências da Bahia (1965-1969)...**2009. p. 56.



buscando atender principalmente os professores do interior da Bahia e de outros Estados”<sup>159</sup>.

Sobre os Estágios, Freire (2009), menciona que era uma atividade desenvolvida com

professores selecionados da rede pública do ensino secundário, possibilitando, para além de uma atualização, a preparação tanto para a orientação de programas de aperfeiçoamento quanto para assumirem as classes experimentais, onde estavam sendo colocados em prática, em âmbito escolar, os novos métodos e currículos da matemática e das ciências experimentais<sup>160</sup>.

Os seminários eram “cursos rápidos sobre tópicos específicos relacionados às áreas das disciplinas científicas, principalmente para professores líderes”<sup>161</sup> e as palestras eram realizadas na “Universidade ou nas escolas, com intenção de sensibilizar os professores para a necessidade de atualização e renovação dos seus conhecimentos”<sup>162</sup>.

Neste período, é importante frisar que também houve, por intermédio de patrocínios da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), propagação do MMM na Bahia, na medida em que cursos da MM eram realizados para professores do ensino secundário.<sup>163</sup>

No final do ano de 1969, se encerrou o CECIBA, e Martha Dantas juntamente com suas colaboradoras<sup>164</sup> iniciaram um novo projeto intitulado “Processo entre a exposição e a descoberta” para melhores perspectivas no ensino da Matemática nas séries do curso ginásial.

Constatamos então, que, embora o MMM tivesse acontecido a partir dos anos de 1960 no estado da Bahia com alguns indícios de experimentações já

---

<sup>159</sup> FREIRE, I. A. A. **Ensino de Matemática: iniciativas inovadoras no Centro de Ensino de Ciências da Bahia (1965-1969)**...p. 56.

<sup>160</sup> FREIRE, I. A. A. **Ensino de Matemática: iniciativas inovadoras no Centro de Ensino de Ciências da Bahia (1965-1969)**...p. 58.

<sup>161</sup> FREIRE, I. A. A. **Ensino de Matemática: iniciativas inovadoras no Centro de Ensino de Ciências da Bahia (1965-1969)**...p. 56.

<sup>162</sup> FREIRE, I. A. A. **Ensino de Matemática: iniciativas inovadoras no Centro de Ensino de Ciências da Bahia (1965-1969)**...p. 56.

<sup>163</sup> FREIRE, I. A. A. **Ensino de Matemática: iniciativas inovadoras no Centro de Ensino de Ciências da Bahia (1965-1969)**...2009. p. 56.

<sup>164</sup> Eliana Costa Nogueira, Eunice da Conceição Guimarães, Neide Clotilde de Pinho e Souza e Norma Coelho de Araújo.

realizados desde o ano de 1962, a difusão, propagação e desenvolvimento para inserção da Matemática Moderna no currículo escolar do ensino da Matemática só ocorreu a partir do final do ano de 1965.

Desse modo, no Colégio Taylor-Egídio em Jaguaquara, município do interior do estado da Bahia, a inserção dos novos conteúdos da Modernização do Ensino da Matemática foram encontrados na descrição dos diários de classe da disciplina Matemática a partir do ano de 1966.

### CAPÍTULO 3

## A TRAJETÓRIA DOS PROFESSORES DE MATEMÁTICA E O ENSINO DE MATEMÁTICA NO COLÉGIO TAYLOR-EGÍDIO (1950-1960)

Pelo Colégio Taylor-Egídio, no município de Jaguaquara, na Bahia, durante as décadas de 50 e 60 do século XX, percebemos, conforme análise dos diários de classe de Matemática, que passaram vários professores de Matemática, a maioria do sexo masculino. A presença de uma mulher ministrando aulas de Matemática só aconteceu no ano de 1967<sup>165</sup>. Isso nos fez pensar em várias razões pelas quais isso tenha acontecido. Mas, como não encontramos documentos escolares que nos direcionassem a respostas precisas para tal percepção, ficamos com os seguintes questionamentos: será que durante o período mencionado o interesse pela docência era maior em homens? O interesse/afinidade pelos conhecimentos matemáticos era mais presente nos homens? Havia um domínio maior dos conhecimentos matemáticos pelos homens?

Com o funcionamento do Ginásio a partir do ano de 1942, o CTE, que era constituído por missionários idealizadores, brasileiros e norte-americanos, foi contemplado por vários professores que vieram dos Estados Unidos, com a missão de desenvolver o processo ensino/aprendizagem com princípios religiosos, para ministrar disciplinas, como Inglês, Francês, Latim, entre outras. No que se refere ao ensino da Matemática, um missionário e engenheiro norte-americano ensinava essa disciplina para os alunos do ginásio<sup>166</sup>.

Identificamos por meio dos diários de classe que, a partir do ano de 1950 até o ano de 1969, ensinaram Matemática no CTE, os seguintes professores: Walter Vaz Andrade<sup>167</sup>, Edesio José de Oliveira<sup>168</sup>, Raimundo Dias Machado<sup>169</sup>,

---

<sup>165</sup> Essa informação foi constatada durante a verificação dos nomes dos professores de Matemática nos diários de classe da disciplina Matemática no Colégio Taylor-Egídio, no período de 1950 a 1969.

<sup>166</sup> ANDRADE. D. G. V. *Colégio Taylor-Egídio 100 anos...*1998. p. 146.

<sup>167</sup> Professor já falecido.

<sup>168</sup> Participante da pesquisa.

<sup>169</sup> Não foram encontradas informações sobre esse professor.

João Rocha da Silva<sup>170</sup>, Vicente Dias Lima<sup>171</sup>, Lourival José dos Santos<sup>172</sup>, Raimundo Melo<sup>173</sup>, Samuel Costa<sup>174</sup> e Antonia Nilzete de Farias<sup>175</sup>. No entanto, tivemos como participantes da pesquisa apenas Edesio José de Oliveira, João Rocha da Silva, Lourival José dos Santos e Antonia Nilzete de Farias<sup>176</sup>.

Neste capítulo 3, analisaremos a trajetória dos professores de Matemática que participaram da pesquisa, suas práticas pedagógicas, o desenvolvimento do processo do ensino/aprendizagem da Matemática, por meio da análise dos conteúdos registrados nos diários de classe, e como aconteceu o contato com a Matemática Moderna e a apropriação dos novos conteúdos inseridos no currículo. Todos esses aspectos estão inseridos na cultura escolar, “um conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos”<sup>177</sup>. Conforme a época, essas normas e práticas são dispostas de acordo com determinadas finalidades que podem ser de ordem religiosa, sociopolítica ou, simplesmente, de socialização.

Para entendimento dessa cultura escolar como objeto histórico, Julia (2001) expõe três eixos: interessar-se pelas normas e pelas finalidades que regem a escola; avaliar o papel desempenhado pela profissionalização do trabalho de educador; interessar-se pela análise dos conteúdos ensinados e das práticas escolares. Na nossa investigação, embora o eixo da análise dos conteúdos ensinados e das práticas escolares seja o mais explorado, tendo em vista que analisamos a descrição dos assuntos ministrados nos diários de classe e a prática escolar dos professores de Matemática a partir dos relatos das entrevistas, também utilizamos os eixos das normas e finalidades que regem a escola e a profissionalização do trabalho de educador. Ou seja, todas as

---

<sup>170</sup> Participante da pesquisa.

<sup>171</sup> Não foram encontradas informações sobre esse professor.

<sup>172</sup> Participante da pesquisa.

<sup>173</sup> Não foram encontradas informações sobre esse professor.

<sup>174</sup> Professor já falecido.

<sup>175</sup> Participante da pesquisa.

<sup>176</sup> Todos os participantes são brasileiros. Dos nove professores de Matemática, apenas quatro foram participantes da pesquisa por que alguns já são falecidos e outros não conseguimos obter informações.

<sup>177</sup> JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico...2001. p. 10.

perspectivas mencionadas por Julia (2001) para entendimento da cultura escolar foram utilizadas na pesquisa.

No intuito de reconstruir a trajetória de vida e de profissão e os aspectos da prática docente, utilizamos as entrevistas semiestruturadas, pelas quais o entrevistado recorreu à sua memória, lembrando-se dos fatos passados. Sobre a memória, Le Goff (1924) define

[...] como propriedade de conservar certas informações, remetendo-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, o que ele representa como passadas.<sup>178</sup>

Outro aspecto importante mencionado nas entrevistas refere-se ao contato e à apropriação dos assuntos da Matemática Moderna, de maneira a compreender como os professores de Matemática do Colégio Taylor-Egídio se apropriaram dos conteúdos da Matemática Moderna que foram inseridos no currículo escolar do curso secundário. Tal apropriação tem por objetivo “uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem”<sup>179</sup>.

Ao mesmo tempo, fizemos análise dos registros dos diários de classe de Matemática, confrontando-os com os Programas de Matemática para o Curso Ginásial, expedidos na Portaria Ministerial nº 170 de 11/07/1942<sup>180</sup> (Anexo 3) e na Portaria Ministerial nº 1045 de 14/12/1951<sup>181</sup> (Anexo 4). Para tanto, também

<sup>178</sup> LE GOFF, J. **História e memória**. 5ª ed. 1924. Tradução Bernardo Leitão... [et al.]. - Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003. p. 419.

<sup>179</sup> CHARTIER, R. **A História Cultural: entre prática e representações...**2002. p. 26.

<sup>180</sup> Os programas de Matemática expedidos nessa portaria ministerial foram utilizados nessa pesquisa para análise dos conteúdos descritos pelos professores no período de 1950 a 1954. Isso foi necessário um novo programa foi expedido na Portaria Ministerial nº 1045 de 14/12/1951.

<sup>181</sup> Os programas de Matemática expedidos nessa portaria ministerial foram utilizados nessa pesquisa para análise dos conteúdos descritos pelos professores no período de 1956 a 1966, pois não encontramos outros programas de Matemática que foram expedidos para o ensino secundário no período mencionado. Embora a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases - LDB tenha sido feito no ano de 1961 (Lei 4.024 de 1961), apenas um reajustamento dos programas foi feito em 1961. Identificamos também que os livros didáticos utilizados por professores de matemática no período de 1961 a 1967 (serão apresentados nos tópicos 4.1 e 4.2) estão em conformidade com a Portaria nº 1.045 de 14/12/1951, logo o desenvolvimento do ensino de matemática nesse período foi direcionado pelos programas de Matemática expedidos nesta portaria. Além disso, a partir do ano de 1966, nossos olhares se direcionam a inserção dos

nos debruçamos sobre as contribuições teóricas das disciplinas escolares, que Chervel (1990) afirma serem constituídas

por uma combinação, em proporções variáveis, conforme o caso, de vários constituintes: um ensino de exposições, os exercícios, as práticas de incitação e de motivação e um aparelho docimológico, os quais, em cada estado da disciplina, funcionam evidentemente em estreita colaboração, do mesmo modo que cada um deles está, à sua maneira, em ligação direta com as finalidades<sup>182</sup>.

Compreendemos que, não só a explicação de conteúdos numa disciplina escolar tem relevância para a sua constituição; é preciso acrescentar a realização de atividades, as atitudes de motivação e as tarefas avaliativas. É necessário, também, considerar que a maneira como a disciplina escolar é elaborada e organizada está estritamente ligada aos objetivos e propósitos da época em que foi estabelecida.

Embora as atividades avaliativas também representem um dos elementos importantes para reconstruir o processo de constituição de uma disciplina escolar, para essa investigação não localizamos provas de Matemática ou qualquer outro instrumento avaliativo utilizado por professores de Matemática do Colégio Taylor-Egídio, no período investigado. Os únicos indícios que encontramos da forma de avaliação no ensino da Matemática do CTE foram os registros nos diários de classe da disciplina, por esse motivo a abordagem sobre o processo avaliativo em Matemática será breve.

Sobre os registros, notamos que eles eram feitos no mesmo espaço destinado à descrição dos assuntos ministrados. Dessa maneira, percebemos que os professores utilizaram vários instrumentos para avaliar os alunos, conforme segue no Quadro 1:

---

conteúdos da Matemática Moderna no currículo escolar da disciplina Matemática no cenário nacional.

<sup>182</sup> CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa... 1990. p. 207.

**Quadro 1: A avaliação no Ensino de Matemática no CTE (1950-1969)**

Período	Instrumento(s) de Avaliação
1950-1951	Prova; Arguição; Prova Parcial;
1952-1955	Prova; Prova Parcial;
1956-1958	Prova; Prova Parcial; Prova Oral;
1959-1960	Prova; Prova Parcial; Prova Oral; Arguição;
1961-1963	Prova; Arguição;
1963-1967	Teste; Prova;
1967-1969	Teste; Prova;

**FONTE: Diários de Classe do curso ginásial do Colégio Taylor-Egídio (1950-1969)**

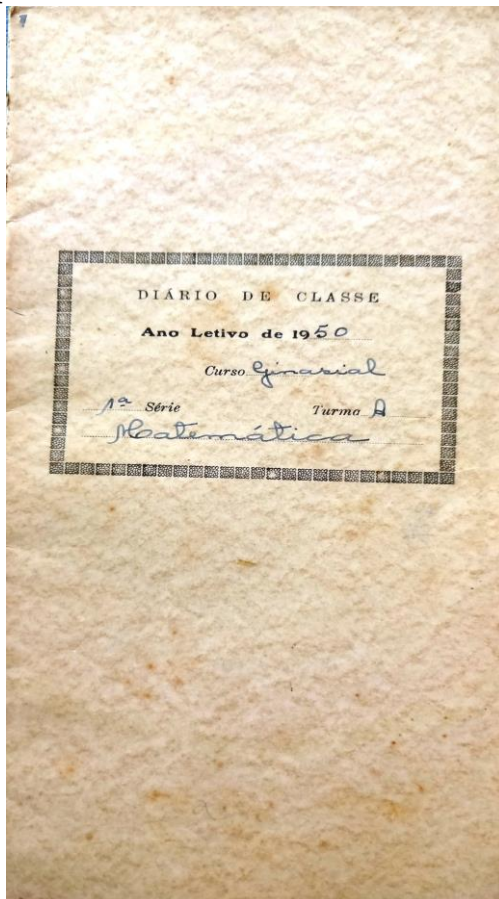
Acerca das definições estabelecidas para a disciplina Matemática, no que se refere à situação do Colégio Taylor-Egídio no período de 1950 a 1969, não encontramos nenhum indício de que houvesse diferenças no ensino dessa disciplina por se tratar de um colégio batista. Notamos que o Programa de Matemática para o Curso Ginásial, expedido, tanto na Portaria nº 170 do ano de 1942, como na Portaria nº 1045 do ano de 1951 (legislação educacional vigente utilizada na pesquisa), estabelece uma quantidade de três horas semanais. Ao analisarmos as datas dos registros dos conteúdos ministrados em todos os diários de classe de Matemática do período investigado e observando as datas nos calendários (1950-1969), percebemos que essa carga horária foi cumprida. Percebemos também que os registros dos conteúdos de Matemática que foram ministrados pelos professores estão em conformidade com a programação de assuntos estabelecidos pelas Portarias nº 170 e nº 1045 (legislação educacional vigente no Brasil). Nesse sentido, ao que tudo indica, pelas fontes documentais que tivemos acesso para realização da pesquisa, embora esse colégio tivesse em sua estrutura o direcionamento de uma filosofia educacional da Igreja Batista, procurava seguir as exigências educacionais vigentes no Brasil para o período mencionado.

### **3.1 – Sobre os Diários de Classe de Matemática do Colégio Taylor-Egídio**

Analisando os documentos escolares antigos que se constituíram em fontes históricas, mais especificamente os Diários de Classe de Matemática do

Colégio Taylor-Egídio, observamos que, no período de 1950-1959<sup>183</sup>, eles tinham um formato retangular vertical, na capa a denominação “Diário de Classe” e espaços para indicação do ano, curso, série e turma. Depois dessas informações, há uma linha para especificação da disciplina (Imagem 1).

**Imagem 1 – Capa do Diário de Classe de Matemática do CTE do ano de 1950**



**FONTE: Arquivos da Secretaria do Colégio Taylor-Egídio**

Na capa dos diários de classe dos anos de 1952 e 1953, constatamos uma diferença: um espaço destinado para registro do nome do professor. A partir de 1954, já consta na capa do diário de classe, além do espaço para registrar todas as informações já mencionadas, espaço para registro de mais uma informação que é o nome do estabelecimento. Dessa forma, percebemos que, com o passar do tempo, o diário de classe sofre acréscimo de informações, embora o seu formato seja o mesmo.

---

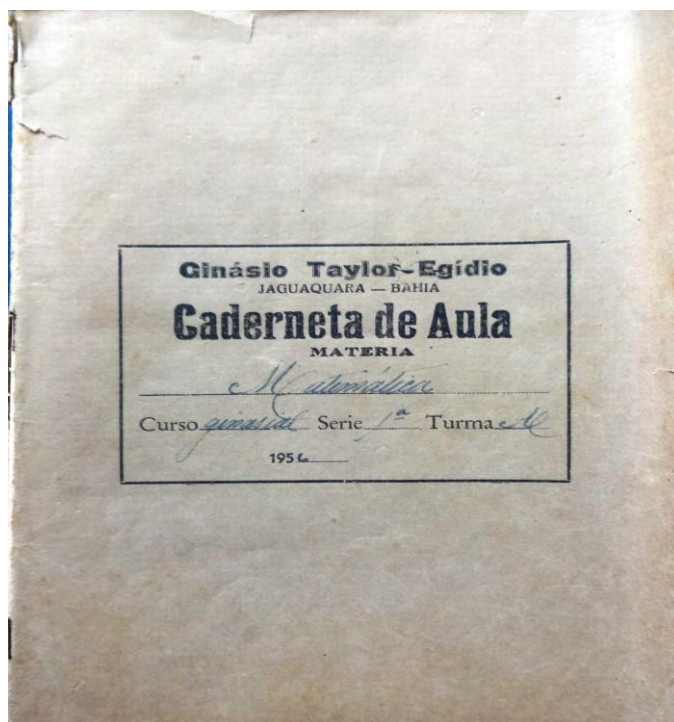
<sup>183</sup> Com exceção dos diários de classe dos anos de 1951, 1956 e 1959 (foram encontrados apenas os diários de classe de Matemática das 3ª e 4ª séries do Curso Ginásial), os diários de classe do ano de 1957 não foram encontrados.



Ocorreu uma exceção desse modelo apenas nos anos 1951, 1956 e 1959<sup>184</sup>. Os modelos de diário de classe do ano de 1951 também têm um formato retangular, mas se diferenciam por serem maiores do que os outros diários dos demais anos da década de 50 do século XX. Na capa, há espaço para registro apenas da disciplina e do ano. Já nas páginas, consta espaço para registro da disciplina, série, turma, mês, datas das aulas, número mensal de faltas, observações e discriminação da matéria lecionada.

Os modelos dos diários do ano de 1956 são no formato quadrado e, na capa, constam: denominação “Ginásio Taylor-Egídio Jaguaquara-Bahia”; “Caderneta de Aula”; e espaços específicos para a matéria, o curso, a série, a turma e o ano (Imagem 2).

**Imagem 2 - Capa do Diário de Classe de Matemática do CTE do ano de 1956**



**FONTE: Arquivos da Secretaria do Colégio Taylor-Egídio**

As capas dos diários de classe do ano de 1959 são muito parecidas com as dos diários do ano de 1956, a única diferença, por exemplo, é que o nome do estabelecimento, a cidade e o estado devem ser preenchidos manualmente.

---

<sup>184</sup> No ano de 1959, só foram encontrados os diários de classe de Matemática das 3ª e 4ª séries do curso ginásial.

As páginas do diário de classe do CTE, no período de 1950-1959<sup>185</sup>, para registro de atividades, eram abertas, a fim de que dois outros espaços retangulares da folha aparecessem para registro de informações. Nessas páginas, há espaço específico para preenchimento da série, turma, disciplina, mês e ano. Também consta espaço para listar o nome completo dos alunos e registrar as faltas dos estudantes. Existe, ainda, espaço para o total de faltas, média das notas, dia da aula, matéria lecionada e observações (Imagem 3<sup>186</sup>). Salientamos que esses registros eram feitos manualmente pelo professor.

Imagem 3 - Página do Diário de Classe de Matemática do CTE do ano de 1950

The image shows a handwritten classroom diary page for Mathematics, dated March 1950. The page is divided into several sections:

- Header:** "1ª Série Turma D", "Disciplina: Matemática", and "Mês de março de 1950".
- Student Names:** A column on the left labeled "NOME" with a list of student names (partially obscured).
- Grade Grid:** A large grid with columns for dates (1 to 31) and rows for student names. The grid contains handwritten numbers representing grades.
- Lesson Log:** A table on the right with columns for "DIA DA AULA", "MATERIA LECIONADA", and "OBSERVAÇÕES". It contains handwritten entries for each day of the month, including dates, lesson topics (e.g., "R. Funções generalizadas", "Geometria plana", "Geometria espacial"), and observations (e.g., "faltas", "85 (hs)", "75 (75)").
- Summary:** At the bottom right, there are handwritten notes: "faltas presentes: 10" and "faltas ausentes: 10".

FONTE: Arquivos da Secretaria do Colégio Taylor-Egídio

<sup>185</sup> Com exceção dos anos de 1951, 1956 e 1959.

<sup>186</sup> Na imagem 3, tivemos o cuidado de editar, apagando o registro do nome dos alunos, em razão das exigências da Resolução nº 466 de 2012.

Já as páginas do diário de classe do CTE no ano de 1956 (Imagem 4) e 1959, não precisavam ser abertas quando utilizadas em razão do seu formato quadrado. Nas primeiras páginas desses diários, que são denominadas “folha de comparecimento”, há espaço específico para preenchimento do mês, matéria, nome do professor e número de aulas dadas no mês correspondente. Também consta espaço para assinatura do professor, registro do assunto dado e observação. A diferença entre os diários de classe do ano de 1956 e os diários do ano de 1959 é que, naqueles, nas páginas “folha de comparecimento”, consta espaço para registro do ano, mas não há espaço para registro do número de aulas dadas no mês, tampouco para observações. Depois dessas páginas, as demais são reservadas para informações individuais vinculadas aos estudantes, tais como o nome do aluno<sup>187</sup>, as faltas de cada mês, havendo, ainda, espaço reservado para registrar número de aulas dadas, a média anual e o número total de faltas<sup>188</sup>. Já nessas páginas de registro de cada aluno, nos diários de classe do ano de 1959, existe espaço para registro do total de faltas, média das arguições, 1ª prova, 2ª prova, prova oral e média final <sup>189</sup>.

**Imagem 4- Página do Diário de Classe de Matemática do CTE do ano de 1956**

**FONTE: Arquivos da Secretaria do Colégio Taylor-Egídio**

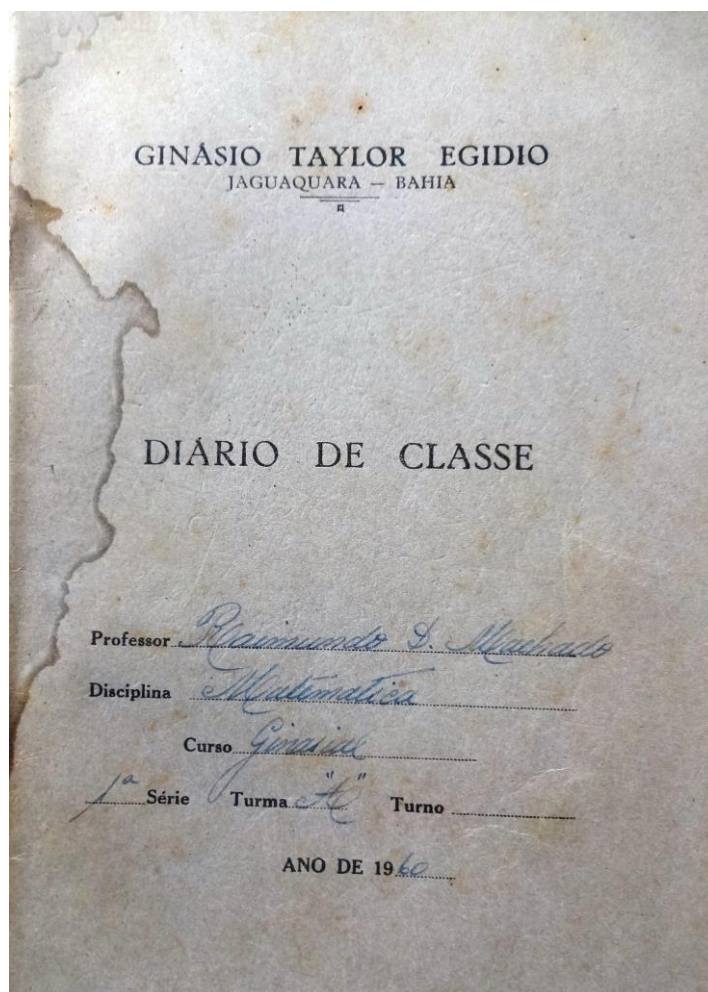
<sup>187</sup> Para cada aluno era destinado uma página.

<sup>188</sup> Embora constatássemos o espaço reservado para registro do número de aulas dadas, a média anual e o número total de faltas em cada página destinada para um aluno, esse registro não foi feito pelo docente.

<sup>189</sup> Embora constatássemos o espaço reservado para registro do total de faltas, média das arguições, 1ª prova, 2ª prova, prova oral e média final em cada página destinada para um aluno, esse registro só foi feito pelo docente apenas para a nota da 1ª prova.

Os modelos de diários de classe da década de 60 do século XX utilizados no Colégio Taylor-Egídio, no que se refere, tanto à capa, como às páginas, são bem parecidos com os modelos utilizados no ano de 1959, com poucos detalhes diferentes. Conforme vemos na Imagem 5<sup>190</sup>, na capa do diário de classe do ano de 1960, consta espaço para nome do professor, para especificação da disciplina, curso, série, turma, turno e ano.

**Imagem 5 - Capa do Diário de Classe de Matemática do CTE do ano de 1960**



**FONTE: Arquivos da Secretaria do Colégio Taylor-Egídio**

As páginas dos diários de classe do período de 1960 a 1969 são parecidas com as páginas dos diários do ano de 1959 (Imagem 6).

---

<sup>190</sup> Os modelos de diário de classe utilizados no período de 1961 a 1969 têm capa similar ao modelo utilizado no ano de 1960.

**Imagem 6- Página do Diário de Classe de Matemática do CTE do ano de 1960**

**FOLHA DE COMPARECIMENTO**

Mês \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 19\_\_

Matéria \_\_\_\_\_ Professor \_\_\_\_\_

Nome do Aluno \_\_\_\_\_ N.º \_\_\_\_\_

Das de Mês	ASSINATURA DO PROFESSOR	ASSUNTO DA LIÇÃO	Março	Abril	Mai	Junho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	OBSERVAÇÕES
1							X				des.
2											
3											
4							9.				
5							9.				
6							9.				
7							6,5	5			
8								7,5			
9								3			
10											
11											
12											
13											
14											
15											
16											
17											
18											
19											
20											
21											
22											
23											
24											
25											
26											
27											
28											
29											
30											
31											
Total											
Média							8,4				
Faltas								3			
Total											
M. Arguições											
1ª Prova											
2ª Prova											
Prova Oral											6,5
M. Final											

**FONTE: Arquivos da Secretaria do Colégio Taylor-Egídio**

Notamos algumas diferenças nas páginas dos diários de classe a partir do ano de 1967. Essas diferenças estão nas páginas de comparecimento do professor, onde consta espaço para registrar apenas o assunto da aula e a assinatura do professor. Também percebemos diferença nas páginas de registros individuais dos alunos, já que não consta mais espaço para registro de notas, total de faltas, média das arguições, 1ª prova, 2ª prova, prova oral e média final, como no diário do ano de 1959. Nessas páginas, existe espaço para registro da “verificação da aprendizagem escolar”, de maneira que os professores deveriam registrar mensalmente notas atribuídas em provas, testes, exercícios, tarefas, arguições e pesquisas. Também há espaço para registro mensal do total de faltas e, por fim, um espaço para registrar as observações.

Ainda analisando a descrição das páginas dos diários de classe do período de 1950 a 1955<sup>191</sup>, um detalhe nos chamou muito a atenção: um espaço específico para assinatura do “Inspetor Federal<sup>192</sup>” nas folhas de registro.

<sup>191</sup> Com exceção do ano de 1951, pois o modelo de diário de classe desse ano foi diferente dos demais desse período.

<sup>192</sup> O Inspetor escolar tinha função fiscalizadora, isto é, era responsável pela inspeção nos estabelecimentos de ensino.

Contudo, não há nenhuma assinatura. Já nos diários apenas do ano de 1958<sup>193</sup>, identificamos um espaço reservado para que o professor registre o número de aulas previstas e o número de aulas dadas, em que data encerrou as aulas dadas, deveria também conter nesse espaço a assinatura do professor e, logo em seguida, o visto do inspetor federal. Nos diários da década de 60, do século XX, não percebemos espaço para visto do inspetor federal, embora seja no ano de 1964 quando aconteceu o Golpe Militar no Brasil.

Diante dessa observação, nos questionamos por quais possíveis motivos o diário de classe tinha um espaço reservado para assinatura do inspetor federal, mas não constava a assinatura dessa autoridade? Qual era o critério de escolha dos modelos de diários de classe para utilização no período de 1950-1969? Por que um modelo de diário de classe tinha espaço para assinatura do inspetor federal em meados da década de 1950? Por que, mesmo no período do Golpe Militar, durante a década de 60 do século XX, momento de intenso controle e fiscalização, os modelos de diários de classe não tinham mais o espaço reservado para assinatura do inspetor federal?

### **3.2 - O Ensino de Matemática no CTE nos anos de 1950 e 1951**

A seguir apresentaremos com mais detalhes uma história do ensino da Matemática, contemplando aspectos da trajetória dos professores de Matemática na década de 50 do século XX, práticas pedagógicas, desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem da disciplina Matemática, em vistas dos registros de assuntos contidos nos diários de classe de Matemática, assim como o contato e apropriação de conteúdos da Matemática Moderna, por meio dos períodos da prática profissional dos docentes de Matemática que passaram pelo Colégio Taylor-Egídio e constituíram o ensino da Matemática, no período de 1950 a 1960.

---

<sup>193</sup> Nos diários de classe do ano de 1956, conforme modelo utilizado no período, não consta espaço específico para assinatura do Inspetor Federal. Salientamos que os diários de classe do ano de 1957 não foram mencionados porque não foram encontrados. Com relação aos diários de classe do ano de 1959, estes são do mesmo modelo do ano de 1956, logo não consta também espaço para assinatura do Inspetor Federal.

Foi necessário, entretanto, abrir uma exceção e apresentar apenas a análise acerca dos conteúdos de Matemática registrados nos diários de classe dos anos de 1950 e 1951 sem contemplar aspectos da trajetória profissional do docente e das práticas pedagógicas. Isso foi necessário, uma vez que, embora fossem encontrados os diários de classe de Matemática dos anos de 1950 e 1951, não conseguimos identificar o professor de Matemática desses dois anos. Possivelmente tenha sido o mesmo professor do período de 1952 a 1955<sup>194</sup>, porém, como não consta nos registros do diário de classe de Matemática, documento escolar que foi nossa principal referência para identificar os docentes de Matemática no recorte temporal da pesquisa, procuramos apenas apresentar os registros dos assuntos de Matemática que constam nos diários de classe da disciplina.

Sendo assim, faremos apenas a análise do conteúdo descrito nos diários de classe de Matemática dos anos de 1950 e 1951, de acordo com os Programas de Matemática expedidos na Portaria Ministerial nº 170 de 11/07/1942 (ver Anexo 3), conforme Quadro 2 a seguir:

**Quadro 2: Ensino de Matemática no Ginásio do Colégio Taylor-Egídio (1950 e 1951)**

1ª Série Ginasial	2ª Série Ginasial	3ª Série Ginasial	4ª Série Ginasial
<b>Portaria Ministerial nº 170 de 11/07/1942</b>			
Registrou 85% do conteúdo de Geometria Intuitiva e 65% dos assuntos de Aritmética Prática.	Registrou todos os conteúdos tanto de Geometria Intuitiva como da Aritmética Prática.	Registrou todos os conteúdos previstos para Álgebra e 65% para Geometria Dedutiva.	Registrou 50% dos conteúdos de Álgebra e 30% dos assuntos de Geometria Dedutiva.
Para todas as séries do curso ginasial nesse período, não há indícios de interligação dos ramos da Matemática no ensino dos conteúdos da Matemática.			

**FONTE: Diários de Classe de Matemática da 1ª a 4ª série ginasial do Colégio Taylor-Egídio**

Desenvolver a análise dos registros dos assuntos de Matemática mesmo nos anos de 1950 e 1951, conforme os Programas de Matemática para o Curso Ginasial, expedidos pela Portaria Ministerial nº 170 de 11/07/1942, foi necessário, porque um novo programa de Matemática para o curso ginasial só

<sup>194</sup> Abordaremos sobre o esse docente e o ensino de Matemática nesse período no tópico 3.3.

vai ser expedido no ano de 1951, pela Portaria Ministerial nº 1045 de 14/12/1951 (Anexo 4). Assim, consideramos que foi preciso um tempo para conhecimento desses novos programas e uma adequação no cenário educacional brasileiro para o ensino secundário.

Acerca dos conteúdos, no período de 1950 a 1951, percebemos que houve uma predominância da Geometria Intuitiva em relação à Aritmética Prática na 1ª série ginásial. Ao analisarmos o programa de Matemática para o curso Ginásial expedido na Portaria nº 170 no ano de 1942 para essa série, os conteúdos da Geometria Intuitiva estão previstos para as 1ª e 2ª unidades, enquanto os assuntos da Aritmética Prática estão desde a 3ª até a 7ª unidade. Será que não houve tempo necessário durante o ano letivo para cumprir integralmente as cinco unidades para as quais estavam destinados os conteúdos da Aritmética Prática? Será que o docente considerava os conteúdos da Geometria Intuitiva mais relevantes do que os da Aritmética Prática?

Em relação a esses mesmos conhecimentos (Geometria Intuitiva e Aritmética Prática), entretanto com conteúdos diferentes, na 2ª série ginásial houve ensino de forma equivalente. Acerca da 3ª e 4ª séries do ginásio, nesse período, embora com percentuais diferentes, a Álgebra prevalece sobre a Geometria Dedutiva. Ao analisarmos o programa de Matemática para a 3ª e 4ª séries, expedido na mesma portaria (nº 170 do ano de 1942), observamos que, para a 3ª série, de um total de oito unidades, as cinco primeiras foram destinadas aos assuntos da Álgebra, enquanto as três restantes foram destinadas aos conteúdos da Geometria Dedutiva. Acerca do programa da 4ª série ginásial, de um total de nove unidades, as cinco primeiras foram destinadas aos assuntos da Álgebra, enquanto as quatro restantes foram destinadas aos conteúdos da Geometria Dedutiva. De maneira análoga, questionamos se não houve tempo necessário durante o ano letivo para cumprir integralmente as oito ou nove unidades a depender da série? Será que o docente considerava os conteúdos da Álgebra mais relevantes do que os da Geometria Dedutiva?

De acordo com os Programas de Matemática para o Curso Ginásial, expedidos na Portaria nº 170, a geometria era um conteúdo previsto. No



entanto, para as primeiras séries do curso ginásial, estava prevista a Geometria Intuitiva e, para 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup> séries, a Geometria Dedutiva. Nesse sentido, após analisar os percentuais de registros dos conteúdos da Geometria, nos anos de 1950 e 1951, notamos que, para a 3<sup>a</sup> 4<sup>a</sup> séries do ginásio, esses índices diminuem. O que levou o professor de Matemática do período a considerar mais relevante o ensino da Geometria Intuitiva do que da Geometria Dedutiva? Seria talvez a sequência dos conteúdos estabelecidos nos programas em conformidade com as séries? Ou será que a quantidade desses assuntos também conduziu para esses resultados?

Constatamos que no Colégio Taylor-Egídio aconteceu a fusão dos ramos da Matemática numa única disciplina, que foi uma das implantações feitas no cenário educacional do curso secundário na década de 30 do século XX, durante a Reforma Francisco Campos. Mas, essa mudança tinha um objetivo maior do que apenas a junção dos ramos da Matemática; visava proporcionar a interligação desses conhecimentos no processo de ensino/aprendizagem da disciplina Matemática. Nesse sentido, como não encontramos indícios da realização desse propósito maior nos diários de classe, somos levados a imaginar que, possivelmente, esse objetivo não foi realizado. Contudo, notamos no CTE vestígios das recomendações de Euclides Roxo.

Com relação aos conteúdos ministrados nos diários de classe, identificamos que, no Colégio Taylor-Egídio, em todas as séries (1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup>) do ginásio, o professor de Matemática<sup>195</sup> procurou seguir a sequência da estrutura do programa referente à Portaria n<sup>o</sup> 170 de 11/07/1942. Um fato interessante que observamos foi que, embora o professor de Matemática desse período procurasse seguir os programas, apenas na 4<sup>a</sup> série ginásial do ano de 1950, foi ministrado o conteúdo Funções (Imagem 7), assunto que não estava previsto na estrutura do Programa n<sup>o</sup> 170 do ano de 1942. Entretanto, não havia no diário de classe algum motivo ou razão que justificasse o ensino desse conteúdo. Será que o material utilizado pelo professor para planejar e desenvolver suas aulas tinha o conteúdo de Funções como previsto para a 4<sup>a</sup>

---

<sup>195</sup> Esse docente de Matemática dos anos de 1950 e 1951 não foi identificado, por isso não foi possível trazer informações da sua trajetória profissional e da prática pedagógica.

série ginásial? Será que esse professor durante a sua formação estudou esse assunto e considerou importante ensiná-lo?

Imagem 7- Página do Diário de Classe de Matemática do CTE da 4ª série Ginásial do ano de 1950

4ª Série Turma única Disciplina: Matemática

Mês de março de 1950

NUMERO	NOME	9	11	14	16	18	21	23	25	27	30	NUMERO	DATA	MATÉRIA LECIONADA	PAGINAS	
1												1	1	9	Coordenadas cartesianas no plano	
2												2	2	11	"	
3												3	3	14	Figuras no plano	
4												4	4	16	Teorema de Pitágoras e suas aplicações	
5												5	5	10	"	
6												6	6	18	Funções lineares	
7												7	7	21	"	
8												8	8	25	gráficos	
9												9	9	28	Funções lineares	
10												10	10	25	"	
11												11	11	45	Exercícios	
12												12	12	7	30 Método de eliminação	
13												13	13	45	"	
14												14	14	2	45	"
15												15	15	2	5	"
16												16	16	4	0	"
17												17	17	5	45	"
18												18	18	1	6	"
19												19	19			"
20												20	20			"
21												21	21			"
22												22	22			"
23												23	23			"
24												24	24			"
25												25	25			"
26												26	26			"
27												27	27			"
28												28	28			"
29												29	29			"
30												30	30			"
31												31	31			"
32												32	32			"
33												33	33			"
34												34	34			"
35												35	35			"
36												36	36			"
37												37	37			"
38												38	38			"
39												39	39			"
40												40	40			"
41												41	41			"
42												42	42			"
43												43	43			"
44												44	44			"
45												45	45			"
46												46	46			"
47												47	47			"
48												48	48			"
49												49	49			"
50												50	50			"
51												51	51			"
52												52	52			"

As aulas previstas 10.  
As aulas dadas 10.

FONTE: Arquivos da Secretaria do Colégio Taylor-Egídio

Desse modo, apenas por meio dos diários de classe, conseguimos reconstruir um pouco da história do ensino da Matemática no CTE nos anos de 1950 e 1951.

### 3.3 – Walter Vaz Andrade

Conforme registros dos diários de classe, Valter Vaz Andrade ministrou aulas de Matemática, no Colégio Taylor-Egídio, nos anos de 1952 a 1955. Walter Vaz Andrade<sup>196</sup> foi um ex-aluno do colégio e, em razão do seu excelente desempenho em todas as disciplinas durante os seus estudos nas séries do ginásio, nos anos de 1940, foi convidado a ensinar a disciplina Matemática no CTE, nas turmas do ginásio a partir dos anos de 1950<sup>197</sup>. Sobre essa situação, podemos imaginar que, para esse período, década de 50 do século XX, no cenário educacional de Jaguaquara (município do interior do estado da Bahia) ou, talvez, até no cenário educacional baiano, havia poucos professores. Ou os conhecimentos oferecidos no curso ginásial eram tão consistentes e aprofundados que alunos concluintes poderiam ensinar nesse curso ao término da sua formação.

Lourival José dos Santos<sup>198</sup>, ex-aluno do CTE que cursou as séries do ginásio, no período de 1954 a 1957, relatou sobre a prática profissional do professor Walter Vaz Andrade, afirmando que esse docente “[...] era um homem extremamente bondoso, mas, também, extremamente antididático, muito duro, muito duro. Para ele é ou sabe ou não sabe e a reprovação era grande no meio dos estudantes de Matemática”<sup>199</sup>. Além disso, Lourival José<sup>200</sup> comentou também que faltava no nesse docente, contato, aproximação com os alunos e, ao mesmo tempo, contextualização dos conteúdos, explicação da importância da aprendizagem e provável utilização na vida cotidiana dos estudantes.

---

<sup>196</sup> Obtivemos poucas informações acerca da trajetória de vida/profissional desse docente, pois o mesmo já é falecido, logo só conseguimos informações específicas sobre sua prática docente no Colégio Taylor-Egídio.

<sup>197</sup> ANDRADE, D. G. V. **Colégio Taylor-Egídio 100 anos**. Editoração: Fabiano Gisbert, 1998.

<sup>198</sup> Lourival José dos Santos foi aluno do Colégio Taylor-Egídio, no período de 1954 a 1957. Posteriormente, nos anos de 1963 a 1967 foi professor de Matemática no referido colégio. Abordaremos sobre a sua trajetória docente no CTE, no capítulo 4, mais precisamente no tópico 4.2.

<sup>199</sup> SANTOS, L. J. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Cruz das Almas - BA, 06/05/2014.

<sup>200</sup> SANTOS, L. J. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Cruz das Almas - BA, 06/05/2014.

No que se refere ao desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem de Matemática desse docente, fizemos uma análise dos conteúdos descritos nos diário de classe e, embora Walter Vaz Andrade tenha ministrado aulas da disciplina Matemática no período de 1952 até 1955, não encontramos registros de conteúdos ministrados nos diários das séries do curso ginásial referentes ao ano de 1955, embora os diários de classe de Matemática tenham sido encontrados. Por isso, analisamos somente os conteúdos registrados no período de 1952 a 1954.

No período de 1952 a 1954, identificamos, por meio dos registros dos diários de classe de Matemática, que ocorreu um momento de transição entre os Programas de Matemática para o Curso Ginásial expedidos pela Portaria Ministerial nº 170 de 11/07/1942 e os Programas de Matemática para o Curso Ginásial da Portaria Ministerial nº 1045 de 14/12/1951. Percebemos que uma adaptação ao programa da Portaria Ministerial nº 1045 do ano de 1951 foi feita aos poucos, ano a ano, série a série. Dessa maneira, foi necessário analisar os conteúdos de Matemática registrados nos diários de classe, no período mencionado por meio da utilização de ambos os programas citados.

Para a 1ª série ginásial, a partir do ano de 1952, os conteúdos de Matemática já estavam em conformidade com a Portaria Ministerial nº 1045 de 14/12/1951. Ao analisar esses registros, no período de 1952 a 1954, percebemos que 80% dos assuntos de Matemática previstos foram registrados, embora, em alguns tópicos de determinados assuntos, o ensino não seja muito explorado. Verificou-se uma provável preocupação em contemplar todos os conteúdos.<sup>201</sup>

Para a 2ª série ginásial, foram registrados os conteúdos do Programa de Matemática de acordo com a Portaria Ministerial nº 1045 a partir do ano de 1953. Assim, no ano de 1952, ainda conforme a Portaria Ministerial nº 170 de 11/07/1942, foram registrados 100% dos conteúdos relacionados à Geometria Intuitiva e 65% dos conteúdos da Aritmética Prática, ou seja, há uma predominância da Geometria Intuitiva sobre a Aritmética Prática. Nos anos de 1953 e 1954, em conformidade com a Portaria Ministerial nº 1045 de 14/12/1951, quase todos os conteúdos do Programa de Matemática foram

---

<sup>201</sup> Essa era uma preocupação geral de todos os professores da época em cenário nacional.

registrados com exceção apenas dos assuntos Binômio Linear, Equações e Inequações do 1º grau com uma incógnita e Sistemas Lineares.

Para a 3ª série Ginásial, no período de 1952 a 1954, foram registrados os conteúdos do Programa de Matemática de acordo com a Portaria nº 170 de 11/07/1942. Nos anos de 1952 e 1953, identificamos que 100% dos conteúdos da Álgebra foram registrados. Notamos que, no ano de 1954, os registros dos assuntos da Álgebra correspondem apenas a 40%. No que se refere aos conteúdos da Geometria Dedutiva, foram registrados 65% durante todo o período.

Para a 4ª série ginásial, no período de 1952 a 1954, foram registrados os conteúdos do Programa de Matemática de acordo com a Portaria nº 170 de 11/07/1942. No ano de 1952, identificamos que 70% dos conteúdos da Álgebra foram registrados, enquanto, dos assuntos da Geometria Dedutiva, apenas 35% foram registrados. Nos anos de 1953 e 1954, os registros dos assuntos da Álgebra correspondem a 100% e, da Geometria Dedutiva, apenas 50%.

De maneira análoga aos anos de 1950 e 1951, constatamos que, no Colégio Taylor-Egídio, para todas as séries do curso ginásial, em conformidade com a Portaria Ministerial nº 170 ou nº 1045, aconteceu a fusão dos ramos da Matemática numa única disciplina, entretanto não foram encontrados indícios da interligação desses conhecimentos no processo de ensino/aprendizagem da disciplina Matemática.

Conforme relato de Lourival José dos Santos<sup>202</sup>, Walter Vaz Andrade era um professor bastante rigoroso, exigente, poucos alunos conseguiam tirar notas boas, pois pouco se aprendia com ele. Entretanto, identificamos, a partir dos registros de conteúdos ministrados, um índice alto em relação ao cumprimento do Programa de Matemática determinado pela Portaria Ministerial nº 170 de 11/07/1942. Nesse sentido, podemos entender que talvez esse professor tivesse uma preocupação em cumprir o que estava previsto no programa sem se preocupar com o tempo necessário para aprendizagem dos alunos.

---

<sup>202</sup> SANTOS, L. J. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Cruz das Almas - BA, 06/05/2014.

De acordo com o depoimento de Lourival José dos Santos<sup>203</sup>, diante das muitas inquietações e reclamações por parte de pais e alunos, a direção do Colégio Taylor-Egídio reconheceu a competência do professor Walter Vaz Andrade e o seu conhecimento frente aos conteúdos da Matemática, mas precisava fazer algo diante de tantas notas baixas e reprovação da maioria dos alunos do ginásio. Nesse sentido, Edesio José de Oliveira foi convidado a ministrar aulas nas séries do ginásio do CTE a partir do ano de 1956.

### 3.4 - Edesio José de Oliveira

Conforme depoimento, Edesio José de Oliveira<sup>204</sup> nasceu no ano de 1928, em Jacobina, cidade localizada na região norte do estado da Bahia, onde passou alguns anos da sua infância sem nunca ter ido à escola. Logo depois, sua família se mudou para a cidade de Campo Formoso, situada na região sul do mesmo estado, onde ele frequentou a escola e cursou até o segundo ano do curso primário. De origem muito pobre, com a família grande, ainda criança, ajudava seu pai, que era fabricante de tintas para escrever, a vender as tintas em garrafinhas ou litros, viajando cerca de vinte a quarenta quilômetros a pé, pois não tinha condições de pagar o transporte, e, por esse motivo, distanciava-se dos estudos.

Ainda em seu depoimento, Edesio José<sup>205</sup> afirmou que durante sua adolescência funcionou em Campo Formoso uma Companhia do Governo Americano<sup>206</sup> e, com o auxílio de uma amiga, conseguiu um emprego de *Office boy* ganhando pouco. Embora a Companhia estivesse em Campo Formoso, esta tinha a intenção de aumentar a produção de cristal de rocha. Para isso tinha que ir para as minas bem distantes<sup>207</sup> e, então, ele foi convidado pra trabalhar lá obtendo aumento de ordenado. Distante da família até os quinze anos de idade,

---

<sup>203</sup> SANTOS, L. J. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Cruz das Almas - BA, 06/05/2014.

<sup>204</sup> OLIVEIRA, E. J. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Anápolis - GO, 01/05/2014.

<sup>205</sup> OLIVEIRA, E. J. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Anápolis - GO, 01/05/2014.

<sup>206</sup> Não foi possível apresentar mais informações dessa Companhia do Governo Americano, uma vez que o referido docente do CTE não conseguiu no momento do seu depoimento, se lembrar do nome desta Companhia.

<sup>207</sup> O docente do CTE não se recorda precisamente onde eram essas minas mais distantes.

Edesio José ganhou um bom dinheiro que utilizou para ir para Salvador-BA, no ano de 1947, estudar e fazer os exames necessários para adquirir o diploma do período escolar em que não estudara, ou seja, fazer o supletivo (Curso Madureza<sup>208</sup>) referente ao curso primário e ginásial<sup>209</sup>.

Ainda em Salvador, nos anos 1948 e 1949, estudou o primeiro e segundo anos do Curso Colegial<sup>210</sup>, no Colégio Dois de Julho<sup>211</sup>, onde atuava como empregado nas funções vinculadas ao comportamento dos estudantes e, por isso, não pagava seus estudos. Após arranjar um emprego melhor, concluiu, no ano de 1950, o curso colegial no Colégio Estadual de Salvador, onde fez o terceiro ano. Em seguida, no ano de 1951, prestou vestibular e foi aprovado para o curso de Licenciatura em Matemática na Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia (UBA)<sup>212</sup>.

Enquanto estava no período de estudos do curso de Licenciatura em Matemática na UBA, Edesio José de Oliveira teve sua primeira experiência docente, ensinando Matemática no Colégio Dois de Julho por uma temporada de dois anos. Porém, após concluir seus estudos da graduação, em 1954, como não queria ficar na capital, procurou verificar oportunidade de emprego no interior do estado. Daí, seu amigo Elieser<sup>213</sup> o convidou para ensinar a disciplina Matemática no Colégio Taylor-Egídio (CTE), no município de Jaguaquara. Ele aceitou o convite e iniciou suas atividades de ensino da Matemática nas turmas do ginásio e do curso normal, no ano de 1956, permanecendo até o ano de 1958<sup>214</sup>.

No Colégio Taylor-Egídio, para desenvolver o ensino da matemática, Edesio José utilizava histórias engraçadas que eram memorizadas por ele

---

<sup>208</sup> Nome do curso de educação de jovens e adultos - e também do exame final de aprovação do curso - que ministrava disciplinas dos antigos ginásio e colegial, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1961. Fixava em 16 e 19 anos as idades mínimas para o início dos cursos, respectivamente, de Madureza Ginásial e de Madureza Colegial. MENEZES, E. T.; SANTOS, T. H. "Madureza" (verbetes). **Dicionário Interativo da Educação Brasileira** - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2002. <http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=293>, acesso em 14/01/2015.

<sup>209</sup> Nomenclatura utilizada na época para se referir ao Ensino Fundamental II.

<sup>210</sup> Nomenclatura utilizada na época para se referir ao Ensino Médio.

<sup>211</sup> Colégio Particular, fundado em 1927.

<sup>212</sup> OLIVEIRA, E. J. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Anápolis - GO, 01/05/2014.

<sup>213</sup> Marido de Stela Dubois, filha do casal Carlos Dubois e Stela Câmara Dubois.

<sup>214</sup> OLIVEIRA, E. J. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Anápolis - GO, 01/05/2014.

referentes à Matemática, contadas na sala de aula. Dessa forma, os alunos gostavam muito de escutá-las e se envolviam nos conteúdos ministrados da dessa disciplina<sup>215</sup>.

Constatamos, no diário de classe de Matemática da primeira série ginásial do ano de 1956, alguns exemplos de histórias contadas por Edesio José de Oliveira relacionadas aos conteúdos da Matemática (Quadro 3).

**Quadro 3 - Conteúdos de Matemática no Diário de Classe de Matemática no ano de 1956**

Meses de 1956	Conteúdo Ministrado na 1ª série Ginásial
Agosto	Expressões aritméticas; Expressões com números relativos; História da metra decimal; História do comprimento; História da superfície; Metro cúbico; Dicas de figuras planas; áreas do trapézio e do círculo; Grama, grado;

**FONTE: Arquivos da Secretaria do Colégio Taylor-Egídio**

Segundo depoimento de Edesio José, muitas dessas histórias eram retiradas de livros intitulados “O homem que calculava”, “Matemática Divertida e Curiosa” e “Diabruras da Matemática”, do autor Júlio Cesar de Melo e Souza, também conhecido por Malba Tahan<sup>216</sup>, que ele procurou comprar, pois continha conteúdos interessantes acerca da Matemática, como estudo e valor da Matemática<sup>217</sup>.

Em relação a sua estratégia metodológica, Edesio José procurava seguir as recomendações de um livro<sup>218</sup> que veio dos Estados Unidos<sup>219</sup>. Além disso, Lourival José dos Santos<sup>220</sup>, ex-aluno do Colégio Taylor-Egídio, que também foi aluno do professor Edesio, mencionou, em seus relatos, que esse professor não

<sup>215</sup> OLIVEIRA, E. J. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Anápolis - GO, 01/05/2014.

<sup>216</sup> O Júlio César de Mello e Souza ou Malba Tahan (pseudônimo que foi criado tendo por inspiração o nome de uma de suas ex-alunas, Maria Zechsuk Tahan) nasceu em 06 de maio de 1895, na cidade do Rio de Janeiro. Em 1913, formou-se em Engenharia civil pela Escola Nacional de Engenharia. Lecionou no Colégio Pedro II, na Escola Normal do Rio de Janeiro, no Instituto de Educação, na Escola Normal da Universidade do Brasil e na Faculdade de Educação. Defendia a História da Matemática, a Matemática Recreativa, Jogos Matemáticos e situações problemas. Publicou cerca de 120 livros, como autor, co-autor ou organizador. SCOPEL, A. J. C. **Contribuições didáticas de Malba Tahan para o ensino de matemática**. 2010. 116f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

<sup>217</sup> OLIVEIRA, E. J. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Anápolis - GO, 01/05/2014.

<sup>218</sup> Foram obtidas poucas informações acerca deste livro, pois o docente do CTE em seu depoimento não se recorda do título do livro.

<sup>219</sup> OLIVEIRA, E. J. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Anápolis - GO, 01/05/2014.

<sup>220</sup> Aluno do Colégio Taylor-Egídio, no período de 1954 a 1957.



exigia ao extremo das turmas, se aproximava bastante dos estudantes, conquistando amizades e enfatizando a importância de aprender os conteúdos matemáticos<sup>221</sup>, com isso os alunos estudavam bem a Matemática. A exemplo disso, Lourival José dos Santos, relata que esse Edesio José de Oliveira

[...] entrava na sala, “bom dia, como vai você? Estamos dispostos hoje? Hoje, nós vamos estudar o assunto da mais importância, mais importante pra nós... vou dizer raiz quadrada, isso é importante porque vai participar de tal cálculo, você que quer se engenheiro, você vai ser médico pra cálculos” O camarada começava diferente. <sup>222</sup>

Como Lourival José cursou no CTE o ginásio de 1954-1957, foi aluno tanto do Walter Vaz Andrade, como de Edesio José de Oliveira tendo identificado diferença em relação à prática profissional desses dois professores. Segundo Lourival, professor Edesio José

[...] ensinava com a mesma exigência de conteúdo, mas com outra proposta. “Olhe aqui está...como dizia, por exemplo, uma equação de primeiro grau, vamos aprender primeiro o seguinte  $x$  mais 3 é igual a tanto, vamos resolver aqui. Qual o valor desse  $x$ ?”. Essa simplicidade, quer dizer professor Edesio fazia tudo que professor Walter fazia numa questão, só que por etapa, era didático. <sup>223</sup>

Com relação aos conteúdos registrados nos diários de classe de Matemática no período de 1956 a 1958 (Quadro 4), eles foram analisados de acordo com o Programa de Matemática para o Curso Ginásial expedido na Portaria Ministerial nº 1045 de 14/12/1951:

---

<sup>221</sup> SANTOS, L. J. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Cruz das Almas - BA, 06/05/2014.

<sup>222</sup> SANTOS, L. J. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Cruz das Almas - BA, 06/05/2014.

<sup>223</sup> SANTOS, L. J. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Cruz das Almas - BA, 06/05/2014.

**Quadro 4: Ensino de Matemática no Ginásio do Colégio Taylor-Egídio (1956 - 1958)**

1ª Série Ginásial	2ª Série Ginásial	3ª Série Ginásial	4ª Série Ginásial
<b>Portaria Ministerial nº 1045 de 14/12/1951</b>			
Cumpriu 80% dos conteúdos previstos no Programa de Matemática.	Cumpriu 80% dos conteúdos previstos no Programa de Matemática.	Cumpriu 60% dos conteúdos previstos no Programa de Matemática. Foram registrados apenas 50% dos assuntos da Geometria.	Cumpriu 65% dos conteúdos previstos no Programa de Matemática. Foram registrados somente 45% dos conteúdos da Geometria.
Para todas as séries do curso ginásial nesse período, não há indícios de interligação dos ramos da Matemática no ensino dos conteúdos da Matemática.			

**FONTE: Diários de Classe de Matemática da 1ª a 4ª série ginásial do Colégio Taylor-Egídio**

Dos anos de 1956 a 1958, não foram encontrados diários de classe referentes ao ano de 1957. Identificamos que, na 1ª e 2ª séries do curso ginásial, foram registrados 80% dos conteúdos previstos no Programa de Matemática para o Curso Ginásial, expedido na Portaria Ministerial nº 1045 de 14/12/1951. Já para a 2ª e 3ª séries do ginásio, no que se refere aos assuntos de Geometria previstos no Programa de Matemática da Portaria Ministerial nº 1045 do ano de 1951, somente foram registrados cerca de 50% desses conteúdos.

De acordo com o depoimento de Lourival José dos Santos<sup>224</sup>, esse professor tinha uma estratégia metodológica inovadora para conduzir o ensino da Matemática, enfatizando a importância da aprendizagem daquele conteúdo para a vida cotidiana do aluno, além de abordar contextos da história da Matemática vinculados aos assuntos ministrados. Constatamos que, embora esse professor tivesse preocupações em conduzir o seu ensino de maneira que os alunos aprendessem e se interessassem pela Matemática, ele não deixou de cumprir o que estava previsto no programa, uma vez que a porcentagem que foi identificada nos registros dos diários de classes é bastante significativa, com exceção para a 4ª série ginásial.

<sup>224</sup> SANTOS, L. J. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Cruz das Almas - BA, 06/05/2014.

Enquanto Edesio José de Oliveira trabalhava em Jaguaquara no CTE, recebeu convite para atuar também como professor de Matemática em outros estados do Brasil. Um desses convites foi para trabalhar em Pernambuco e outro para trabalhar na cidade de Anápolis, no estado de Goiás. Embora tenha ido até Pernambuco para analisar o cenário educacional da escola que fizera o convite, preferiu trabalhar em Goiás, em razão de estar ciente, por meio de contato com algumas pessoas da cidade de Anápolis, da necessidade de professores, especialmente de Matemática<sup>225</sup>.

Em 1959, conforme depoimento de Edesio José<sup>226</sup> ao chegar a Anápolis, ele era o único professor de Matemática formado, não só da cidade, como de todo o estado de Goiás. Trabalhou por alguns anos no Colégio Couto Magalhães, ministrando aulas para turmas de primeiro e segundo graus. Devido a grande necessidade de professor de Matemática na cidade, também passou a trabalhar para o estado, no Colégio Estadual José Ludovico de Almeida<sup>227</sup>.

Foi em Anápolis, a partir do ano de 1960, provavelmente em 1963, que Edesio José de Oliveira teve contato com a Matemática Moderna (MM) por meio dos livros didáticos que já traziam os novos conteúdos inseridos no currículo do ensino da Matemática, uma vez que esse professor não participou de nenhum curso, procurou se apropriar sozinho dos novos conteúdos vinculados à modernização do ensino da Matemática.<sup>228</sup> Com relação à explicação desses conteúdos da Matemática Moderna, ele afirma que a fazia

[...] dentro de uma certa seleção, porque se não houve necessidade eu não ia entrar com matemática moderna, se eles aprendessem aquilo sem a matemática moderna. Então, mas se precisasse eu daria, eu estava dando, porque eu não podia ignorar, porque podia chegar no exame, e eles podiam perder.<sup>229</sup>

---

<sup>225</sup> OLIVEIRA, E. J. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Anápolis - GO, 01/05/2014.

<sup>226</sup> OLIVEIRA, E. J. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Anápolis - GO, 01/05/2014.

<sup>227</sup> Fundado em 1948, vinculado ao Município, mas a partir de 1950 passa a pertencer ao Governo do Estado.

<sup>228</sup> OLIVEIRA, E. J. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Anápolis - GO, 01/05/2014.

<sup>229</sup> OLIVEIRA, E. J. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Anápolis - GO, 01/05/2014.

Como na cidade não havia cursos para que os demais professores de Matemática se adaptassem à Matemática Moderna e os professores de Matemática tinham como referência o docente Edesio José, o único professor de Matemática formado em Anápolis, esses professores solicitaram a sua ajuda para compreender os novos conteúdos e se prepararem para ministrar suas aulas. Então, sem cobrar custos, por meio de alguns encontros em salas enormes, ele auxiliou vários professores e professoras de Matemática do curso secundário de Anápolis, com orientações acerca da Matemática Moderna, para que eles tivessem condições de trabalhar<sup>230</sup>. Sobre essa situação, Edesio José de Oliveira relatou que

quando cheguei em Anápolis, eu era o único professor formado não na cidade, mas no estado. Então, tive que ajudar o povo todo. Às vezes dar aulas para as professoras que precisavam de uma orientação, especialmente, numa chamada matemática moderna e tal. [...] elas se juntavam em salas enormes para receber uma orientação daquilo.<sup>231</sup>

Além disso, para auxiliar os professores de Matemática Edesio José também teve a ideia de elaborar livros<sup>232</sup> contendo conteúdos da Matemática Moderna. Assim, como era coordenador dos professores de Matemática no Colégio Estadual José Ludovico de Almeida, convidou os professores de Matemática do colégio para elaborar livros do primeiro, segundo e terceiro anos do primeiro grau, marcando um encontro, um dia em que eles podiam ir, para dialogar e escolher quem iria fazer o livro do primeiro ano, do segundo ano juntamente com ele. Contudo, infelizmente, só apareceu um professor. Daí, Edesio José de Oliveira escreveu com esse professor o primeiro e o segundo livros. Os do primeiro ano foram doados, e os do segundo foram vendidos até para Goiânia, facilitando, assim, a apropriação dos professores de Matemática dos conteúdos da Matemática Moderna<sup>233</sup>.

---

<sup>230</sup> OLIVEIRA, E. J. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Anápolis - GO, 01/05/2014.

<sup>231</sup> OLIVEIRA, E. J. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Anápolis - GO, 01/05/2014.

<sup>232</sup> Esses livros elaborados por Edesio José de Oliveira e seu colega de trabalho, também professor de Matemática, foram datilografados e reimpressos em uma máquina no Colégio Couto Magalhães para posteriormente serem vendidos e doados, mas não passaram por editora para publicação e comercialização.

<sup>233</sup> OLIVEIRA, E. J. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Anápolis - GO, 01/05/2014.

Com o objetivo de que os estudantes fossem aprovados no vestibular, ainda naquele colégio estadual, com o auxílio do diretor, organizou um curso pré-vestibular gratuito, com bons professores para a comunidade. Entretanto, depois de quatro anos de funcionamento desse curso, funcionários da Secretaria de Educação de Goiânia foram até o colégio e afirmaram que o funcionamento desse tipo de curso em colégio estadual não poderia ser realizado<sup>234</sup>.

Entristecido com a notícia, Edesio José de Oliveira não se deu por satisfeito. Já que não poderia funcionar um curso pré-vestibular gratuito, então criou o seu próprio curso particular, no ano de 1971. O curso cresceu muito e, além de atender as demandas relacionadas ao vestibular, também fazia exames para que estudantes pudessem obter o diploma de 1º ou 2º graus. Com o aumento significativo no número de alunos, os lucros aumentando, esse docente teve a ideia de montar um colégio. Para tanto, comprou uma área enorme, no centro da cidade e, com a ajuda do seu irmão que era engenheiro, começou o processo de construção e, depois de oito meses, o colégio denominado Colégio Cosmorama, já estava funcionando, no ano de 1975<sup>235</sup>.

Atualmente, Edesio José de Oliveira continua residindo em Anápolis, está com 86 anos de idade e 50 anos de docência em Matemática, é professor aposentado.

### 3.5 - Raimundo Dias Machado

Nos anos de 1959 e 1960, conseguimos identificar por meio dos diários de classe que, o professor de Matemática no Colégio Taylor-Egídio das turmas do curso ginásial<sup>236</sup> foi Raimundo Dias Machado. No entanto, como não foram encontradas informações acerca desse docente, não tivemos como convidá-lo a participar da pesquisa. Assim, analisamos apenas os conteúdos que foram registrados nos diários de classe, nos anos de 1959 e 1960. É preciso ainda mencionar que os diários de classe de Matemática da 1ª e 2ª séries do curso

---

<sup>234</sup> OLIVEIRA, E. J. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Anápolis - GO, 01/05/2014.

<sup>235</sup> OLIVEIRA, E. J. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Anápolis - GO, 01/05/2014.

<sup>236</sup> Informação identificada por meio dos diários de classe de Matemática das 3ª e 4ª séries do Ginásio do CTE do ano de 1959 e dos diários de classe de Matemática das 1ª, 2ª, 3ª e 4ª série do Ginásio do CTE, no ano de 1960.

ginasial do ano de 1959 não foram encontrados nos arquivos do Colégio Taylor-Egídio. Logo, faremos análise do ano de 1959 apenas dos conteúdos de Matemática registrados na 3ª e 4ª séries e todas as séries (1ª, 2ª, 3ª e 4ª) no ano de 1960 (cf. Quadro 5).

**Quadro 5: Ensino de Matemática no Ginásio do Colégio Taylor-Egídio (1959 - 1960)**

1ª Série Ginasial (1960)	2ª Série Ginasial (1960)	3ª Série Ginasial (1959 e 1960)	4ª Série Ginasial (1959 e 1960)
<b>Portaria Ministerial nº 1045 de 14/12/1951</b>			
Cumpriu 75% dos conteúdos previstos no Programa de Matemática	Cumpriu 50% dos conteúdos previstos no Programa de Matemática. Não foram registrados conteúdos de Binômio linear; equação e inequações do 1º grau com uma incógnita e sistemas lineares.	Cumpriu 60% dos conteúdos previstos no Programa de Matemática. Foram registrados apenas 50% dos assuntos da Geometria.	Cumpriu 65% dos conteúdos previstos no Programa de Matemática. Foram registrados somente 60% dos conteúdos da Geometria.
Para todas as séries do Curso Ginasial nesse período não há indícios de interligação dos ramos da Matemática no ensino dos conteúdos da Matemática.			

**FONTE: Diários de Classe de Matemática da 1ª a 4ª série ginasial do Colégio Taylor-Egídio**

Nos anos de 1959 e 1960, identificamos que, em conformidade com o Programa de Matemática para o Curso Ginasial expedido na Portaria Ministerial nº 1045 de 14/12/1951, na 3ª e 4ª séries do curso ginasial, foram registrados cerca de 50% dos conteúdos da Geometria. Além disso, notamos, nos registros dos diários de classe da 2ª série ginasial, uma porcentagem de apenas 50%, a qual consideramos relativamente pequena em relação às outras séries do curso ginasial, onde identificamos cerca de 60% a 75% de registros em conformidade com o Programa de Matemática da Portaria nº 1045.

## CAPÍTULO 4

### A TRAJETÓRIA DOS PROFESSORES DE MATEMÁTICA E O ENSINO DE MATEMÁTICA NO COLÉGIO TAYLOR-EGÍDIO (1961-1969)

A seguir daremos continuidade acerca da apresentação de uma história do ensino de Matemática, contemplando aspectos da trajetória dos professores de Matemática na década de 60 do século XX, práticas pedagógicas, desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem dessa disciplina, em vistas dos registros de assuntos contidos nos diários de classe de Matemática, assim como do contato e apropriação de conteúdos da Matemática Moderna, por meio da prática profissional dos docentes de Matemática que passaram pelo Colégio Taylor-Egídio e constituíram o ensino da Matemática, no período de 1961 a 1969.

#### 4.1 - João Rocha da Silva

João Rocha da Silva<sup>237</sup> nasceu em Alagoinhas, cidade do estado da Bahia, onde passou a sua infância. Na adolescência, mudou-se com seus pais para algumas cidades. Iniciou seus estudos em Itabuna, também cidade do estado da Bahia, numa escola do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI)<sup>238</sup>. Ainda em Itabuna, fez as primeiras duas séries do ginásio, no Ginásio Firmino Alves<sup>239</sup>. Em seguida, continuou seus estudos no Colégio Dois de Julho, em Salvador, onde estudou até o terceiro ano do curso científico<sup>240</sup>.

Conforme depoimento de João Rocha<sup>241</sup>, durante o período que estudou no Colégio Dois de Julho, começou a dar cursos particulares com aulas de reforço em Matemática aos colegas que tinham dificuldade na aprendizagem

---

<sup>237</sup> SILVA, J. R. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Salvador - BA, 30/04/2014.

<sup>238</sup> O SENAI tem como missão promover a educação profissional e tecnológica, a inovação e a transferência de tecnologias industriais, contribuindo para elevar a competitividade da indústria baiana. Entre as suas áreas de atuação estão a educação profissional, a prestação de serviços técnicos e tecnológicos, a pesquisa aplicada e a consultoria. Disponível em: < <http://www.fieb.org.br/senai/>>. Acesso em 14 Jan. 2015.

<sup>239</sup> Fundado em 1952, o Ginásio Firmino Alves pertencia ao Estado da Bahia.

<sup>240</sup> SILVA, J. R. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Salvador - BA, 30/04/2014.

<sup>241</sup> SILVA, J. R. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Salvador - BA, 30/04/2014.

dessa disciplina. Nesses cursos, ele procurava se identificar com o aluno e conseguia que os estudantes tivessem confiança no seu trabalho.

Com o curso científico concluído, João Rocha da Silva queria prestar vestibular para o curso de Engenharia Civil, contudo, por questões de problemas de saúde, o médico que acompanhou a sua situação na época o aconselhou a descansar e só fazer o vestibular no ano seguinte. Nesse mesmo período, ele recebeu um convite para ensinar Matemática no Colégio Taylor-Egídio (CTE), no município de Jaguaquara, que estava precisando de professor dessa matéria. Ele aceitou na intenção de ficar por um ano, entretanto ficou por três anos<sup>242</sup>.

Então, em 1961, João Rocha, com a experiência de trabalhar com os alunos nas suas aulas de reforço em Matemática, foi ministrar a disciplina Matemática nas turmas do ginásio no CTE, ficando até o ano de 1963. Em relação aos recursos didáticos utilizados no CTE, na época em que trabalhou nesse colégio, esse docente afirmou que

não tinha nenhum equipamento, nenhum instrumento além do quadro e do giz, não tinha. A gente trabalhava...eu procurava compensar e suprir as deficiências dos alunos no contato pessoal com eles, na linguagem usada, por exemplo, eu tava dando aula de geometria, eu levava um dia, eu reunia a turma e levava numa construção e lá eu mostrava as figuras geométricas lá, que tinha blocos...o que significava uma coluna, então aquela questão de falar em picolé, eu gosto de picolé redondo pra mostrar pra ele que não tem picolé redondo, picolé é cilíndrico, o redondo é bola, é a esfera. Pra mostrar pra eles lá uma figura cilíndrica, figura prismática lá, então eu fazia esse tipo de coisa, mas isso era por minha conta, não tinha nenhum instrumento específico, nem constava do programa que tinha que fazer isso. Fazia mais por intuição, pra que eles não pudessem se limitar ao que estavam vendo no quadro. Por exemplo, falar de uma pirâmide desenha no quadro uma pirâmide, o que é uma pirâmide? Perguntar, você já viu uma pirâmide? Não, nunca vi. Então, vamos ali pegar uma pirâmide...então, esses elementos mais simples da pirâmide por exemplo, dos cilindros, tinha no laboratório do colégio, mas eu procurava mostrar lá na construção, lá na vida real, você usa isso dessa forma e dessa. Então, era isso que eu fazia.<sup>243</sup>

---

<sup>242</sup> SILVA, J. R. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Salvador - BA, 30/04/2014.

<sup>243</sup> SILVA, J. R. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Salvador - BA, 30/04/2014.



Além disso, para conseguir eliminar um pouco do medo que os estudantes tinham da Matemática e motivá-los, começava suas aulas com um pouco de descontração e humor, contando anedota relacionada com Matemática; assim, a turma ria, se descontraía, de maneira que todos ficavam preparados para as provas finais<sup>244</sup>.

Sentia no colégio um ambiente muito bom, amistoso com os alunos, com os quais fazia serenata e jogava bola. Sobre essa relação mais próxima com os alunos, comenta que, embora “naquela época professor era uma autoridade, era mantida de certa forma a distância, eu sempre me aproximei muito dos meus alunos, eu nunca me senti assim aquele professor autoridade, mas eu era um estudante”<sup>245</sup>.

Sobre essa relação próxima e amistosa com os discentes, a ex-aluna do Colégio Taylor-Egídio, Antonia Nilzete de Farias<sup>246</sup>, relata que João Rocha

[...] tinha uma interação muito grande com a turma, se relacionava com a gente, inclusive estabeleceu amizades fora do colégio, inclusive com outras pessoas, nós fomos amigos, alunos eram amigos dele lá fora, o que não impedia que ele na sala exercesse... na sala, ele era professor, se impunha como professor.<sup>247</sup>

Segundo depoimento de João Rocha, para desenvolvimento de suas aulas, ele utilizava livros didáticos do autor Osvaldo Sangiorgi e, para estudos, tinha livro dos autores Scipione di Pierro Neto e Ari Quintela<sup>248</sup>.

Uma vez mencionado no depoimento desse professor que o autor utilizado em suas aulas de Matemática era Osvaldo Sangiorgi, nos anos de 1961 a 1963, procuramos identificar quais títulos de livros didáticos de Matemática estavam em circulação no período, o que, devido à variedade, ainda não foi possível. Recorremos, então, à seleção de várias capas dos títulos e solicitamos

---

<sup>244</sup> SILVA, J. R. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Salvador - BA, 30/04/2014.

<sup>245</sup> SILVA, J. R. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Salvador - BA, 30/04/2014.

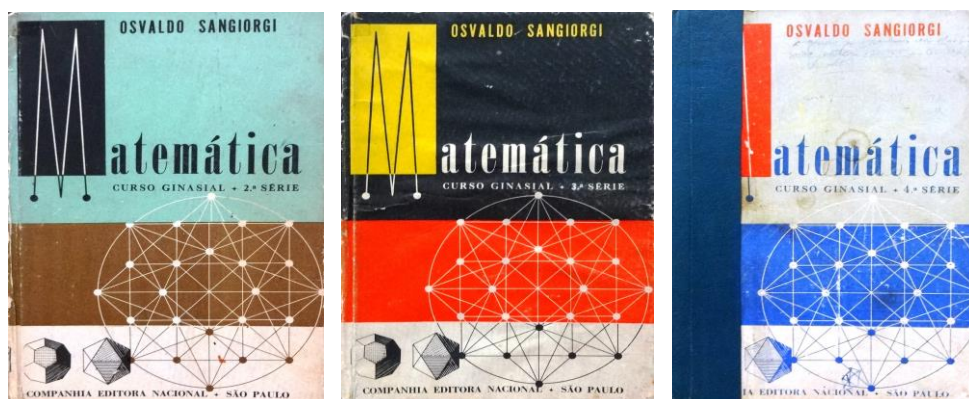
<sup>246</sup> Antonia Nilzete de Farias foi aluna do Colégio Taylor-Egídio, no período de 1960 a 1966. Posteriormente, nos anos de 1967 a 1969 foi professora de Matemática no referido colégio. Abordaremos sobre a sua trajetória docente no CTE, no capítulo 4, mais precisamente no tópico 4.3.

<sup>247</sup> FARIAS, A. N. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Salvador - BA, 30/04/2014.

<sup>248</sup> SILVA, J. R. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Salvador - BA, 30/04/2014.

ao participante da pesquisa, dentro das suas possibilidades de memória, que efetuasse a análise das capas dos livros. Caso se recordasse, poderia reconhecer o livro que utilizou no Colégio Taylor-Egídio, na época em que ministrou aulas da disciplina Matemática. E, assim, João Rocha da Silva identificou o livro “Matemática Curso Ginásial” (Imagem 8), da Companhia Editora Nacional, como o livro que houvera utilizado para todas as séries (1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup>) do ginásio no CTE. Verificamos no próprio Colégio Taylor-Egídio se ainda existia algum livro didático das décadas de 50 e 60 do século XX, mas não foram encontrados. Desse modo, recorreremos aos sebos e estantes virtuais para obter os livros. Conseguimos adquirir em sebos virtuais os livros “Matemática Curso Ginásial” do autor Osvaldo Sangiorgi para a 2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup> séries do curso ginásial; para a 1<sup>a</sup> série, não havia ofertas de vendas.

**Imagem 8 - Livros do autor Osvaldo Sangiorgi para 2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup> séries do curso ginásial**

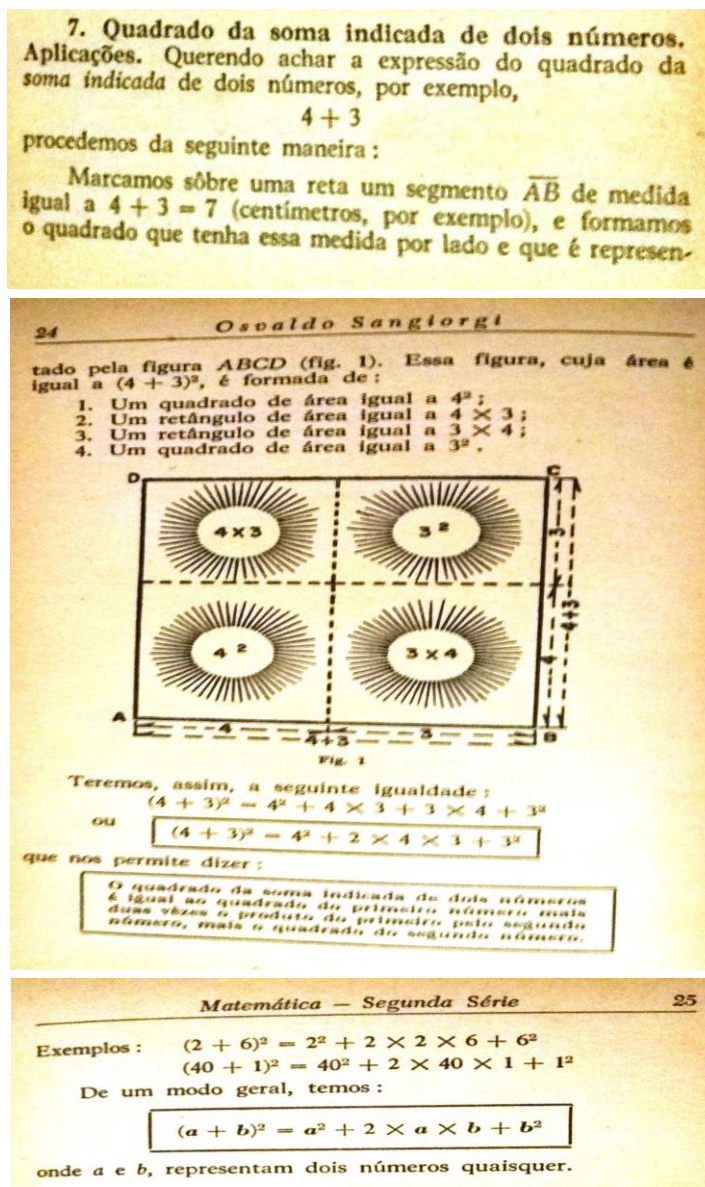


Desses exemplares, o livro para a 2<sup>a</sup> série foi publicado no ano de 1957, o da 3<sup>a</sup> série, no ano de 1960, e o da 4<sup>a</sup> série foi publicado no ano de 1956. Outra observação importante é que, na folha de rosto de todos os exemplares, consta que o livro foi elaborado de acordo com os novos programas de Matemática expedidos na Portaria n<sup>o</sup> 966 de 02/10/1951 e na Portaria n<sup>o</sup> 1045 de 14/12/1951.

No sumário desses livros, os capítulos estão em conformidade com a sequência de conteúdos estabelecidos e previstos nos Programas de Matemática para o Curso Ginásial das portarias mencionadas.

Com relação à interligação dos ramos da Matemática, nas páginas 23, 24 e 25 do livro de Matemática para 2ª série ginásial, no que se refere ao assunto “Expressões do quadrado da soma indicada de dois números”, percebemos interligação entre Álgebra e Geometria, uma vez que foram utilizadas interpretações geométricas para explicar tal conteúdo (Imagem 9).

Imagem 9 - Páginas 23, 24 e 25 do Livro do autor Osvaldo Sangiorgi para 2ª série do curso ginásial



Outro exemplo de interligação dos ramos da Matemática que encontramos nesse livro da 2ª série ginásial está nas páginas 27 e 28. A abordagem feita nessas páginas está relacionada ao assunto “Produto da soma indicada pela diferença indicada de dois números”, onde, também, percebemos

interligação entre a Álgebra e a Geometria, uma vez que foram utilizadas interpretações geométricas para explicitar o conteúdo (Imagem 10).

Imagem 10 - Páginas 27 e 28 do Livro do autor Osvaldo Sangiorgi para 2ª série do curso ginásial

8. Produto da soma indicada pela diferença indicada de dois números. A expressão do produto da soma indicada pela diferença indicada de dois números, pode ser obtida, geomêtricamente, do seguinte modo:

Seja o produto:  $(5 + 2) \times (5 - 2)$

Construímos o quadrado  $ABCD$ , cujo lado  $\overline{AB}$  tenha por medida 5 (centímetros, por exemplo). Sobre o lado  $\overline{AB}$  consideremos o segmento  $\overline{MB}$  que tenha por medida 2 (cm). (fig. 2). Temos, assim:

O quadrado  $ABCD$  de área igual  $5^2$  e o quadrado  $MBPN$  de área igual a  $2^2$ . Observemos, agora, que a soma das partes assinaladas (I e II) representam a área da figura toda ( $5^2$ ) menos a área do quadrado de lado 2 ( $2^2$ ), isto é:

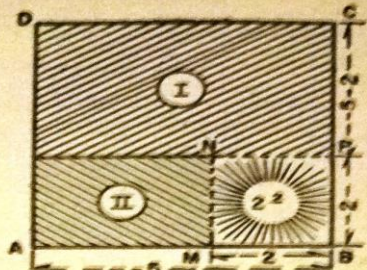
$$5^2 - 2^2$$


Fig. 2

Como essas partes (I e II) podem ser dispostas de outra maneira (fig. 2-A), ou seja:

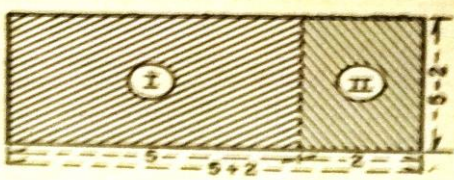


Fig. 2-A

segue que:

parte I + parte II =  $(5 + 2) \times (5 - 2)$

isto é,

$$(5 + 2) \times (5 - 2) = 5^2 - 2^2$$

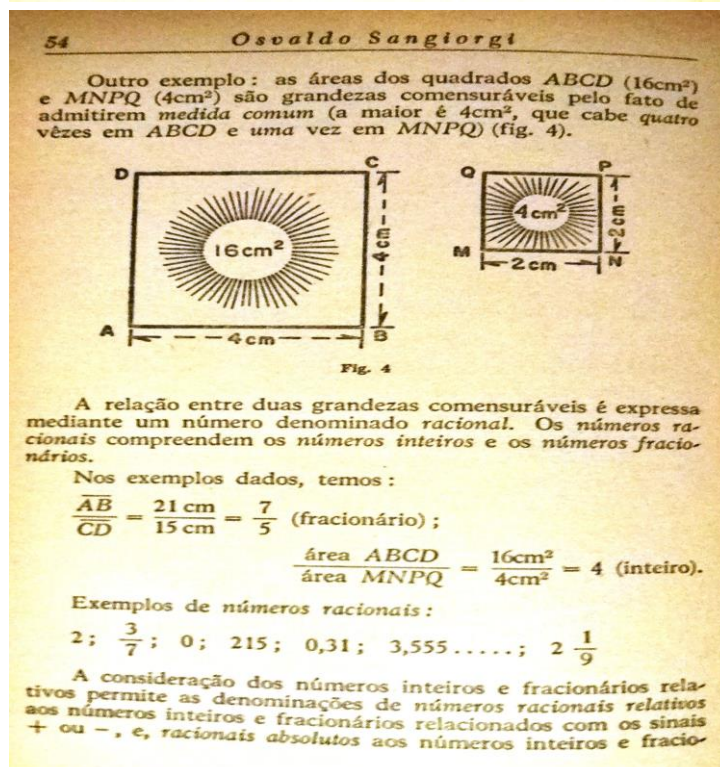
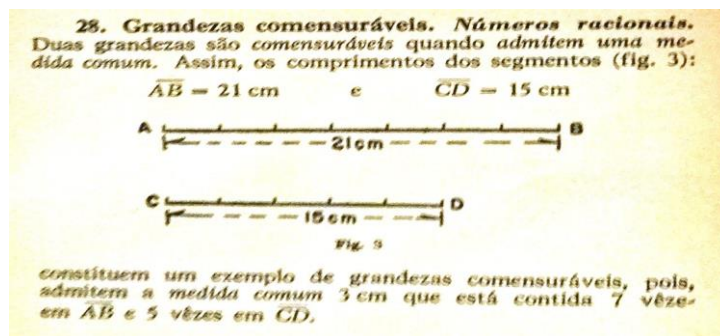
De um modo geral, temos:

$$(a + b) \times (a - b) = a^2 - b^2$$

Ainda nesse livro da 2ª série ginásial, identificamos um terceiro exemplo de interligação dos ramos da Matemática nas páginas 53, 54, 55 e 56. A abordagem feita nessas páginas está relacionada ao assunto “Grandezas comensuráveis e grandezas incommensuráveis, números racionais e números irracionais”, onde, também, percebemos interligação entre os ramos da

Matemática, tendo em vista que, por meio da explicação dos conteúdos de grandezas comensuráveis e em seguida utilizando-se da relação de duas dessas, é estabelecido o conceito de números racionais. Do mesmo modo também são explicitados os conceitos de grandezas incomensuráveis e números irracionais (Imagem 11).

Imagem 11 - Páginas 53, 54, 55 e 56 do Livro do autor Osvaldo Sangiorgi para 2ª série do curso ginásial



Matemática — Segunda Série 55

nários que não estão relacionados com sinal algum. Exemplos :  
 $\frac{3}{4}$ ; 12; 5; 0; 3 413;  $3\frac{2}{7}$ ; 0,444.....; 2,39;  
 são números *racionais absolutos*, enquanto que :  
 $-4$ ;  $+\frac{11}{35}$ ; +13;  $-1\frac{1}{2}$ ; -0,8; +2; -19,424 242...  
 são números *racionais relativos*.

**29. Grandezas incomensuráveis. Números irracionais.** Duas grandezas são *incomensuráveis* quando não admitem medida comum. Assim, por exemplo, os comprimentos da diagonal e do lado de um quadrado (fig. 5) são grandezas incomensuráveis, pois, escolhida uma unidade de medida, ela nunca estará contida um número exato de vezes na diagonal e no lado do quadrado. Esse fato significa também que podemos ter uma medida que esteja contida exatamente na diagonal, porém a mesma medida nunca estaria contida exatamente no lado e vice-versa.

Já encontramos na primeira série ginásial um outro exemplo clássico de grandezas incomensuráveis : os comprimentos de uma circunferência e o de seu diâmetro (fig. 6).




Fig. 5

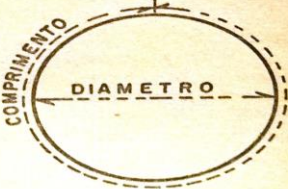


Fig. 6

56 Oswaldo Sangiorgi

A relação entre duas grandezas incomensuráveis é expressa mediante um *número irracional* (\*).

No primeiro exemplo, a relação entre as grandezas incomensuráveis : *diagonal e lado* de um quadrado é o número irracional  $\sqrt{2}$ , que no estudo da raiz quadrada vimos não ser possível exprimir-se com uma representação decimal exata e sim com uma aproximação desejada que é simbolizada pelos primeiros algarismos que se escrevem. A indicação que a  $\sqrt{2}$  é um *número irracional* é feita colocando-se reticências a seguir os primeiros algarismos da aproximação. Assim :

$$\sqrt{2} = 1,4142 \dots\dots\dots$$

No segundo exemplo, a relação entre os comprimentos de uma circunferência e o de seu diâmetro é o *número irracional "pi"* :

$$\pi = 3,14159 \dots\dots\dots$$

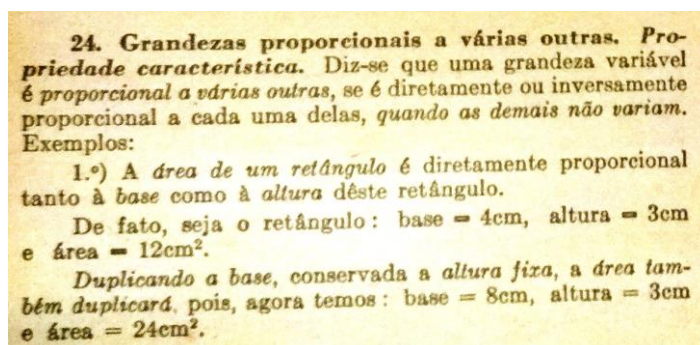
que não podendo se exprimir com uma representação decimal exata é também representado com os primeiros algarismos (de acordo com a aproximação desejada) colocando-se a seguir reticências para indicar a existência de infinitos outros algarismos.

Outros exemplos de *números irracionais* :

$\sqrt{3} = 1,7321 \dots\dots\dots$	$\sqrt{7} = 2,6458 \dots\dots\dots$
$\sqrt{21} = 4,5826 \dots\dots\dots$	$\sqrt{480} = 89,9120 \dots\dots\dots$

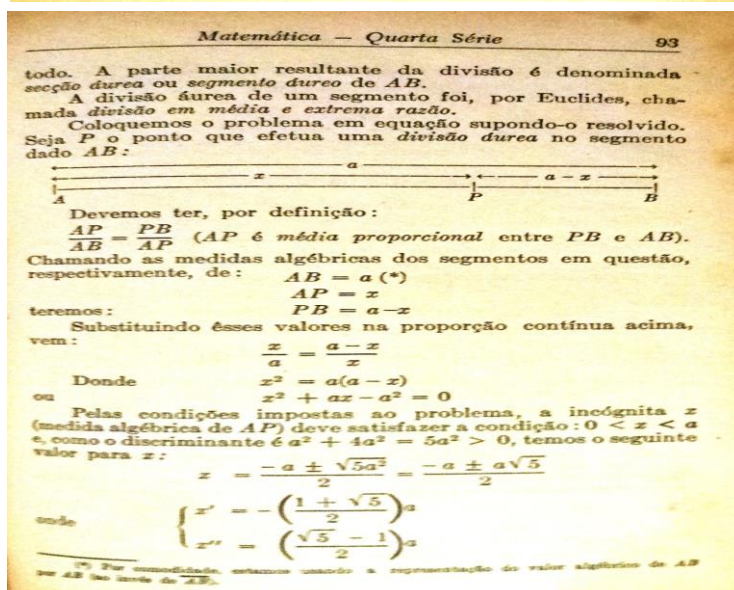
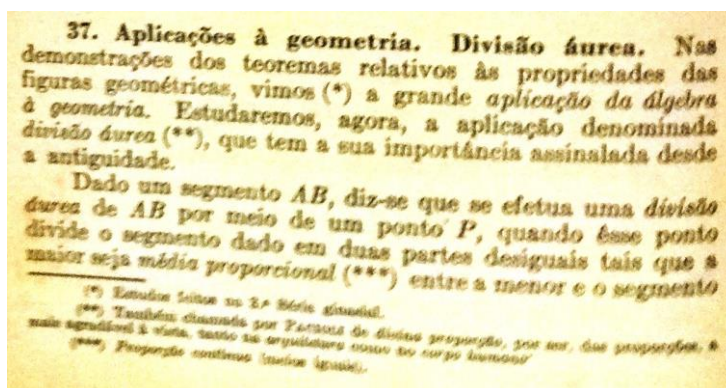
No livro da 3ª série do curso ginásial, encontramos, na página 59, interligação dos ramos da Matemática, referente ao assunto "Grandezas Proporcionais a várias outras" (Imagem 12). Essa interligação é identificada no exemplo elaborado com conceitos da área de um retângulo (geométricos), para que o leitor/estudante entenda quando uma grandeza variável é proporcional a várias outras.

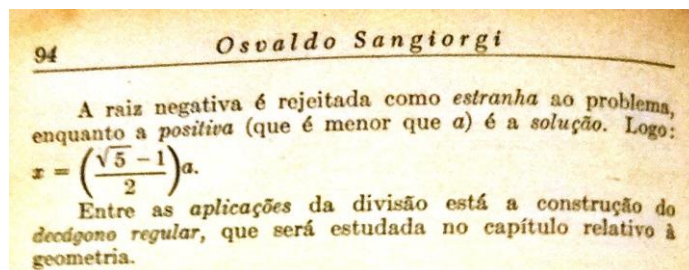
Imagem 12 - Página 59 do Livro do autor Osvaldo Sangiorgi para 3ª série do curso ginásial



No livro da 4ª série do curso ginásial, encontramos interligação dos ramos da Matemática nas páginas 92, 93 e 94, referente ao assunto “Grandezas Proporcionais a várias outras” (Imagem 13). Essa interligação ocorre quando são utilizadas aplicações geométricas em problemas do segundo grau.

Imagem 13 - Páginas 92, 93 e 94 do Livro do autor Osvaldo Sangiorgi para 4ª série do curso ginásial





Em relação aos conteúdos registrados nos diários de classe de Matemática no período de 1961 a 1963 (Quadro 6), os analisamos de acordo com o Programa de Matemática para o Curso Ginásial expedido na Portaria Ministerial nº 1045 de 14/12/1951 :

**Quadro 6 : Ensino de Matemática no Ginásio do Colégio Taylor-Egídio (1961 - 1963)**

1ª Série Ginásial	2ª Série Ginásial	3ª Série Ginásial	4ª Série Ginásial
<b>Portaria Ministerial nº 1045 de 14/12/1951</b>			
Cumpriu todos os conteúdos previstos no Programa de Matemática.	Cumpriu 60% dos conteúdos previstos no Programa de Matemática. Não foram registrados conteúdos de Binômio linear; equação e inequações do 1º grau com uma incógnita e sistemas lineares.	Cumpriu 55% dos conteúdos previstos no Programa de Matemática. Foram registrados apenas 50% dos assuntos da Geometria.	Cumpriu 55% dos conteúdos previstos no Programa de Matemática. Foram registrados somente 50% dos conteúdos da Geometria.
Para todas as séries do curso ginásial nesse período, não há indícios de interligação dos ramos da Matemática no ensino dos conteúdos da Matemática.			

**FONTE: Diários de Classe de Matemática da 1ª a 4ª série ginásial do Colégio Taylor-Egídio**

No período de 1961 a 1963, constatamos que, em conformidade com o Programa de Matemática para o Curso Ginásial expedido na Portaria Ministerial nº 1045 de 14/12/1951, na 3ª e 4ª séries do curso ginásial, foram registrados cerca de 50% dos conteúdos da Geometria. Cerca de 60% dos conteúdos previstos no Programa de Matemática para o Curso Ginásial foram registrados para a 2ª, 3ª e 4ª séries, enquanto, para a 1ª série, houve exceção, pois todos os assuntos previstos foram cumpridos.



Supreendentemente, por meio da análise dos livros didáticos do autor Osvaldo Sangiorgi para a 2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup> séries do curso ginásial, percebemos que, em algumas explicações, exemplos e definição de conceitos, havia a interligação dos ramos da Matemática. Entretanto, ao analisarmos os diários de classe de Matemática, por meio dos registros dos assuntos ministrados, não encontramos indícios dessa interligação. Contudo, é importante ressaltar que essa interligação dos ramos é um indício de modernização do ensino da matemática relacionado ao primeiro movimento de modernização do ensino da Matemática no Brasil, embora estejamos neste capítulo, reconstruindo a história do ensino da Matemática, no Colégio Taylor-Egídio, na década de 60 do século XX, período em que aconteceu o Movimento da Matemática Moderna (segundo movimento de modernização do ensino da Matemática).

Sobre a sua prática profissional, João Rocha da Silva relata ainda que teve a oportunidade no CTE de fazer provas

com as alunas internas fraquíssimas em Matemática, sem elas saberem que estavam fazendo prova. Eu dizia, marcava banca de estudos com elas, dava os assuntos e chegava lá eu elaborava as questões pra elas fazerem, dizendo que ali, eu queria ver o grau de conhecimento delas no assunto pra poder ter prova, quando, na verdade, elas estavam fazendo prova comigo. E, essas alunas conseguiram passar, muito fracas, conseguiram passar exatamente por esse artifício, porque elas fizeram prova e cada vez eu dava uma desculpa diferente. Elas fizeram prova sem saber que estavam fazendo prova.<sup>249</sup>

Ainda no CTE, no ano de 1963, João Rocha participou do curso da Campanha de Aperfeiçoamento de Difusão do Ensino Secundário (CADES) em Salvador. Acerca do curso, comenta em seu depoimento:

lá eu não tive muita coisa a aprender de Matemática. O conhecimento que já tinha, a experiência que já tinha me surpreenderam em relação ao que o professor dava para nós no curso, a parte de conteúdo de matemática. Mas eu aprendi a parte didática, a parte pedagógica foi muito boa também[...].<sup>250</sup>

---

<sup>249</sup> SILVA, J. R. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Salvador - BA, 30/04/2014.

<sup>250</sup> SILVA, J. R. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Salvador - BA, 30/04/2014.

João Rocha da Silva mencionou em seu relato que contribuiu, juntamente com Lourival José dos Santos<sup>251</sup> e René Dubois<sup>252</sup> na criação do curso científico no colégio<sup>253</sup>.

Logo em seguida, João Rocha ingressou no Banco do Brasil, em Jequié - BA, e depois foi transferido para cidade de Vitória da Conquista - BA. Nesta última cidade, além de trabalhar no Banco do Brasil, ministrou aulas de Matemática para as turmas do curso científico, no Colégio Batista Conquistense<sup>254</sup> e também na Escola Navarro de Brito (escola pública)<sup>255</sup>.

De 1967 até 1969, no Colégio Batista Conquistense, começou a utilizar a Matemática Moderna, por meio dos livros didáticos, com ênfase no conteúdo de Lógica, uma vez que, conforme citado anteriormente, ministrava aulas para o curso científico. Sem ter a oportunidade de participar de algum curso de capacitação que lhe possibilitasse a adaptação a esses novos conteúdos inseridos no currículo da Matemática, procurou se apropriar sozinho dos assuntos para conseguir ministrar suas aulas<sup>256</sup>.

Segundo depoimento de João Rocha da Silva, que tinha o sonho de fazer faculdade, voltou pra Salvador, onde fez Economia. No período em que estudava o curso de Economia, esse professor também ensinou no curso de Pré-Vestibular da Faculdade de Economia, durante um ano. Ao concluir o curso, foi requisitado para o Banco Central, onde ficou até a sua aposentadoria. E, mesmo trabalhando nesse banco, ele continuou a dar aulas. Sobre a docência, João Rocha da Silva afirma:

[...] ensinar foi uma das coisas que eu fiz com mais gosto. Eu ensinava, eu usava a inteligência, as emoções, o coração estava presente, eu gostava realmente. Eu fiz muita amizade com os meus alunos e havia um índice de aprovação, eu tinha em torno de 500 a 600 alunos no Colégio Taylor-Egídio, o índice de reprovação no final do ano era em torno de 5%. E, eu sempre fui um professor um pouco exigente com o que eu ensinava, eu exigia, não era de fazer concessões. Eu poderia até estudar com

---

<sup>251</sup> Abordaremos a trajetória profissional deste docente no tópico 4.2.

<sup>252</sup> Filho do casal Carlos Dubois e Stela Camara Dubois.

<sup>253</sup> SILVA, J. R. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Salvador - BA, 30/04/2014.

<sup>254</sup> Fundado em 1964, o Colégio Batista Conquistense.

<sup>255</sup> SILVA, J. R. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Salvador - BA, 30/04/2014.

<sup>256</sup> SILVA, J. R. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Salvador - BA, 30/04/2014.

o aluno na casa dele, se ele precisasse, mas a prova tinha que ser uma coisa séria.<sup>257</sup>

Hoje, João Rocha da Silva continua residindo na cidade de Salvador e é aposentado pelo Banco Central.

#### 4.2- Lourival José dos Santos

Lourival José dos Santos<sup>258</sup> nasceu em 13 de Junho de 1933 numa pequena fazenda em Lage, cidade do estado da Bahia. Até os 14 anos de idade foi agricultor, plantador de mandioca, auxiliando seu pai, que era vaqueiro e fabricante de farinha de mandioca. Embora seu pai o colocasse no curso primário existente na cidade, ele não ficava por muito tempo na escola, porque o seu pai o tirava para ajudar nos trabalhos da fazenda.

Já na adolescência, foi para Salvador para trabalhar numa loja de tecidos, onde permaneceu por três anos. Ao visitar a família durante as festas natalinas, em Lage, encontrou os irmãos fazendo elogios a um colégio em Jaguaquara, onde foram fazer o exame de admissão<sup>259</sup> ao ginásio, no qual foram aprovados e, na opinião deles, deveria fazer o mesmo. Mas, como não tinha o curso primário, não via possibilidade de fazer o exame de admissão ao ginásio. Então, Lourival José com vinte anos de idade, estudou cerca de dois meses e conseguiu adquirir conhecimento suficiente para fazer as provas das disciplinas de Matemática, Português, História e Geografia, disciplinas que eram exigidas na época<sup>260</sup>. Conforme depoimento de Lourival José dos Santos<sup>261</sup>, submetendo-se ao exame de admissão, foi aprovado em segundo lugar. Contudo, sem recursos

---

<sup>257</sup> SILVA, J. R. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Salvador - BA, 30/04/2014.

<sup>258</sup> SANTOS, L. J. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Cruz das Almas - BA, 06/05/2014.

<sup>259</sup> Durante a Reforma Francisco Campos, por meio do Decreto nº 19.890 de 18 de abril de 1931, os exames de admissão tornaram-se obrigatórios nas escolas públicas de todo o Brasil até o ano de 1971. AKSENEN, E. Z.; MIGUEL, M. E. B. Desvelando os exames de admissão ao ginásio na educação paranaense. In: VII CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 7., 2013, Cuiabá. *Anais...Cuiabá*: UFMT, 2013. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/>>. Acesso em 10 jan. 2015.

<sup>260</sup> SANTOS, L. J. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Cruz das Almas - BA, 06/05/2014.

<sup>261</sup> SANTOS, L. J. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Cruz das Almas - BA, 06/05/2014.

para pagar o colégio, trabalhou como censor, cuidador de colegas não só na sala de aula, mas também no internato, além de conseguir uma bolsa concedida por um tio deputado, que o auxiliou a pagar as despesas do colégio.

Lourival José estudou todo o curso secundário, no Colégio Taylor-Egídio, no período de 1954 a 1957. Durante esse período, conheceu o professor Walter Vaz Andrade<sup>262</sup>. Durante as aulas desse docente, descobriu sua vocação para lecionar Matemática, disciplina em que sempre obteve notas excelentes, de forma que o professor o dispensava das provas. A partir disso, começou a dar aulas para os próprios colegas sobre o conteúdo que Walter Vaz Andrade ensinava e que os alunos tinham dificuldade em aprender, passando assim a ganhar dinheiro<sup>263</sup>.

Em seu depoimento, Lourival José dos Santos<sup>264</sup>, relatou que após concluir o curso ginásial no CTE, foi fazer o curso científico no Colégio Estadual da Bahia, no período de 1958 a 1960, na cidade de Salvador. Lá também deu aula de Matemática para os colegas que tinham dificuldade nessa disciplina e, ao mesmo tempo, vendia livros pra pagar as despesas. Com o curso científico concluído, foi para Viçosa-MG tentar o vestibular, com o intuito de tornar-se engenheiro agrônomo, mas, tendo sido reprovado, retornou para a Bahia.

Ao retornar, o Prof. Carlos Dubois<sup>265</sup>, que era diretor do Colégio Taylor-Egídio, o convidou para ensinar Matemática. Então, Lourival José começou a ensinar Matemática, nas turmas de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> série ginásial no ano de 1963 permanecendo até o ano de 1967.

Acerca da relação com seus alunos, a ex-aluna do Colégio Taylor-Egídio, Antonia Nilzete de Farias relatou que o professor Lourival José dos Santos era “[..] mais austero, mais reservado, mas era também um bom professor”<sup>266</sup>

Para o desenvolvimento de suas aulas, Lourival José dos Santos utilizava livros didáticos de Matemática dos autores Osvaldo Sangiorgi para o curso

---

<sup>262</sup> Comentamos sobre esse professor no tópico 3.3 do capítulo 3.

<sup>263</sup> SANTOS, L. J. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Cruz das Almas - BA, 06/05/2014.

<sup>264</sup> SANTOS, L. J. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Cruz das Almas - BA, 06/05/2014.

<sup>265</sup> Diretor do Colégio Taylor-Egídio no período de 1938 a 1992.

<sup>266</sup> FARIAS, A. N. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Salvador - BA, 30/04/2014.

ginasial e Scipione di Pierro Neto para o ensino médio e possuía livros extracurriculares de Júlio Cesar Melo de Souza (Malba Tahan)<sup>267</sup>. Lourival José ainda informou em seu depoimento que os livros do autor Osvaldo Sangiorgi foram os mesmos que o João Rocha da Silva utilizou nas suas aulas, logo identificamos que, conforme análise dos livros didáticos deste autor apresentada no tópico 4.1, houve interligação dos ramos da matemática, mesmo que isto não seja constatado na análise dos conteúdos registrados nos diários de classe<sup>268</sup>.

De acordo com o relato de Lourival José dos Santos<sup>269</sup>, como havia feito vestibular quando iniciou suas atividades na docência, não lhe foi exigido que fizesse o curso de aperfeiçoamento para professores do curso secundário. Entretanto, como posteriormente começou a ministrar aulas para o curso científico, foi participar do curso da CADES, realizado em Salvador no ano de 1963, com duração de trinta dias com encontros nos turnos matutino e vespertino. Sobre o curso, Lourival José afirmou que não era “conteúdo, era didático, puramente didático, como ensinar Matemática.”<sup>270</sup>

Em relação aos conteúdos registrados nos diários de classe de Matemática no período de 1964 a 1966<sup>271</sup> (Quadro 7), os analisamos de acordo com o Programa de Matemática para o Curso Ginasial expedido na Portaria Ministerial nº 1045 de 14/12/1951 :

---

<sup>267</sup> SANTOS, L. J. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Cruz das Almas - BA, 06/05/2014.

<sup>268</sup> Essa análise será apresentada no Quadro 7 a seguir.

<sup>269</sup> SANTOS, L. J. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Cruz das Almas - BA, 06/05/2014.

<sup>270</sup> SANTOS, L. J. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Cruz das Almas - BA, 06/05/2014.

<sup>271</sup> Embora o período em que esse docente ministrou aulas de Matemática no Colégio Taylor-Egídio seja de 1963 a 1967, faremos a análise dos diários de 1964 a 1966, tendo em vista que os conteúdos registrados nos diários de classe do ano de 1963 foram analisados com no tópico referente a João Rocha da Silva (tópico 4.1) e, os conteúdos dos diários de classe do ano de 1967 serão analisados no tópico referente a Lourival José dos Santos (tópico 4.2).

**Quadro 7: Ensino de Matemática no Ginásio do Colégio Taylor-Egídio (1964 - 1966)**

1ª Série Ginásial	2ª Série Ginásial	3ª Série Ginásial	4ª Série Ginásial
<b>Portaria Ministerial nº 1045 de 14/12/1951</b>			
Cumpriram todos os conteúdos previstos no Programa de Matemática.	Cumpriram 60% dos conteúdos previstos no Programa de Matemática. Não foram registrados conteúdos de Binômio linear; inequações do 1º grau com uma incógnita e sistemas lineares.	Cumpriram 60% dos conteúdos previstos no Programa de Matemática. Foram registrados apenas 50% dos assuntos da Geometria.	Cumpriram 40% dos conteúdos previstos no Programa de Matemática. Foram registrados somente 25% dos conteúdos da Geometria.
Para todas as séries do curso ginásial nesse período não há indícios de interligação dos ramos da Matemática no ensino dos conteúdos da Matemática.			

**FONTE: Diários de Classe de Matemática da 1ª a 4ª série ginásial do Colégio Taylor-Egídio**

No período de 1964 a 1966, identificamos que, em conformidade com o Programa de Matemática para o Curso Ginásial, expedido na Portaria Ministerial nº 1045 de 14/12/1951, na 2ª e 3ª séries do curso ginásial, foram cumpridos cerca de 60% dos conteúdos previstos. O percentual possui uma diferença significativa para a 1ª e 4ª séries, uma vez que, na primeira, foram cumpridos todos os conteúdos previstos, enquanto, na quarta, foram cumpridos apenas 40%. Embora nos períodos anteriores (1968-1958; 1959-1960; 1961-1963) para as 3ª e 4ª séries do ginásio foram registrados 50% dos conteúdos da Geometria, nesse período de 1964 a 1966 somente para a 4ª série esse registro diminuiu para 25%.

Acerca da sua experiência docente no CTE, Lourival José dos Santos comentou que, sob a direção de Carlos Dubois, conseguiu “passar uma mensagem que você era professor, mas você era educador”<sup>272</sup> e, assim segundo consta em seu depoimento, desempenhava a sua atividade de professor sempre

<sup>272</sup> SANTOS, L. J. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Cruz das Almas - BA, 06/05/2014.

com “muito amor, com dedicação, com sentimento da importância da Matemática na vida da pessoa”<sup>273</sup>.

Como estratégia para atrair os alunos para o ensino da Matemática, Lourival José relatou que procurava dar vida ao inanimado. Por exemplo, numa equação de 1º grau como  $X+5=15$ , ele lembra que conversava com o  $X$ , perguntando: “ $X$  qual é o seu valor? Você pode revelar pra turma? Você está no lugar errado  $X$ , você precisa sair daí e se revelar, sai daí  $x!$ ”<sup>274</sup> e, com isso, os alunos riam, ficavam encantados e atentos às explicações. Assim, ele ficou conhecido como o professor que conversava com o  $X$ .

Por meio dos diários de classe de Matemática do CTE, constatamos que, nas séries do ginásio, embora incipiente, houve ensino da Teoria de Conjuntos, ou seja, seu primeiro contato com a Matemática Moderna. Na primeira série ginásial, esse conteúdo foi ministrado por Lourival José dos Santos (Quadro 8 “Matemática Moderna no CTE - 1966”).

**Quadro 8 - Matemática Moderna no CTE - 1966**

<b>1ª série Ginásial</b>	03/03- Conjuntos;	<b>2ª série Ginásial</b>	16/03 - Operações com conjuntos; 21/03 - Conjuntos; 22/03-Conjuntos intersecção;	<b>4ª série Ginásial</b>	15/6-Conjuntos; 17/06- Operações;
------------------------------	----------------------	------------------------------	--	------------------------------	--------------------------------------

**FONTE: Diário de Classe de Matemática do Curso Ginásial do CTE do ano de 1966**

Mesmo já atuando como docente, Lourival José não esquecia o desejo de ser engenheiro agrônomo. Por esse motivo, prestou vestibular novamente para Universidade Federal da Bahia (UFBA), no *Campus* de Cruz das Almas, cidade do estado da Bahia, e foi aprovado. Com isso, solicitou demissão do CTE, para realizar seu sonho de se tornar um educador rural e, posteriormente, retornar a Jaguaquara para criar uma escola de iniciação agrícola. Porém, não concretizou seu desejo, permanecendo em Cruz das Almas<sup>275</sup>.

<sup>273</sup> SANTOS, L. J. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Cruz das Almas - BA, 06/05/2014.

<sup>274</sup> SANTOS, L. J. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Cruz das Almas - BA, 06/05/2014.

<sup>275</sup> SANTOS, L. J. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Cruz das Almas - BA, 06/05/2014.

Enquanto fazia a graduação, foi convidado pra ensinar Matemática no Colégio Estadual Alberto Torres (CEAT), em Cruz das Almas. Como tinha uns períodos vagos em seus horários da Universidade, começou a ensinar no CEAT no ano de 1967 e permaneceu até 1970. Logo no ano de 1967, ensinando neste colégio, Lourival José dos Santos teve contato novamente com a Matemática Moderna, por meio dos livros didáticos que já traziam o conteúdo de Conjuntos.

Sem ofertas de cursos na época para se apropriar dos novos conteúdos inseridos no currículo do ensino da Matemática e, como houve exigência da coordenação do colégio de os docentes de Matemática terem conhecimento sobre tal assunto, Lourival José teve de ser um autodidata para entender o conteúdo de Conjuntos. Sobre isso, ele comentou em seu depoimento que “admitiram que a gente já tivesse informação sobre isso, eu não tinha, eu acho que ninguém tinha, aí vamos buscar livro, estudar, estudar, e eu fui um autodidata em questão de Conjuntos e suas consequências”<sup>276</sup>.

Nessa experiência de trabalhar em suas aulas com a Matemática Moderna, Lourival relatou que teve a seguinte reação:

A indagação. Quer dizer que a Matemática está mudando? Por que eu tinha na minha cabeça que a matemática era imutável na sua apresentação. O fundamento dela não falha nunca. Dois e dois é quatro aqui no Brasil, nos Estados Unidos e onde for.<sup>277</sup>

Com esse questionamento, Lourival José dos Santos teve a atitude de não mudar e permanecer ministrando conteúdos apenas da Matemática tradicional. Diante do depoimento desse docente, interrogamos se essa também não foi uma reação de parte significativa dos professores de Matemática no período em que

---

<sup>276</sup> SANTOS, L. J. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Cruz das Almas - BA, 06/05/2014. Percebemos que embora esse docente em seu depoimento se recordasse que não tinha conhecimento da Teoria de Conjuntos, assunto exigido pela coordenação do Colégio Alberto Torres, no ano de 1967, no entanto constatamos pelo diário de classe do Colégio Taylor-Egídio do ano de 1966 que, mesmo de maneira incipiente Lourival José dos Santos ministrou esse assunto.

<sup>277</sup> SANTOS, L. J. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Cruz das Almas - BA, 06/05/2014.



tiveram contato com a Matemática Moderna, no currículo das escolas secundárias.

Contudo, depois de passado algum tempo, percebeu que, ou se adaptava, ou perderia seu emprego. Procurou, então, compreender sozinho os novos assuntos, estudando para explicá-los na sala de aula. Nesse processo, enfrentou dificuldades, tanto para aprender, como para transmitir, pois, assim como ele, os alunos também apresentaram certa resistência ao aprendizado do conteúdo de Conjuntos. Sobre isso, o Lourival José dos Santos relatou:

Na época eu não entendi bem. E também por conta do seguinte, por que eu tinha um pouco, bem menos conhecimento do que eu tenho hoje, claro, estudo e tal, participação... Naquela época, houve uma resistência pra aceitar e para transmitir, porque eu também encontrei resistência dos estudantes [...].<sup>278</sup>

Já formado e como engenheiro agrônomo, Lourival José dos Santos fez concurso para ensinar na Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia, hoje Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), no *Campus* de Cruz das Almas. Aprovado no concurso para ensinar Matemática Aplicada na Agricultura, também ministrou disciplinas de Planejamento Rural, Extensão Rural, Sociologia Rural e Ética Profissional<sup>279</sup>.

### 4.3 - Antonia Nilzete de Farias

Antonia Nilzete de Farias<sup>280</sup> nasceu em 15 de julho de 1945, em uma fazenda<sup>281</sup>. Com um ano de idade, sua família foi para Lage, cidade do interior do estado da Bahia, vivendo até seus oito anos de idade, onde fez a alfabetização, quando seus pais se mudaram para Jequié. Em Jequié, cursou o terceiro ano primário, onde estudou primeiro numa escola pública e depois no

---

<sup>278</sup> SANTOS, L. J. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Cruz das Almas - BA, 06/05/2014.

<sup>279</sup> SANTOS, L. J. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Cruz das Almas - BA, 06/05/2014.

<sup>280</sup> FARIAS, A. N. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Salvador - BA, 30/04/2014.

<sup>281</sup> Não foi informada pela docente durante o seu depoimento em que município fica essa fazenda.

Grupo Escolar Batista, vinculado a Igreja Batista, cursando o terceiro e quarto anos do ensino primário.

Em seguida, foi para Jaguaquara, cidade em que fez o exame de admissão<sup>282</sup>, no Colégio Taylor-Egídio (CTE), mas não foi aprovada. Realizando novamente o exame, foi aprovada e começou a cursar a 1ª série do curso ginásial, estudando até o curso pedagógico<sup>283</sup>, no período de 1960 até 1966<sup>284</sup>.

Conforme depoimento de Antonia Nilzete<sup>285</sup>, por ser uma aluna muito interessada e ter um contato mais próximo com o professor Mário Moreira<sup>286</sup>, durante o período em que foi estudante do CTE, esse professor lhe havia prometido que, quando estivesse formada, daria algumas turmas do ginásio para ela ensinar. Assim foi feito, formou-se no final do ano de 1966, e o professor Mário Moreira, em consonância com a direção do colégio, indicou-a para dar aulas de Português em algumas turmas. Em 1967, o colégio aceitou a recomendação do Prof. Mário Moreira, permitindo que Antonia Nilzete de Farias trabalhasse não só como professora de Português, mas, também, de Matemática em classes do curso secundário.

Ex-aluna do Colégio Taylor-Egídio, primeira docente feminina a ministrar aulas de Matemática nas turmas do ginásio do CTE (ao longo do período de 1950-1969), nas quais ficou responsável apenas pelas classes da primeira série ginásial. Para desenvolvimento de suas aulas, utilizava como recurso didático o quadro, giz, jogos e também usava livros didáticos de Matemática do autor Scipione di Pierro Neto<sup>287</sup>.

Como exigência do CTE, Antonia Nilzete de Farias teve que obter a licença para lecionar no ginásio. Assim, no ano de 1967, fez o curso da CADES de Português e Matemática<sup>288</sup>, em Salvador, curso intensivo com período de duração de quatro meses, equivalente aos três anos de faculdade. A docente

---

<sup>282</sup> Exame com provas escritas das disciplinas de Português, Matemática, História e Geografia.

<sup>283</sup> Nomenclatura utilizada na época para se referir ao Curso de Normal, curso esse de formação de professores para atuarem no curso primário.

<sup>284</sup> FARIAS, A. N. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Salvador - BA, 30/04/2014.

<sup>285</sup> FARIAS, A. N. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Salvador - BA, 30/04/2014.

<sup>286</sup> Professor de Português do Colégio Taylor-Egídio.

<sup>287</sup> FARIAS, A. N. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Salvador - BA, 30/04/2014.

<sup>288</sup> Antonia Nilzete de Farias não se recordou do nome do professor pelo qual ministrou o curso da CADES.

também informou em seu depoimento que, durante esse curso da CADES, obteve uma abordagem acerca da Matemática Moderna<sup>289</sup>.

Conforme seu depoimento, era uma jovem com interação e bom relacionamento com os alunos, sempre procurava fazer atividades diferentes e algumas brincadeiras durante a aula para motivar os estudantes.

No ano em que começou a ensinar Matemática, Antonia Nilzete se deparou com um desafio, o de ensinar conteúdos da Matemática elementar com inovação. Sobre essa situação, ela assim se manifestou:

[...] houve uma mudança muito grande no ensino da parte elementar da Matemática, as quatro operações, dos números naturais, soma e adição passaram a ser de simbologia aqueles conjuntos, conjunto vazio com os quadrinhos, você começou a ensinar por aquele método diferente de antes porque ensinava normalmente que era dois mais dois era quatro, então a representação numérica passou a ser diferente para que os alunos tivessem mais facilidade de aprender, tivesse a noção das operações.<sup>290</sup>

Identificamos nos diários de classe de Matemática que Antonia Nilzete de Farias iniciou o ensino do conteúdo da Teoria de Conjuntos, mesmo sem muita exploração (Quadro 9), do mesmo modo que Lourival José dos Santos também desenvolveu no ano de 1966.

**Quadro 9 - Matemática Moderna no CTE - 1967**

<b>1ª série Ginásial</b>	13/03 - Noção de Conjuntos; 14/03- Comparação de Conjuntos;	<b>2ª série Ginásial</b>	19/04- Operações com Conjuntos;	<b>3ª série Ginásial</b>	17/04-Conjunto R (operações);
------------------------------	--	------------------------------	---------------------------------	------------------------------	-------------------------------

**FONTE: Diário de Classe de Matemática do Curso Ginásial do CTE do ano de 1967**

Isso pode ser em decorrência da necessidade dos professores de Matemática se adaptarem aos novos conteúdos, para ministrá-los em sala de aula. Notamos isso também nos registros dos diários de classe de Matemática do ano de 1968, onde foi possível identificar que o ensino de Conjuntos permaneceu pouco explorado, conforme consta no Quadro 10:

<sup>289</sup> FARIAS, A. N. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Salvador - BA, 30/04/2014.

<sup>290</sup> FARIAS, A. N. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Salvador - BA, 30/04/2014.

**Quadro 10 - Matemática Moderna no CTE - 1968**

<b>1ª série Ginásial</b>	06/03 - Noção de Conjuntos;	<b>2ª série Ginásial</b>	02/04-Conjuntos; 11/04-Propriedades das operações;	<b>3ª série Ginásial</b>	08/04- Conjuntos e sinais;
------------------------------	-----------------------------	------------------------------	---	------------------------------	----------------------------------

FONTE: Diário de Classe de Matemática do Curso Ginásial do CTE do ano de 1968

Percebemos que, no ano de 1969, a descrição dos conteúdos acerca da Teoria de Conjuntos (Quadro 11) foi bastante extensa, o que nos levou a entender que o ensino desse assunto foi melhor explorado e aprofundado.

**Quadro 11 - Matemática Moderna no CTE - 1969**

<b>1ª série Ginásial</b>	03/03-Noção de Conjuntos; 04/03-Relação de pertinência e noção de conjunto; 05/03-Relação de pertinência; 06/03-Subconjuntos; Relação de indução; 10/03-Conjuntos iguais, Relação de igualdade; 11/03-Operações com conjuntos (intersecção); 12/03-Intersecção de mais de dois conjuntos; 14/03-Operação (com) união; 17/03-Operação União; 21/03-Representação por diagrama; 24/03-Conjunto biunívoco;
------------------------------	---

FONTE: Diário de Classe de Matemática do curso ginásial do CTE do ano de 1969

Como Antonia Nilzete de Farias havia participado do curso da CADES no mesmo ano, supomos que a formação acerca da Matemática Moderna que ela obteve no curso deu-lhe condições de ministrar o ensino desses novos conteúdos inseridos no currículo da Matemática escolar. Além disso, ela teve contato com a Matemática Moderna, com ênfase no conteúdo de *Conjuntos*, por meio dos livros didáticos que eram utilizados no Colégio Taylor-Egídio.

Antonia Nilzete continuou a ensinar no CTE até o ano de 1971. Em seguida, com intenção de continuar seus estudos foi para Salvador, onde prestou o vestibular para o curso de Licenciatura em Letras. Foi aprovada, mas não concluiu o curso, porque tinha que trabalhar. Ela trabalhava em Salvador numa empresa de revenda de tratores, na parte administrativa, como secretária, logo depois passou para a área financeira<sup>291</sup>. Como a área financeira a fascinou,

<sup>291</sup> FARIAS, A. N. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Salvador - BA, 30/04/2014.

ela continuou sua carreira profissional atuando nessa área, não exercendo mais a docência.

Assim, conforme sintetizado no Quadro 12, acerca das entrevistas dos quatro participantes da pesquisa, todos tiveram contato com a Matemática Moderna no decorrer da sua trajetória profissional como professores de Matemática.

**Quadro 12 - Modernização do Ensino da Matemática na Trajetória Profissional dos Docentes do CTE (1950 - 1969)**

Docente de Matemática	Ano	Local	Instituição de Trabalho	Contato com a Matemática Moderna	
				C A D E S	L I V R O
Edesio José de Oliveira	1963	Anápolis - GO	Colégio Estadual José Ludovico Almeida		X
João Rocha da Silva	1967	Vitória da Conquista-BA	Colégio Batista Conquistense		X
Lourival José dos Santos	1967	Jaguaquara-BA e Cruz das Almas - BA	Colégio Taylor-Egídio e Colégio Estadual Alberto Torres		X
Antonia Nilzete de Farias	1967	Jaguaquara-BA	Colégio Taylor-Egídio	X	X

**FONTE: Entrevistas realizadas com o Edesio José de Oliveira, João Rocha da Silva, Lourival José dos Santos e Antonia Nilzete de Farias**

Três desses professores de Matemática tiveram esse contato no ano de 1967 e apenas um teve contato em 1963, no estado de Goiás. Entretanto, somente Antonia Nilzete de Farias teve esse contato com os novos conteúdos no CTE por meio do livro didático de Matemática utilizado em suas aulas e também tomou o curso da Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Médio (CADES).

Embora Edesio José de Oliveira tenha tido contato com a Matemática Moderna posteriormente ao período em que ministrou aulas no CTE, ao atuar em Anápolis e sendo o único professor de Matemática com Licenciatura em Matemática (formado pela Universidade Federal da Bahia - UFBA), teve

contato com os novos conteúdos por meio dos livros didáticos e procurou se apropriar dos conteúdos da MM de forma autodidata. Além disso, procurou ministrar cursos aos demais professores de Matemática da cidade que solicitavam seu auxílio quanto aos novos assuntos matemáticos.

Já João Rocha da Silva obteve contato com a Matemática Moderna por meio dos livros didáticos, ministrando aulas na cidade de Vitória da Conquista, entretanto com conteúdos do ensino médio, dos quais teve que se apropriar/adaptar de maneira autodidata, não tendo tido oportunidade de participar de cursos.

De maneira análoga às de Edesio José de Oliveira e João Rocha da Silva, Lourival José dos Santos também teve contato com a Matemática Moderna em Jaguaquara e em Cruz das Almas, por meio dos livros didáticos, procurando se apropriar dos novos conteúdos de forma autodidata, para assim ministrar suas aulas de Matemática, contemplando a programação dos conteúdos curriculares do período.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista do que foi exposto e explorado, podemos concluir que movimentos como o da Matemática Moderna acontecem no cenário educacional visando atender às expectativas nos âmbitos sociopolítico e econômico de uma sociedade, que, em virtude dos avanços tecnológicos e políticos, exige indivíduos com uma melhor formação e mais bem qualificados para atuar no mercado de trabalho. Do mesmo modo, também não podemos deixar de considerar que discussões de uma comunidade científica influenciam diretamente nas transformações relacionadas ao processo de ensino/aprendizagem.

O processo de modernização da Matemática iniciou-se com a manifestação de preocupações de matemáticos, as quais eram socializadas com outros professores da mesma área de vários países em congressos internacionais de Matemática. No que se refere ao panorama brasileiro, a partir dos anos de 1930, Euclides Roxo, educador do Colégio Pedro II, foi precursor dos primeiros impactos de mudanças acerca da reestruturação curricular da Matemática escolar. Posteriormente, não mais com a presença desse educador, aconteceram os congressos nacionais do ensino de Matemática a partir dos anos de 1950, eventos em que essa temática era destaque. Na década de 60 do século XX, ocorreu o Movimento da Matemática Moderna no cenário educacional brasileiro, disseminando para os vários estados do país.

Na investigação descrita nesta dissertação procuramos entender como o MMM se constituiu no Colégio Taylor-Egídio, em Jaguaquara, município do interior do estado da Bahia, nas décadas de 50 e 60 do século XX, período com intensas demarcações de mudanças no ensino da Matemática no Brasil.

O nosso olhar sobre os diários de classe de Matemática do CTE, do período de 1950 a 1969, confrontados com os Programas de Matemática expedidos na Portaria Ministerial nº 170 de 11/07/1942 e na Portaria Ministerial nº 1045 de 14/12/1951, nos mostrou que, nos anos da década de 50 do século XX, no processo de ensino/aprendizagem da Matemática, o ensino dessa disciplina estava voltada aos conteúdos de Aritmética Prática e da Geometria

Intuitiva para a 1ª e 2ª séries do curso ginásial e, para as turmas da 3ª e 4ª séries, os assuntos da Álgebra e Geometria Dedutiva. Além disso, constatamos que os conteúdos da Matemática Moderna foram inseridos no currículo da Matemática escolar do Colégio Taylor-Egídio, no que se refere mais especificamente aos tópicos da Teoria de Conjuntos, nas séries do curso ginásial.

A partir do ano de 1966, identificamos, nos registros dos diários de classe de Matemática, que houve o ensino de Conjuntos, de maneira bem superficial. Nos anos de 1967 e 1968, o ensino desse conteúdo permaneceu da mesma forma que do ano de 1966. No ano de 1969, esse assunto foi bem mais explorado e com uma descrição mais detalhada, de modo que ocupa o espaço de mais de uma página do diário de classe. Percebemos que o conteúdo “Conjuntos” constava como assunto trabalhado nas aulas de Matemática, na maioria das vezes, apenas nas turmas de 1ª, 2ª e 3ª séries do curso ginásial.

Ao que tudo indica, para os professores de Matemática uma adaptação imediata não foi tarefa fácil; entretanto, a mudança era necessária em virtude de todas as discussões e perspectivas de reestruturação do currículo para tornar mais moderno o ensino da Matemática no cenário brasileiro. Adaptações na prática pedagógica eram imprescindíveis. Nesse sentido, esses professores precisavam se apropriar desses novos conteúdos inseridos no currículo da Matemática escolar, notadamente da Teoria de Conjuntos, que foi o assunto mais divulgado para conduzir o Movimento da Matemática Moderna (MMM) no Brasil.

Para compreender como foi o processo de adaptação do ensino de matemática no CTE, às novas exigências, realizamos entrevistas com quatro professores de Matemática que atuaram no CTE, no recorte temporal pesquisado, procurando entender como eles se apropriaram desses novos assuntos em suas práticas pedagógicas. Identificamos que essa apropriação ocorreu por meio de cursos da CADES e também com a utilização do livro didático, recurso presente no colégio investigado e usado pelos professores para aprenderem os conteúdos da Matemática Moderna de forma autodidata.

É importante salientar que o contato desses professores com a Matemática Moderna não necessariamente aconteceu no período em que



atuaram no Colégio Taylor-Egídio, uma vez que muitos foram vivenciar experiências docentes em outras instituições escolares e lá mantiveram contatos, seja, na maioria das vezes, por meio dos livros didáticos (autores Scipione di Pierro e Osvaldo Sangiorgi), seja, mais raramente, pela participação em cursos de preparação.

Consideramos que o processo de Modernização do Ensino de Matemática teve como finalidade a reformulação do currículo escolar do ensino da Matemática; entretanto, a preparação para realização desse objetivo não foi feita eficazmente. Na maioria das vezes, os professores da Matemática da época não tinham a preparação necessária para se adaptarem aos conteúdos da Matemática Moderna (união entre conteúdo e método se restringia apenas à Teoria dos Conjuntos), nem conhecimento dos símbolos e da linguagem da Teoria de Conjuntos, o que desencadeou em determinada resistência a essa proposta de inovação do currículo da Matemática escolar, sem alcançar possíveis êxitos em sua execução no âmbito escolar (a não ser em casos em que os professores estavam envolvidos no MMM), que fora imposto de forma um tanto abrupta.

## REFERÊNCIAS

### FONTES PESQUISADAS

#### **DOCUMENTOS DE ARQUIVOS**

---

##### **Secretaria do Colégio Taylor-Egídio**

Diários de classe das quatro séries do curso ginásial, 1950-1969.

#### **ENTREVISTAS**

---

FARIAS, A. N. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Salvador - BA, 30/04/2014.

OLIVEIRA, E. J. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Anápolis - GO, 01/05/2014.

SANTOS, L. J. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Cruz das Almas - BA, 06/05/2014.

SILVA, J. R. Entrevista concedida a Malú Rosa Brito Gomes, Salvador - BA, 30/04/2014.

## ARTIGOS E PUBLICAÇÃO DA ÉPOCA

---

BRASIL. Decreto nº 19.890, de 18 de abril de 1931. Dispõe sobre a organização do ensino secundário.

BRASIL. Decreto nº 21.241, de 4 de abril de 1932. Lei Orgânica do Ensino Secundário. Consolida as disposições sobre a organização do ensino secundário e dá outras providências.

BRASIL. Portaria nº 1045, de 14 de dezembro de 1951. Expede os planos de desenvolvimento dos programas mínimos de ensino secundário e respectivas instruções metodológicas. **D.O.U.** Suplemento ao nº 45. Capital Federal, 22 fev. 1952. Disponível em: <[www.jusbrasil.com.br/diarios/2375333/dou-secao-1-22-02-1952-pg-65/pdfView](http://www.jusbrasil.com.br/diarios/2375333/dou-secao-1-22-02-1952-pg-65/pdfView)>. Acesso em: 12 out. 2014.

CONGRESSO NACIONAL DE ENSINO DA MATEMÁTICA. 1, Salvador. **Anais...** Salvador, BA: Universidade da Bahia, 1955.

SANGIORGI. O. **Matemática para a 2ª série Ginasial**. 26. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

SANGIORGI. O. **Matemática para a 3ª série Ginasial**. 42. ed. ver e ampl. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.

SANGIORGI. O. **Matemática para a 4ª série Ginasial**. 10. ed. rev. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

## LITERATURA DE APOIO

---

AKSENEN, E. Z.; MIGUEL, M. E. B. Desvelando os exames de admissão ao ginásio na educação paranaense. In: VII CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 7., 2013, Cuiabá. **Anais...**Cuiabá: UFMT, 2013. Disponível em: < <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/>>. Acesso em 10 jan. 2015.

ALMEIDA, A. **Toca da onça de ontem - 1923 - Jaguaquara de hoje - 1980**. Salvador-Ba: Editora Arco-Íris Ltda.

ANDRADE, D. G. V. **Colégio Taylor-Egídio 100 anos**. Editoração: Fabiano Gisbert, 1998.

CAMARGO, K. C. O Ensino de geometria na Bahia em tempo de do movimento da matemática moderna: primeiros estudos. In: BÚRIGO, E. Z; FISCHER, M. C. B; SANTOS, M. B (org.) **A matemática moderna nas escolas do Brasil e de Portugal: novos estudos**. Porto Alegre: Redes Editora, 2008.

CARVALHO, J. B. P. Euclides Roxo e as polêmicas sobre a modernização do ensino da matemática. In: VALENTE, W. R. (org.) **Euclides Roxo e a modernização do ensino de matemática no Brasil**. 1. ed. vol. 1. São Paulo: Biblioteca do Educador Matemático, Coleção SBEM, 2003.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre prática e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Rio de Janeiro: Difusão Editorial. S. A., 2002.

CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Revista Teoria & Educação**, Porto Alegre, n. 2, p. 177-229, 1990.

CRABTREE, A. R. **História dos batistas do Brasil até 1906**. 2. ed. I vol. Rio de Janeiro: Departamento de Estatística e História da Casa Publicadora do Rio de Janeiro, 1962. Disponível em: <http://opbcb.org/biblioteca/>. Acesso em 20 Jul. 2014.

CERTEAU, M. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lurdes Menezes. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

DASSIE, B. A. **A matemática do curso secundário na Reforma Capanema**. 2001. 170 f. Dissertação (Mestrado em Matemática) - Departamento de Matemática, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

DIAS, A. L. M. Da profissionalização dos professores à matemática moderna na Bahia: contribuições de Isaías Alvas e de Martha Dantas. In: BÚRIGO, E. Z; FISCHER, M. C. B; SANTOS, M. B (org.) **A matemática moderna nas escolas do Brasil e de Portugal: novos estudos**. Porto Alegre: Redes Editora, 2008.

DIRCEU, M. N. 1929: a grande crise. **Revista Científica FacMais**, Inhumas-GO, v. II, n. 1. p. 153-158, 2º Semestre/2012.

Disponível em: < <http://revistacientifica.facmais.com.br/>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

DUARTE, A. R. S. A participação do matemático Omar Catunda no MMM da Bahia. In: MATOS, J. M. M; VALENTE, R. V (org.) **A matemática moderna nas escolas do Brasil e de Portugal: primeiros estudos**. São Paulo: Editora da Vinci/Capes/Ghemat, 2007.

FARIAS, L. R. **Uma história...Jaguaquara com outras histórias**. 2. ed. amp. Santo Antônio de Jesus- BA: União Arte Gráfica Editora Ltda, 2011.

FERREIRA, A. B. H. **Miniaurélio Século XXI: o minidicionário da língua portuguesa**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FREIRE, I. A. A. **Ensino de matemática: iniciativas inovadoras no Centro de Ensino de Ciências da Bahia (1965-1969)**. 2009. 102 f. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História da Ciência)- Instituto de Física, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

HARRISON, H. B. **Os bagby do Brasil: uma contribuição para o estudo dos primórdios em terras brasileiras**. Junta de Educação Religiosa e Publicação, 1987. Disponível em: <http://opbcb.org/biblioteca/>. Acesso em 20 Jul. 2014.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas, SP. SBHE/Editores Associados, n. 1, p. 9-43, jan./jun. 2001.

LANDO, J. C. **Práticas, inovações, experimentações e competências pedagógicas das professoras de matemática no Colégio de Aplicação da Universidade da Bahia (1949-1976)**. 2012. 307 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências). Universidade Federal da Bahia. Universidade Estadual de Feira de Santana, 2012.

LE GOFF, J. **História e memória**. 5ª ed. 1924. Tradução Bernardo Leitão...[et al.]. - Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003. p. 419.

MARQUES, A. S. **Tempos pré-modernos: a matemática escolar dos anos 1950**. 2005.161 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

MESQUITA, A. N. **História dos batistas do Brasil de 1907 até 1935**. vol. II. Rio de Janeiro: Departamento de Estatística e História da Casa Publicadora do Rio de Janeiro, 1962. Disponível em: <http://opbcb.org/biblioteca/>. Acesso em 20 Jul. 2014.

MIORIM, M. A. **Introdução à história da educação matemática**. São Paulo: Atual, 1998.

**O Jornal Batista**. Acervo Digital. 1901-1913.

Disponível em: <<http://www.batistas.com/>>. Acesso em 04 ago. 2014.

**O Jornal Batista**. Acervo Digital. 1992.

Disponível em: <<http://www.batistas.com/>>. Acesso em 04 ago. 2014.

PEREIRA, J. R. **Breve história dos batistas**. 2. ed. Edição da Junta de Educação Religiosa e Publicações Batista Brasileira. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1979. Disponível em: <http://opbcb.org/biblioteca/>. Acesso em 20 Jul. 2014.

ROMANELLI, O. O. **História da educação no Brasil (1930/1973)**. 39. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SANTANA, I. P. **A trajetória e a contribuição dos professores de matemática para a modernização da matemática nas escolas de Vitória da Conquista e Tanquinho (1960-1970)**. 2011. 115f. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências). Universidade Federal da Bahia. Universidade Estadual de Feira de Santana, 2011.

SCOPEL, A. J. C. **Contribuições didáticas de Malba Tahan para o ensino de matemática**. 2010. 116f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SOARES, F. Ensino de matemática e matemática moderna em congressos no Brasil e no mundo. **Revista Diálogo Educacional**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná Brasil, vol. 8, núm. 25, set-dez, 2008, p. 727-744. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo>>. Acesso em 18 Jan. 2015.

SOARES, F. S; DASSIE, B. A; ROCHA, J. L. Ensino de matemática no século XX - da Reforma Francisco Campos à Matemática Moderna. **Horizontes**. Bragança Paulista, v. 22, n. 1, p. 7-15, jan./jun. 2004.

Disponível em: <<http://www.usf.edu.br/revistas/horizontes/>>. Acesso em 26 set. 2014.

SOARES, F. **Movimento da matemática moderna no Brasil: avanço ou retrocesso?** 2001. Dissertação (Mestrado em Matemática) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

SOARES, F. Os Congressos de ensino de matemática no Brasil nas décadas de 1950 e 1960 e as discussões sobre a Matemática Moderna, **1º Seminário Paulista de História e Educação Matemática**. Outubro de 2005. USP.

Disponível em: <<http://www.ime.usp.br/~sphem/documentos/sphem-programacao.pdf>>. Acesso em 26 set. 2014.

SCHUBRING, G. O primeiro movimento internacional de reforma curricular em matemática e o papel da Alemanha: um estudo de caso na transmissão de conceitos. **Zetetiké**. -CEMPEM-FE/UNICAMP- Campinas, v. 7, n. 11, p. 29-50, jan./jun de 1999.

VALENTE, W. R. História da educação matemática: interrogações metodológicas. **REVEMAT** v.2, n.1, p. 28-49, UFSC, 2007.

Disponível em:

<<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/revemat/article/view/12990>>  
Acesso em: 24 set. 2013.

VALENTE, W. R. (org.) **O nascimento da matemática no ginásio**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2004.

WIELEWSKI, G. D. Políticas educacionais e oficialização da matemática moderna no Brasil. In: BÚRIGO, E. Z; FISCHER, M. C. B; SANTOS, M. B (org.) **A matemática moderna nas escolas do Brasil e de Portugal: novos estudos**. Porto Alegre: Redes Editora, 2008.

## ANEXOS



## ANEXO 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Prezado (a) Senhor (a),

O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) para participar do Projeto de Pesquisa intitulado “O Ensino de Matemática no Colégio Taylor Egídio, no município de Jaguaquara-Ba: 1950-1969” que tem o objetivo geral de analisar como se constituiu o ensino de matemática nas séries do Ginásio do Colégio Taylor Egídio, no município de Jaguaquara, no período de 1950 a 1969 que será realizado pela mestranda Malú Rosa Brito Gomes sob orientação do Prof. Dr. Claudinei de Camargo Sant’Ana. Para tanto, este estudo pretende utilizar de fontes históricas documentais, mas especificamente os diários de classe e também de entrevistas de professores de matemática que atuaram neste colégio no período de 1950-1969, nas quais serão realizadas no espaço mais apropriado para o (a) participante e serão gravadas em áudio e transcritas para análise dos dados, com o intuito de identificar aspectos do Movimento da Matemática Moderna no ensino da matemática.

Gostaria de informa-lo (a) também que conforme a Resolução 466/2012, toda pesquisa gera um grau de risco ao participante, de forma que, para essa investigação poderá ocorrer algum constrangimento ou desconforto durante a entrevista, incômodo emocional ao reviver as memórias e desgaste físico e mental mínimo. Em qualquer destes casos o (a) participante poderá deixar de responder a pergunta ou desistir da participação.

Por se tratar de uma pesquisa no âmbito da Educação Matemática na perspectiva histórica se faz necessário a divulgação dos nomes dos (as) participantes na escrita da dissertação e possíveis publicações referentes a pesquisa.

Os (as) participantes da pesquisa têm direito a esclarecimentos adicionais, antes, durante e depois da pesquisa. A participação na pesquisa não implica em gastos de qualquer natureza ou outros compromissos de qualquer natureza para os participantes. Nesse sentido, a participação é voluntária, portanto, os (as) participantes não serão remunerados pela participação na pesquisa e

ninguém é obrigado a participar da mesma, uma vez que a recusa não implica nenhum prejuízo para o (a) participante e, os (as) participantes podem abandonar a pesquisa em qualquer momento que desejarem.

De acordo com Res. 466/2012, este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será elaborado e assinado em duas vias, sendo que uma das vias ficará com o (a) participante da pesquisa e a outra será arquivada pelos pesquisadores por cinco anos.

Em caso de dúvidas ou maiores esclarecimentos favor entrar em contato com Malú Rosa Brito Gomes pelo e-mail malwrosa@gmail.com ou pelo telefone (73) 8829-8353, com Prof. Dr. Claudinei de Camargo Sant'Ana pelo e-mail claudineicsantana@uesb.edu.br ou pelo telefone (77) 3424-8651 ou com o Comitê de Pesquisa em Ética - CEP da Universidade Estadual do sudoeste da Bahia - UESB pelos e-mail cepuesb.jq@gmail.com, cepjq@uesb.edu.br ou pelo telefone (73) 3528- 9727.

Eu, \_\_\_\_\_, declaro que li e fui devidamente esclarecido (a) sobre os objetivos desta pesquisa, além disso, autorizo a gravação em áudio dos dados e divulgação do meu nome e dos resultados na escrita da dissertação e possíveis publicações referentes a pesquisa. Também estou ciente de que sou livre para deixar de participar a qualquer momento deste estudo, sem prejuízos.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Nome do (a) Participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura do (a) Participante

Eu certifico que todas as informações acima foram dadas a todos os (as) participantes.

Nome do pesquisador: \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador: \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador responsável: \_\_\_\_\_

## ANEXO 2 - Termo de Autorização de Uso de Imagem e Depoimentos

Eu \_\_\_\_\_, CPF \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_,

depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores Malú Rosa Brito Gomes e Claudinei Camargo de Sant'Ana do projeto de pesquisa intitulado **“O Ensino de Matemática no Colégio Taylor-Egídio, no município de Jaguaquara-Ba: 1950-1969”** a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Jequié - BA, \_\_ de \_\_\_\_\_ de 201\_\_

\_\_\_\_\_  
Participante da pesquisa

\_\_\_\_\_  
Pesquisador responsável pelo projeto

ANEXO 3 - Portaria Ministerial nº 170 de 11/07/1942<sup>292</sup> - Programas de Matemática do Curso Ginásial

<b>Primeira Série - 3 horas semanais</b>		
<b>GEOMETRIA INTUITIVA</b>	<b>Unidade I</b> Noções Fundamentais	<ol style="list-style-type: none"> <li>Sólidos geométricos, superfícies, linhas, ponto.</li> <li>Plano, reta, semi-reta, segmento.</li> <li>Ângulos.</li> <li>Posições relativas de retas e planos; paralelas; perpendiculares e oblíquas.</li> </ol>
	<b>Unidade II</b> Figuras Geométricas	<ol style="list-style-type: none"> <li>Polígonos; triângulos e quadriláteros.</li> <li>Círculo.</li> <li>Poliedros; corpos redondos.</li> </ol>
<b>ARITMÉTICA PRÁTICA</b>	<b>Unidade III</b> Operações Fundamentais	<ol style="list-style-type: none"> <li>Noção de número inteiro, grandeza, unidade e medida.</li> <li>Numeração.</li> <li>Adição, subtração, multiplicação e divisão de inteiros.</li> <li>Cálculo mental e abreviado.</li> </ol>
	<b>Unidade IV</b> Múltiplos e Divisores	<ol style="list-style-type: none"> <li>Números primos; decomposição em fatores primos.</li> <li>Parte alíquota de duas grandezas; m.d.c. e m.m.c.</li> </ol>
	<b>Unidade V</b> Frações Ordinárias	<ol style="list-style-type: none"> <li>Frações de grandeza; noção de fração.</li> <li>Comparação, simplificação, redução ao mesmo denominador.</li> <li>Operações fundamentais.</li> <li>Problemas sobre as frações de grandezas.</li> </ol>
	<b>Unidade VI</b> Números Complexos	<ol style="list-style-type: none"> <li>Unidade de ângulo e de tempo.</li> <li>Moeda inglesa e unidades inglesas usuais de comprimento.</li> <li>Operações com números complexos.</li> </ol>
	<b>Unidade VII</b> Frações Decimais	<ol style="list-style-type: none"> <li>Noção de fração e de números decimais.</li> <li>Operações fundamentais.</li> <li>Conversão de fração ordinária em decimal e vice-versa.</li> </ol>

<sup>292</sup> DASSIE, B. A. A matemática do curso secundário na Reforma Capanema. 2001. 170 f. Dissertação (Mestrado em Matemática) - Departamento de Matemática, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

<b>Segunda Série - 3 horas semanais</b>		
<b>GEOMETRIA INTUITIVA</b>	<b>Unidade I</b> <b>Áreas</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Área de uma figura plana; unidade de área.</li> <li>2. As unidades legais brasileiras e as inglesas mais usuais.</li> <li>3. Áreas das principais figuras planas; fórmulas.</li> </ol>
	<b>Unidade II</b> <b>Volumes</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Noção de volumes; unidade de volume.</li> <li>2. Unidades legais brasileiras e as inglesas mais usuais.</li> <li>3. Volumes dos principais sólidos geométricos; fórmulas.</li> </ol>
<b>ARITMÉTICA PRÁTICA</b>	<b>Unidade III</b> <b>Sistema Métrico</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Diferentes espécies de grandezas; medição direta e indireta.</li> <li>2. Grandezas elementares; unidades fundamentais; noção de grandeza composta.</li> <li>3. Unidades legais de comprimento, área, volume, ângulo, tempo, velocidade, massa, densidade, múltiplos e sub-múltiplos.</li> </ol>
	<b>Unidade IV</b> <b>Potências e Raízes</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Definições.</li> <li>2. Operações com potências.</li> <li>3. Quadrado da soma de dois números.</li> <li>4. Potências das frações.</li> <li>5. Regra prática de extração da raiz quadrada; aproximações no cálculo.</li> <li>6. Uso de tábuas para obtenção do quadrado, do cubo, da raiz quadrada e da raiz dos números inteiros e decimais.</li> </ol>
	<b>Unidade V</b> <b>Razões e Proporções</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Razão de duas grandezas.</li> <li>2. Proporções; medidas.</li> <li>3. Grandezas proporcionais.</li> </ol>
	<b>Unidade VI</b> <b>Problemas sobre problemas proporcionais</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Divisão proporcional.</li> <li>2. Regra de três.</li> <li>3. Porcentagens.</li> <li>4. Juros simples.</li> </ol>

<b>Terceira Série - 3 horas semanais</b>		
<b>ÁLGEBRA</b>	<b>Unidade I</b> Números Relativos	1. Noções concretas; segmentos orientados. 2. Operações.
	<b>Unidade II</b> Expressões Algébricas	1. Valor numérico e classificação das expressões algébricas. 2. Monômios e polinômios; ordenação e redução de termos semelhantes.
	<b>Unidade III</b> Operações Algébricas	1. Adição, subtração e multiplicação de polinômios. 2. Produtos notáveis; potência inteira de um monômio. 3. Divisão por um monômio. 4. Casos simples de fatoração.
	<b>Unidade IV</b> Frações Algébricas	1. Definição, propriedades. 2. Frações racionais: simplificação, redução ao mesmo denominador, operações fundamentais.
	<b>Unidade V</b> Equações do 1º grau	1. Equação: identidade; equações equivalentes. 2. Resolução e discussão de uma equação com uma incógnita.
<b>GEOMETRIA DEDUTIVA</b>	<b>Unidade VI</b> Introdução à Geometria Dedutiva	1. Proposições geométricas; hipótese, conclusão; demonstração. 2. Ponto, linha, superfície, reta e plano. 3. Figuras geométricas; lugares geométricos; congruência.
	<b>Unidade VII</b> A Reta	1. Ângulos. 2. Triângulos; congruência de triângulos. 3. Perpendiculares e oblíquas; mediatriz e bissetriz como lugares geométricos. 4. Teoria das paralelas. 5. Soma dos ângulos de um triângulo e de um polígono convexo. 6. Quadriláteros; propriedades do paralelogramo, translação, trapézio. 7. Construções geométricas.
	<b>Unidade VII</b> O Círculo	1. Determinação do círculo; posições relativas de uma reta e uma reta e um círculo. 2. Diâmetros e cordas. 3. Tangente; posições relativas de dois círculos. 4. Deslocamentos no plano. 5. Correspondências entre arcos e ângulos; ângulos inscritos, interiores e exteriores; segmento capaz; quadrilátero inscrito. 6. Construções geométricas

<b>Quarta Série - 3 horas semanais</b>		
<b>ÁLGEBRA</b>	<b><u>Unidade I</u></b> <b>Equações e Desigualdades do 2º grau</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Coordenadas cartesianas no plano; representações gráficas.</li> <li>2. Resolução e discussão de um sistema de duas equações com duas incógnitas.</li> <li>3. Resolução gráfica de um sistema de duas equações com duas incógnitas.</li> <li>4. Resolução de desigualdades do 1º grau com uma ou duas incógnitas.</li> <li>5. Problemas do 1º grau: fases da resolução de um problema; generalização; discussão das soluções.</li> </ol>
	<b><u>Unidade II</u></b> <b>Números Irracionais</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Grandezas incomensuráveis; noção de número irracional, operações.</li> <li>2. Raiz n-ésima de um número; radicais; valor aritmético de um radical.</li> <li>3. Cálculo aritmético dos radicais.</li> <li>4. Frações irracionais; casos simples de racionalização de denominadores.</li> </ol>
	<b><u>Unidade III</u></b> <b>Equações do 2º grau</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Existência das raízes no campo real; resolução.</li> <li>2. Relações entre os coeficientes e as raízes; sinal das raízes.</li> <li>3. Composição da equação dadas as raízes; aplicação a sistemas simples do 2º grau.</li> <li>4. Problemas de 2º grau.</li> </ol>
<b>GEOMETRIA DEDUTIVA</b>	<b><u>Unidade IV</u></b> <b>Linhas Proporcionais; Semelhanças</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Pontos que dividem o segmento numa razão dada; definição da divisão harmônica.</li> <li>2. Segmentos determinados sobre transversais por um feixe de paralelas.</li> <li>3. Linhas proporcionais no triângulo; propriedades das bissetrizes de um triângulo; propriedade das bissetrizes de um triângulo; lugar geométrico dos pontos cuja razão das distâncias a dois pontos fixos é constante.</li> <li>4. Semelhança de triângulos; semelhança de polígonos.</li> <li>5. Construções geométricas.</li> </ol>
	<b><u>Unidade V</u></b> <b>Relações métricas no triângulo</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Relações métricas no triângulo retângulo.</li> <li>2. Altura de um triângulo equilátero e diagonal do quadrado.</li> </ol>
	<b><u>Unidade VI</u></b> <b>Relações métricas no círculo</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Linhas proporcionais no círculo.</li> <li>2. Construções geométricas.</li> </ol>
	<b><u>Unidade VII</u></b> <b>Polígonos</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Propriedades dos polígonos regulares; expressão do ângulo interno.</li> <li>2. Construção e cálculo do lado do quadrado, do hexágono regular, do triângulo equilátero e do</li> </ol>

	<p><b><u>Regulares</u></b></p>	<p>decágono regular convexo.  <b>3.</b> Cálculo dos apótemas dos mesmos polígonos.  <b>4.</b> Lado do polígono de <math>2n</math> lados em função do de <math>n</math> lados.  <b>5.</b> Semelhança dos polígonos regulares.  <b>6.</b> Construções geométricas.</p>
	<p><b><u>Unidade VIII</u></b>   <b><u>Medição da Circunferência</u></b></p>	<p><b>1.</b> Comprimento de um arco de círculo.  <b>2.</b> Razão da circunferência para o diâmetro.  <b>3.</b> Expressões do comprimento da circunferência e de um arco; radiano.</p>
	<p><b><u>Unidade IX</u></b>   <b><u>Áreas Planas</u></b></p>	<p><b>1.</b> Medição das áreas das principais figuras planas.  <b>2.</b> Relações métricas entre as áreas; áreas de polígonos semelhantes. Teorema de Pitágoras.</p>



ANEXO 4 - Portaria Ministerial nº 1045<sup>293</sup> de 14/12/1951 - Programas de Matemática do Curso Ginásial

**Primeira Série - 3 horas semanais**

<p><b>I - Números inteiros; operações fundamentais; números relativos.</b></p> <p>1. Noção de número natural, grandeza, unidade, medida. Numeração: numeração falada; numeração escrita. Sistema decimal. Valor absoluto e valor relativo dos algarismos.</p> <p>2. Adição. Propriedades. Processo de abreviação. Prova.</p> <p>3. Subtração. Propriedades. Provas. Complemento aritmético de um número.</p> <p>4. Multiplicação. Propriedades. Processos de abreviação. Prova. Potência de um número. Produto e quociente de potências da mesma base.</p> <p>5. Divisão. Divisão aproximada. Propriedades. Processo de abreviação. Prova.</p> <p>6. Números relativos; interpretações. Adição, subtração, multiplicação, divisão e potenciação dos números relativos; regras práticas.</p>
<p><b>II - Divisibilidade aritmética; números primos.</b></p> <p>1. Múltiplos e divisores. Divisibilidade. Princípios fundamentais. Caracteres de divisibilidade por 10 e suas potências; por 2, 4 e 8; por 5 e por 25; por 3 e por 9; por 11. Propriedades elementares 10 e suas potências; por 2, 4 e 8; por 5 e por 25; por 3 e por 9; por 11. Propriedades elementares.</p> <p>2. Números primos e números compostos; números primos entre si. Crivo de Eratóstenes. Reconhecimento de um número primo. Decomposição de um número em fatores primos. Cálculo dos divisores de um número. Número divisível por dois ou mais números primos entre si dois a dois; aplicação à divisibilidade.</p> <p>3. Máximo divisor comum. Algoritmo de Euclides; simplificações. Propriedades. Máximo divisor comum pela decomposição em fatores primos. Mínimo múltiplo comum. Relação entre o máximo divisor comum e o mínimo múltiplo comum. Propriedades.</p> <p>4. Mínimo múltiplo comum. Relação entre o máximo divisor comum e o mínimo múltiplo comum. Propriedades.</p>
<p><b>III - Números fracionários.</b></p> <p>1. Frações. Fração ordinária e fração decimal. Comparação de frações; simplificação; redução ao mesmo denominador. Operações com frações ordinárias.</p> <p>2. Frações decimais; números decimais. Propriedades dos números decimais; operações. Conversão de fração ordinária em número decimal e vice-versa. Número decimal periódico.</p>
<p><b>IV - Sistema legal de unidades de medir; unidades e medidas usuais.</b></p> <p>1. Unidade legal de comprimento; múltiplos e submúltiplos usuais. Área; unidades de área; unidade legal; múltiplos e submúltiplos usuais. Área do</p>

<sup>293</sup> BRASIL. Portaria nº 1045, de 14 de dezembro de 1951. Expede os planos de desenvolvimento dos programas mínimos de ensino secundário e respectivas instruções metodológicas. D.O.U. Suplemento ao nº 45. Capital Federal, 22 fev. 1952.  
Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/2375333/dou-secao-1-22-02-1952-pg-65/pdfView>>. Acesso em: 12 out. 2014.

retângulo, do paralelogramo, do triângulo, do trapézio e do círculo; fórmulas. Volume; unidade de volume; unidades legais; múltiplos e submúltiplos usuais. Volume do paralelepípedo, do prisma, da pirâmide, do cilindro, do cone e da esfera; fórmulas. Peso e massa; unidade legal; múltiplos e submúltiplos usuais. Densidade; aplicações.

**2.** Unidade de ângulo e de tempo. Unidades inglesas e norte-americanas mais conhecidas no Brasil. Números complexos; operações; conversões.

**3.** Unidade de velocidade. Velocidade angular.

## Segunda Série - 3 horas semanais

<p><b>I - Potências e raízes; expressões irracionais.</b></p> <p>1. Potência de um número; quadrado e cubo. Operações com potências; potências de mesma base e potências semelhantes. Expoente zero; expoente negativo. Potência das frações. Potência de um número decimal.</p> <p>2. Expressão do quadrado da soma indicada de dois números e do produto da soma indicada pela diferença indicada de dois números; interpretação geométrica. Diferença entre os quadrados de dois números inteiros consecutivos.</p> <p>3. Raiz quadrada. Regra prática para a extração da raiz quadrada dos números inteiros. Limite do resto na extração da raiz quadrada. Prova. Raiz quadrada de um produto. Aproximação decimal no cálculo da raiz quadrada. Raiz quadrada dos números decimais. Raiz quadrada das frações.</p> <p>4. Raiz cúbica. Regra prática para a extração da raiz cúbica dos números inteiros. Prova. Raiz cúbica de um produto. Aproximação decimal no cálculo da raiz cúbica. Raiz cúbica de um número decimal. Raiz cúbica das frações.</p> <p>5. Grandezas comensuráveis e grandezas incommensuráveis. Números racionais e números irracionais. Radicais. Valor aritmético de um radical. Transformação do índice e do expoente; redução de radicais ao mesmo índice; comparação de radicais; redução de um radical à expressão mais simples. Operações com radicais. Potenciação e radiciação de potências; expoentes fracionários. Exemplos simples de racionalização de denominadores.</p>
<p><b>II - Cálculo literal; polinômios.</b></p> <p>1. Expressão algébrica. Valor numérico. Classificação das expressões algébricas. Monômios e polinômios; ordenação.</p> <p>2. Adição. Redução de termos semelhantes. Adição e subtração de polinômios.</p> <p>3. Multiplicação de monômios e polinômios. Produtos notáveis.</p> <p>4. Divisão de monômios; divisão de polinômios com uma variável.</p> <p>5. Casos simples de fatoração; identidades.</p> <p>6. Frações literais; propriedades; operações fundamentais.</p>
<p><b>III - Binômio linear; equações e inequações do 1º grau com uma incógnita; sistemas lineares com duas incógnitas.</b></p> <p>1. Igualdade, identidade, equação. Classificação das equações. Equações equivalentes. Resolução de uma equação do primeiro grau com uma incógnita; equações literais. Discussão de uma equação do primeiro grau com uma incógnita. Binômio linear; decomposição em fatores; variação do sinal e do valor.</p> <p>2. Desigualdade. Comparação de números relativos. Propriedades das desigualdades; operações. Inequação. Resolução das inequações do primeiro grau com uma incógnita.</p> <p>3. Equações do primeiro grau com duas incógnitas; sistemas de equações simultâneas. Resolução de um sistema linear com duas incógnitas pelos métodos de eliminação por substituição, por adição e por comparação. Discussão de um sistema linear de duas equações com duas incógnitas.</p> <p>4. Problemas do 1º grau com uma e com duas incógnitas; generalização; discussão.</p>

### Terceira Série - 3 horas semanais

<p><b>I - Razões e proporções; aplicações aritméticas.</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Razão de dois números; razão de duas grandezas. Propriedades das razões. Razões iguais; propriedades. Quarta proporcional. Cálculo de um termo qualquer de uma proporção. Proporção contínua; média proporcional; terceira proporcional. Propriedades mais usuais nas proporções. Idéia geral de média; média aritmética, média geométrica e média harmônica. Médias ponderadas.</li> <li>2. Números proporcionais; propriedades. Divisão em partes diretamente proporcionais em partes inversamente proporcionais a números dados.</li> <li>3. Regra de três. Resolução de problemas de regra de três simples e composta.</li> <li>4. Porcentagem; problemas. Taxa milesimal.</li> <li>5. Juros simples; problemas.</li> </ol>
<p><b>II - Figuras geométricas planas; reta e círculo.</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Figuras geométricas; ponto, linha, superfície, reta e plano. Congruência.</li> <li>2. Ângulos; definições; classificação e propriedades.</li> <li>3. Linha poligonal; polígonos; classificação. Número de diagonais de um polígono.</li> <li>4. Triângulos; definições, classificação. Grandeza relativa dos lados. Triângulo isósceles, propriedades. Casos clássicos de congruência de triângulos. Correspondência, na desigualdade, entre os lados e os ângulos. Comparação de linhas de mesmas extremidades.</li> <li>5. Perpendiculares e oblíquas. Mediatriz e bissetriz como lugares geométricos.</li> <li>6. Paralelas. Ângulos formados por duas retas quando cortadas por uma transversal; propriedades. Propriedades de duas retas perpendiculares a uma terceira. Postulados de Euclides; conseqüências. Propriedades dos segmentos de paralelas compreendidos entre paralelas. Propriedades de ângulos de lados paralelos ou de lados perpendiculares.</li> <li>7. Soma dos ângulos internos de um triângulo; conseqüências. Soma dos ângulos internos e dos ângulos externos de um polígono.</li> <li>8. Quadriláteros: classificação dos quadriláteros convexos; classificação dos paralelogramos e dos trapézios. Propriedades paralelogramo e do trapézio. Translação. Retas concorrentes no triângulo.</li> <li>9. Circunferência e círculo; definições. Propriedades do diâmetro. Arcos e cordas; propriedades. Distância de um ponto a uma circunferência. Tangente e normal. Posições relativas de dois círculos. Rotação.</li> <li>10. Correspondência de arcos e ângulos. Medida do ângulo central, do ângulo inscrito, do ângulo de segmento, do ângulo excêntrico interior, do ângulo excêntrico exterior. Segmento capaz de um ângulo dado.</li> </ol>
<p><b>III - Linhas proporcionais; semelhança de polígonos.</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Pontos que dividem um segmento numa razão dada. Divisão harmônica.</li> <li>2. Segmentos determinados sobre transversais por um feixe de paralelas.</li> <li>3. Linhas proporcionais no triângulo; propriedades das bissetrizes de um triângulo; lugar geométrico dos pontos cuja razão das distâncias a dois pontos fixos é constante.</li> <li>4. Semelhança de triângulos; casos clássicos. Semelhança de polígonos.</li> </ol>
<p><b>IV - Relações trigonométricas no triângulo retângulo. Tábuas naturais.</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Definição do seno, do co-seno e da tangente de um ângulo dado.</li> </ol>

Construção de um ângulo sendo dado o seno, o co-seno ou a tangente.  
2. Uso das tábuas naturais. Cálculo dos lados de um triângulo retângulo; projeção de um segmento.

### Quarta Série - 3 horas semanais

<p><b>I - Trinômio do segundo grau; equações e inequações do 2º grau com uma incógnita.</b></p> <p>1. Equações do 2º grau. Resolução das equações incompletas; Resolução da equação completa; estabelecimento da fórmula de resolução por um dos métodos clássicos; fórmulas simplificadas. Discussão das raízes: casos de raízes diferentes, de raízes iguais e da não existência de raízes. Relações entre os coeficientes e as raízes. Composição da equação dadas as raízes.</p> <p>2. Trinômios do segundo grau; decomposição em fatores; sinais do trinômio; forma canônica. Variação em sinal e em valor. Posição de um número em relação às raízes do trinômio. Valor máximo ou mínimo do trinômio do segundo grau. Inequações do segundo grau; tipos. Resolução de inequações do segundo grau.</p> <p>3. Problemas do segundo grau; discussão. Divisão áurea.</p> <p>4. Equações redutíveis ao segundo grau; equações biquadradas; equações irracionais.</p> <p style="text-align: center;">Transformações de forma: <math>\sqrt{A \pm \sqrt{B}}</math>.</p>
<p><b>II - Relações métricas nos polígonos e no círculo; Cálculo de <math>\pi</math>.</b></p> <p>1. Relações métricas no triângulo retângulo. Teorema de Pitágoras;</p> <p>2. Relações métricas no triângulo qualquer; relação dos co-senos.</p> <p>3. Cálculo das medianas, das alturas e das bissetrizes de um triângulo.</p> <p>4. Relações métricas no círculo. Corda e diâmetro que partem de um mesmo ponto. Ordenada de um ponto da circunferência. Cordas que se cortam. Potência de um ponto em relação a um círculo; expressões da potência. Construções geométricas elementares.</p> <p>5. Polígonos inscritíveis e circunscritíveis. Teorema de Hiparco. Teorema de Pitot.</p> <p>6. Polígonos regulares; propriedades.</p> <p>7. Construção e cálculo do lado do quadrado, do hexágono regular, do triângulo equilátero e do decágono regular convexo. Cálculo dos apótemas.</p> <p>8. Lado do polígono regular convexo de <math>2n</math> lados em função de <math>n</math> lados.</p> <p>9. Medição da circunferência. Comprimento de um arco de curva. Razão da circunferência para o diâmetro. Expressões do comprimento da circunferência e de um arco qualquer.</p> <p>10. Cálculo de <math>\pi</math> pelo método dos perímetros.</p>
<p><b>III - Áreas das figuras planas.</b></p> <p>1. Medição das áreas das principais figuras planas. Área do triângulo equilátero em função do lado; área de um triângulo em função dos três lados, em função do raio do círculo circunscrito e em função do raio do círculo inscrito.</p> <p>2. Relações métricas entre áreas; áreas dos polígonos semelhantes. Teorema de Pitágoras. Construções geométricas. Problemas de equivalências.</p>